

Geneluzza Dias de Lira

**FRACASSO ESCOLAR: VISÃO DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE CAJAZEIRAS PB**

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Ciências da Educação

Área de Ciências da Educação

Lisboa

2008

Geneluzza Dias de Lira

**FRACASSO ESCOLAR: VISÃO DE PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE CAJAZEIRAS PB**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de Mestre em **Ciências da Educação**, especialização em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas.

Orientador Científico: Professor Doutor Roberto Jarry Richardson
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Co-Orientador Científico: Professor Doutor José Duarte
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias -ULHT

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Ciências da Educação
Área de Ciências da Educação

Lisboa

2008

A Deus, esta essência maravilhosa e que me concedeu o dom precioso da vida. A Maria, a mãe de Jesus, presença viva na minha caminhada.

Aos meus pais que apesar de conhecer tão pouco de escola, me fizeram acreditar que o conhecimento gera vida.

Às professoras com as quais convivi em minha prática pedagógica e que sempre me proporcionaram trocas tão enriquecedoras, que este trabalho possa contribuir para a melhoria de suas práticas enquanto educadoras.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela maravilha de suas obras em minha vida, pela minha família, meus amigos, meu trabalho. Obrigada Senhor Deus por todos aqueles momentos em que eu achei que fosse impossível e disse: seja feita a sua vontade e logo uma nova porta se abria, uma madrugada a mais era superada. Obrigada por mais este sonho estar nos seus desígnios para minha passagem por esta estrada, que é a vida. Obrigada por todas as pessoas que fazem parte desta realização.

Aos meus orientadores, que acreditaram na minha idéia, na minha capacidade de escutar as orientações, de refazer várias vezes o trabalho. Quero agradecer a professora Adriana Sidralle, ao Prof. Dorgival Fernandes e, em particular, ao professor Jarry Richardson, que tornou possível o meu trabalho.

A minha mãe querida que esteve sempre comigo, em todos os momentos, me dizendo, “minha filha você vai conseguir”, viabilizando os espaços de tempo para que me dedicasse ao estudo. Pelo amor, pela admiração e orgulho nas minhas mínimas realizações, torcendo comigo em todos os momentos e orando a Deus pelo meu sucesso.

A meus filhos, Thalita (de coração) e João Filho, pelo amor que me transmitiram, fortalecendo a minha caminhada, pela independência de João Filho nas atividades escolares, compreendendo a minha ausência e me alegrando pelo entusiasmo com a escola. Esses foram os melhores presentes que Deus me deu. Obrigada.

A meus irmãos, que mesmo distante torciam por mim, pela realização de meus sonhos.

A minhas colegas de trabalho, que sempre me incentivaram, admirando-se do meu esforço e do meu amor pela educação e, em particular aqueles que construíram laços de amizade e admiração por mim.

As minhas colegas do mestrado, Delma e Darticleia, que estiveram juntas comigo em todos os momentos, trocando experiências, tirando minhas dúvidas e me apoiando para que chegássemos juntas ao final deste mestrado.

A todos os professores do município de Cajazeiras, e em especial aos que contribuíram para minha pesquisa, se disponibilizando a participar das entrevistas, tornando viável a realização deste trabalho.

LIRA, Geneluza Dias de. **Fracasso escolar**: visão de professores das séries iniciais do ensino fundamental da cidade de Cajazeiras PB. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Departamento de Ciências da Educação, Área de Ciências da Educação, Lisboa, 2008.

RESUMO

O fracasso escolar tem seu enraizamento na implantação de um sistema público de ensino na década de 1920, a qual exerceu decisiva influência sobre os rumos da educação no país nos anos subseqüentes. Embora tenha sido apenas a partir dos anos trinta que o crescimento de uma rede pública de ensino se tornou realidade com o advento do processo de urbanização e industrialização. Tal rede de ensino se orientou pela perspectiva do ideário da Escola Nova. A finalidade deste estudo tem como foco investigar o fracasso escolar a partir da visão de professores dos anos iniciais do ensino fundamental das escolas municipais da cidade de Cajazeiras - PB. Neste contexto, os sujeitos estudados foram os professores dos anos iniciais de escolas públicas, situadas na citada localidade. Utilizou-se como fundamentação metodológica, a abordagem qualitativa. Para tanto, os dados foram analisados mediante embasamento teórico contemplando a interlocução com Laurence Bardin (2004) e pelo *software* Alceste (REINERT1990). Os resultados demonstram que, na construção da visão do professor, as referências mais apontadas como responsáveis diretos pela produção desse fenômeno dentro da escola, foram os alunos e a família.

PALAVRAS - CHAVE: fracasso escolar. escola. família. aluno.

LIRA, Geneluzia Dias de. **School failure:** view of initial grades of the basic teaching in the town of Cajazeiras. Master's in Education. Lusófona University of Humanities and Technologies, Department of Social Sciences and Human beings, Area of Sciences of the Education, Lisbon, 2008.

ABSTRACT

The school failure has its roots in the implantation of a public system of teaching in the 1920 decade, which has carried out a decisive influence about on the routes of education in the country in subsequent years. Although it has been the Thirties that the growing of a public education system has become reality with the advent of the urbanization and industrialization process. Such net of teaching has been guided by the perspective of the New School. The purpose of this study has a focus to investigate the view of teachers of the beginning years of the elementary school of municipal district of Cajazeiras, about the school failure. In this context the studied subjects were the teachers of the beginning year of public schools, situated in this city. It has been utilized as methodological grounding, the qualitative approach, the data were analyzed by means of theoretical basement contemplating the interlocution with Laurence Bardin (2004) and by the software Alceste Reinert (1990). The results showed that, in the construction of teacher's view, the most representative references were the students and your families as the main cause of school failure.

KEYWORDS: school failure. school. family. student.

LISTA DE QUADROS

Quadro IV.1	- Total de alunos por turma.....	47
Quadro IV.2	- Formação de professores e tempo de atuação da Escola A.....	48
Quadro IV.3	- Estatística da Escola A.....	49
Quadro IV.4	- Formação de professores e tempo de atuação na Escola B.....	50
Quadro IV.5	- Estatística da Escola B.....	51
Quadro V.6	- Extratos da fala dos professores.....	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico V.1	- Dendograma.....	55
--------------------	--------------------------	-----------

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE QUADROS

LISTA DE GRÁFICOS

I INTRODUÇÃO.....	9
II FRACASSO ESCOLAR NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	13
2.1 Raízes Históricas.....	14
<i>2.1.1 Papel do Professor: um breve panorama.....</i>	<i>24</i>
2.2 Fracasso Escolar: uma discussão sócio-pedagógica.....	28
III PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM: DIVERSAS ABORDAGENS, DIFERENTES PRÁTICAS.....	33
3.1 Formação de Professores: Um Novo Cenário na Trajetória Escolar.....	39
IV PERCURSO METODOLÓGICO.....	43
4.1 Cenário do Estudo.....	44
<i>4.1.1 Caracterização da Cidade de Cajazeiras.....</i>	<i>44</i>
<i>4.1.2 Caracterização da Escola.....</i>	<i>46</i>
<i>4.1.2.1 Escola A.....</i>	<i>46</i>
<i>4.1.2.2 Escola B.....</i>	<i>49</i>
4.2 Universo/Amostra da Pesquisa Construção dos Dados.....	51
4.3 Análise dos Dados	52
<i>4.3.1 Programa Informático</i>	<i>52</i>
<i>Alceste.....</i>	<i>53</i>
<i>4.3.2 A Técnica de Análise de Conteúdo.....</i>	<i>53</i>
V RESULTADOS: VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE FRACASSO ESCOLAR.....	54
5.1 Campo Semântico da Visão dos Professores sobre o Fracasso Escolar.....	55
<i>5.1.1 As Classes e suas</i>	<i>60</i>
<i>Descrições.....</i>	<i>73</i>
5.2 Fracasso Escolar: Uma Visão Socialmente Compartilhada.....	79
VI CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	130

ANEXO – A: Entrevistas
ANEXO – B: Relatório Alceste

I INTRODUÇÃO

[...] desejar o saber é uma primeira etapa, mas saber desejar é uma refinada atitude; entre um e outro haverá a distância do canibal ao gourmet.

O professor pensa ensinar, o que sabe, o que recolheu dos livros e da vida. Mas o aluno aprende com o professor não necessariamente o que ele quer ensinar-lhe, mas aquilo que quer aprender. Assim, o aluno pode aprender o reverso ou algo diferente do que o professor ensinou-lhe. Ou, mais ainda, aquilo que o professor nem sabe que ensinou, mas o aluno reteve. O professor. Por isso, ensina também o que não quer. Algo de que não se dá conta e que passa silenciosamente pelos gestos e pelas paredes da sala...

(SANTANA, apud FERANÁNDEZ, 2001)

Buscar respostas à questão do fracasso escolar surge nesse momento como desafio numa tentativa de aprofundar e compreender a complexa epistemologia da educação e dos caminhos que se abrem para diversos espaços e contextos. Nesse estudo se empreende um percurso no campo educacional, na tentativa de refletir a visão que tem o professor das séries iniciais sobre o fracasso escolar.

O fracasso escolar se efetiva quando o processo ensino-aprendizagem não acontece satisfatoriamente, quando não se efetiva uma transformação qualitativa nos sujeitos aprendentes, quando não se acolhem as diferenças, quando não se opta por uma pedagogia que não tenha medo da estranheza, do diferente, do outro. De acordo com Perrenoud (2000, p. 18), “normalmente, define-se o fracasso escolar como uma simples consequência de dificuldades de aprendizagem e como a expressão de uma falta ‘objetiva’ de conhecimentos e competências”. O fracasso escolar é um fenômeno complexo causado por fatores intra e extra escolares. Collares (apud BORUCHOVITCH, 1995) destaca os fatores intra escolares, como sendo: a distância cultural entre a escola e a criança; a inadequação dos cursos de formação de professores; as expectativas não realistas do professor; a ineficácia dos métodos e práticas escolares. E os fatores extra escolares se caracterizam pelas condições sócio-econômicas dos alunos. Nesta direção, o fracasso escolar é causado por diversos fatores, sejam eles de ordem psicológica, social ou estrutural e organizacional da escola e ou do sistema. Em muitos casos tais fatores atuam simultaneamente. Não esquecendo que a ação docente é um fator essencial na promoção da aprendizagem, sem ser o único, podendo atenuar os efeitos das variáveis intra escolares, intervindo com conhecimento técnico-pedagógico, sem esquecer que o processo requer também intervenções política, social, econômica e cultural.

Então, fracasso escolar, na visão do professor, assume a posição de tema central desta dissertação. Pois está ligado ao meu exercício profissional, dada, pois, a familiaridade e a vivência com Escolas Municipais de Ensino Fundamental de Cajazeiras enquanto coordenadora pedagógica. E com base nessa experiência, nas minhas reflexões e inquietações oriundas de experiências vividas dentro da escola, é possível observar-se que o maior índice de reprovação e evasão se concentram nas séries iniciais, mais especificamente, na 1ª série, gerando, assim, baixa estima e desinteresse do aluno pela escola, além do acúmulo de dificuldades de aprendizagem acima da média. Encontramos porcentagem alta de evasão e repetência, não se buscando identificar com afinco as várias causas do fracasso escolar, o que provoca muitos questionamentos entre professores, alunos e pais, principalmente, quando os motivos que levaram a criança ao fracasso não são identificados com clareza e precisão. Assim, o tema estudado surgiu de uma inquietação que foi sendo construída no decorrer de

minha história profissional, aliada a alguns estudos relacionados, a muitos questionamentos, a incertezas e a grande necessidade de compreender, à luz da literatura científica, qual a real compreensão do docente envolvido nesse processo, face ao alto índice de evasão e de repetência no processo de alfabetização, que ocorre nos anos iniciais do ensino fundamental.

Ao tentar entender essa realidade, optei por este trabalho de investigação, com o objetivo de: analisar a visão dos professores dos anos iniciais das escolas municipais da cidade de Cajazeiras sobre o fracasso escolar.

Para responder ao objetivo geral deste estudo, foram delineados quatro objetivos específicos que proporcionaram um direcionamento sistematizado, para que as inquietações iniciais encontrassem possibilidades de respostas, a saber:

- levantar informações que os professores têm sobre o fracasso escolar;
- levantar informações sobre o fracasso escolar nas escolas A e B;
- caracterizar a visão dos professores dessas escolas sobre o fracasso escolar;

A partir dos objetivos delineados e numa perspectiva de compreender melhor o objeto da investigação, foi formulada a seguinte questão de pesquisa: Qual a visão que os professores pesquisados têm sobre o fracasso escolar?

Na tentativa de buscar respostas para o questionamento elaborado, o trabalho foi organizado em cinco capítulos.

O primeiro capítulo apresenta uma revisão da literatura sobre o fracasso escolar, discutindo os caminhos históricos desse fenômeno, enfocando seu enraizamento que marcará seu percurso na educação brasileira até os dias atuais. Aborda ainda, o papel do professor dentro do processo ensino-aprendizagem, procurando identificar onde acontece o abandono e a reprovação de crianças advindas das classes populares, fazendo ainda uma reflexão sobre os aspectos pedagógicos e sociais que envolvem a discussão sobre o fracasso escolar.

O segundo capítulo trata do processo ensino aprendizagem a as diversas abordagens e as diferentes práticas. na escola, mostrando, numa visão global, um conjunto de idéias e conceitos acerca do tema, o que auxilia na compreensão dos resultados. Discute a formação do profissional crítico da práxis educativa, investigador por excelência para atender às demandas do mundo contemporâneo.

O terceiro capítulo traz o percurso metodológico, enfocando a caracterização das escolas, o universo da pesquisa, a construção e a análise dos dados.

O quarto capítulo apresenta a análise dos dados, os quais foram construídos junto com os professores a partir de entrevistas não diretivas. Os dados foram analisados com a ajuda do programa

Alceste e com a análise de conteúdo, que deram margem para a compreensão e discussão dos resultados.

O capítulo cinco apresenta as considerações finais, os quais trazem dados relevantes e surpreendentes, pois que evidenciam professores que se mostram despreparados para conviver com a heterogeneidade dos alunos que estão em níveis de conhecimento diferentes dos demais, ocasionando o fracasso escolar e outros que se isentam totalmente desse processo, por entender que a culpa é somente do aluno e da família.

II FRACASSO ESCOLAR NO CONTEXTO BRASILEIRO

Nenhum país jamais alcançou o sucesso sem educar o seu povo; a educação é a chave para a sustentação do crescimento e a redução da pobreza (JAMES D. WOLFENSOHN, presidente do Banco Mundial).

(COSTA, 2007).

2.1 Raízes Históricas

Considera-se que o fracasso escolar tem seu enraizamento, no Brasil, com a implantação de um sistema público de ensino da década de 1920, o qual exerceu decisiva influência sobre os rumos da educação no país nos anos subseqüentes. Embora tenha sido apenas a partir dos anos trinta que o crescimento de uma rede pública de ensino se tornou realidade, com o advento do processo de urbanização e industrialização. Tal rede de ensino se orientou pela perspectiva do ideário da Escola Nova. Nesta direção, Patto (1999, p. 84) assinala que:

Parece-nos importante salientar um aspecto da teoria da escolanovista que constitui uma das vertentes da pesquisa educacional sobre o fracasso educacional: em suas origens, a nova pedagogia não localiza as causas das dificuldades de aprendizagem no aprendiz, mas nos métodos de ensino.

Desde então, os altos índices de evasão e repetência vêm atravessando os planos e investimentos no ensino fundamental. O que não é de todo sem intenção, pois como coloca Brandão (1986), o problema da evasão e repetência está relacionado a questões da seletividade social dentro da escola.

A democratização do acesso não é garantia de democratização do ensino. Ao esforço de ampliação de vagas, dentro do sistema escolar, não se seguiu de uma política segura de intervenção [...] para ensinar os que dependem exclusivamente da escola para aquisição dos conhecimentos e habilidades socialmente valorizados (BRANDÃO, 1986, p. 11).

Neste capítulo estão apresentadas informações que nos dão respaldo para um conhecimento histórico das raízes do fracasso escolar_correspondem às perdas (evasão e repetência) que ocorrem na escola no desenvolvimento do processo de ensino_quer sejam vistas como mitos ou como certezas fundadas numa realidade, onde estão inseridas as crianças e a prática pedagógica. O fracasso escolar tem se constituído como um objeto de estudo que vem desafiando estudiosos em várias décadas. Novos enfoques, novas metodologias e a realidade se mantêm desafiante como um enigma. E aceitando tal desafio, é que esta pesquisa foi pensada. Pois, se o fracasso escolar se mantém por tanto tempo, é preciso contextualizá-lo, historicizá-la, para compreendê-lo melhor e desmistificar a idéia de que ele é um fenômeno natural. Até porque esse fenômeno nem sempre existiu e isso deve-se ao fato de que a maioria da população brasileira por muitos anos, não teve acesso à escola, já

que os sistemas de ensino faziam parte dos anseios da burguesia e da nobreza. Assim, quando a escola pública ampliou suas vagas, instalou-se, então, uma longa permanência do quadro de fracasso, o que requer, por isso mesmo uma análise da questão.

Como a escola inicialmente reproduzia a ideologia do poder dominante e passou a ser desejada também pelas classes trabalhadoras, que via nesta um espaço importante de ascensão social, algo nela precisava ser mudado, como, por exemplo, a ideologia que perpassa.

Pois como afirma Patto (1999, p. 47):

A crença no poder da escola foi fortemente abalada pela primeira guerra mundial. O séc.XX tem início desmentindo a idéia de que a escola obrigatória e gratuita viera para transformar a humanidade, para redimi-la da ignorância e da opressão. A posse do alfabeto, da constituição e da imprensa, da ciência e da moralidade não havia livrado o homem da tirania, da desigualdade social e da exploração.

Na realidade, ao fazer uma retrospectiva histórica sobre o fracasso escolar no Brasil, Patto (1999) afirma que no começo do século XX existia um grande contingente de analfabetos, pois as políticas públicas tinham caráter elitista. Na escola não havia espaço para as classes populares, ascendendo, assim, uma pequena elite. No ano de 1930, as estatísticas mostravam que 75% da população não era escolarizada, portanto, a educação escolar era privilégio de poucos. Nesta mesma década surge uma nova pedagogia, a escolanovista, que localizava as causas das dificuldades de aprendizagem nos métodos de ensino. O ideário da escola nova é a de que a escola deveria se adaptar ao aluno, oferecendo ensino de qualidade, considerando as especificidades dos alunos, sua faixa etária e suas experiências culturais. Com isso, era dada importância ao processo de ensino para que pudesse despertar o interesse dos alunos e amenizasse questões como indiferença, apatia, turbulência e agressividade no contexto da sala de aula. Nessa direção, Cardoso (apud PATTO, 1999) atribui ainda ao pouco rendimento dos alunos, a má qualificação do professor e a insistência de colocar professor nas séries iniciais sem a necessária motivação para o ensino.

Nessa época, ainda no início do séc. XX, a pedagogia estava revestida de um humanismo ingênuo, em que se acreditava que a escola poderia produzir uma sociedade igualitária e que os lugares ocupados na sociedade seriam com base no mérito pessoal, pois era chegado o tempo da sociedade igualitária. Enquanto isso, muitos pesquisadores buscavam medir com precisão as verdadeiras aptidões, independentemente das influências sócio-econômicas sofridas pelas pessoas, justamente, por acreditar que as capacidades individuais

podiam ser impostas socialmente como forma de conquistar espaços na sociedade.

Ainda nos anos 1930, opera-se uma mudança na concepção das causas do fracasso escolar; se antes eram vistas como anormais pela psicologia e pela medicina, passa-se agora a buscar no ambiente sócio-familiar as causas dos desajustes infantis, que contribuem para o fracasso escolar. Ampliam-se, assim, as possibilidades de compreensão do que envolve a criança e a/na escola para, supostamente, poder explicar o insucesso escolar.

Nessa linha, Costa (1994, p. 19) faz a seguinte observação:

Procurando considerar esse aluno que fracassa não como um indivíduo isolado, mas situado num contexto, produto de uma classe social. Pretende-se poder fazer uma mediação entre o indivíduo e o social. Pretende-se, portanto, ao se procurar desmistificar o conceito de patologia atribuído a crianças que fracassam, mostrar que ela não só é capaz de aprender, mas também apresenta uma especificidade própria de pensamento, diretamente relacionado à sua classe social de origem.

Por isso, não é possível, simplesmente, afirmar que o fracasso da criança está relacionado apenas ao seu interesse em estudar, por exemplo, ainda nos anos de 1930, por outro lado, verifica-se a inexpressividade do crescimento da escola pública no Brasil. O país continuava com um grande índice de analfabetos, apesar de efervescentes movimentos no meio educacional, ocorridos nos anos de 1920, o qual tornou-se um marco na luta política entre facções da elite liberal. A partir do que se expressou o sonho de uma sociedade igualitária. Pois, acreditava-se que a escola poderia exercer um papel fundamental na democratização da sociedade e, por conseqüência, da escola.

Dentro deste contexto, como já colocado anteriormente, está o movimento da Escola Nova, que era baseado em princípios de movimentos europeus e norte-americanos. Este movimento tinha uma proposta pedagógica em contraposição aos pressupostos filosóficos e pedagógicos do ensino fundamental da época. Consistia em numa pedagogia voltada para o indivíduo e sua atividade criadora, buscando o autodesenvolvimento e a realização pessoal do aluno. Este movimento influenciou particularmente no Brasil, algumas reformas educacionais ocorreram, como; a de Sampaio Dória, em São Paulo (1920), a de Lourenço Filho, no Ceará (1923), a de Anísio Texeira, na Bahia (1925), a de Mário Cassanta, em Minas Gerais (1927), a de Fernando de Azevedo, no Distrito Federal (1928) e a de Carneiro Leão, em Pernambuco (1928).

As várias reformas educacionais ocorridas nesta época, conforme Patto (1999), não provocaram resultados significativos. As classes populares continuavam com poucas oportunidades de acesso à escola e de nela progredir, visto que, não se tinham políticas

públicas claras para a educação e nem a legislação vigente era respeitada para garantir o direito da sociedade.

Eis o que fala Patto:

Embora as idéias liberais tivessem um caráter progressista, no contexto de uma sociedade na qual os que detinham o poder político o exerciam de forma reacionária, elas só poderiam ficar restritas ao plano das idéias e da legislação não se traduzindo em mudanças políticas e sociais concretas (1999, p. 33).

Ainda nesta mesma década, a psicologia assume posição na prática de diagnóstico, no sentido de melhor operacionalizar o tratamento de desvios psíquicos, passando, assim, a justificar o fracasso escolar, criando programas de prevenção. Por outro lado, inúmeras pesquisas vieram dar suporte para a compreensão do fenômeno do fracasso escolar, das dificuldades de aprendizagem, do alto índice de evasão e reprovação das crianças que não conseguem construir os conhecimentos e competências necessárias a sua série. Complementando esta idéia, recorreremos a Charlot (2000, p. 16):

Existem, é claro, alunos que não conseguem acompanhar o ensino que lhes é dispensado, que não adquirem os saberes que supostamente deveriam adquirir, que não constroem certas competências, que não são orientados para a habilitação que desejariam, alunos que naufragam e reagem com conduta de retração, desordem, agressão. É o conjunto desses fenômenos, observáveis, comprovados que a opinião, a mídia, os docentes agrupam sob o nome de fracasso escolar.

Enquanto isso, no chão da escola o efeito dizimador do fracasso escolar atravessa décadas no Brasil. A elite escolarizada e informada e a grande massa aprendendo apenas para dar conta das exigências do mercado de trabalho e contribuir para o crescimento econômico, visto que, é evidente que o conhecimento constitui matéria prima para o desenvolvimento e para a modernidade, e sendo a escola é vista como um caminho importante para a vida da criança e do adolescente. Pois como afirma Martinelli (apud MELLO, 2005 p. 35) “o conhecimento será a viga mestra da equidade social e sua disseminação, o único elemento capaz de unir a modernidade e desenvolvimento humano”. Para tanto, o mesmo autor coloca que a escola precisa ser reconstruída e dotada de um verdadeiro processo de modernização e reforma, para que a escola contribua para tornar a sociedade mais justa, solidária e integrada, garantindo equidade na chegada, sem nenhuma pretensão de homogeneizar as crianças, mas observando as necessidades desiguais, assegurando a todos o acesso ao conhecimento.

Na década de 1950, estudos sobre o fracasso escolar ganham realce no cenário

científico brasileiro. O fracasso da criança de 7 anos que é considerada pela família como normal, a qual ao entrar na escola é taxada de deficiente, atribui-se a causas orgânicas. Nessa perspectiva, um outro termo é atribuído ao insucesso: distúrbio de aprendizagem. Pressupõe-se, assim, que exista uma disfunção no sistema nervoso central. Desinteresse, desatenção e indisciplina estão presentes no comportamento dessas crianças, levando a escola a entender as dificuldades apresentadas pelas crianças como uma doença, buscando encaminhamentos para uma classe especial. Desse modo, um grande número de crianças é “diagnosticado” pelos professores e encaminhado indiscriminadamente para médicos e psicólogos. E o diagnóstico incorporado pelo aluno e pelos pais, gerando conflito, faz recair sobre o aluno a culpa pelo seu insucesso, tornando-se, assim, mais fácil para a escola justificar o insucesso da criança por causas orgânicas, sem questionar e rever a sua própria prática pedagógica (ROSSINI; SANTOS, 2001).

Nesta perspectiva, esses autores afirmam que:

Entretanto, parece que a escola ainda não se deu conta de que o fracasso, a evasão e a reprovação são fenômenos que só ocorrem entre as crianças mais pobres, o que leva a constatação de que não é a criança que está inadequada para a escola, mas sim a escola que está inadequada para atender essas crianças. Daí a necessidade de que os professores percebam o prejuízo que podem causar a uma criança quando questionam a sua capacidade de aprendizado ou quando as enviam indiscriminadamente para serem diagnosticadas por médicos e psicólogos, tendo em vista que podem estar consolidando uma simples dificuldade escolar em distúrbio que sempre terá a marca de uma doença. Mas, acima de tudo, é preciso tirar da criança o peso de não aprender, caso contrário, à medida que os anos passam serão necessários mais e mais centros especializados para atendimento de crianças desatentas, indisciplinadas e desinteressadas (ROSSINI; SANTOS, 2001, p. 231).

A partir da década de 1960, pedagogos e psicólogos elaboram melhor seus discursos, apontando para as causas que levam ao insucesso, fechando, assim, seu diagnóstico sobre fracasso escolar, considerando as características psicológicas, biológicas e sociais do aluno. Diante dessa realidade, começa a se consolidar a teoria da carência cultural, com base nas idéias do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2005).

Nesse sentido, Arroyo (1997 p. 15) afirma que o fracasso escolar estava legitimado e que as condições socioculturais das famílias e dos alunos exerciam maior influência no desempenho do aluno do que os recursos educacionais. “A cultura do fracasso saía reforçada, e a legitimação do caráter excludente da escola e de sua cultura saía inocentada. A escola passava a ser vítima do contexto e do tipo de aluno que recebia”.

A idéia de que o fracasso escolar provinha do aluno, encontrou aceitação no Brasil e se reforçou mais no começo dos anos 1970, a qual viria explicar esse fenômeno, vindo de encontro à cultura de discriminação a respeito da incapacidade de pobres e negros. Muitos educadores foram se entusiasmando e assimilando acriticamente a tese da carência cultural e, equivocadamente, entendia-se esta teoria como “ausência de cultura”. A partir disso as crianças seriam vistas como “diferentes”. Num outro alinhamento Poppovic (apud PATTO, 1999) contrapondo-se a esta idéia, defendia que essas pessoas não eram nem diferentes nem deficientes, mas, precisam de um acompanhamento voltado para as suas necessidades.

Para que isto venha se concretizar faz-se necessário abolir este modelo de escola citado por Arroyo (1997, p. 14) quando refere-se:

[...] à escola como unidade “organizada, burocratizada, segmentada, gradeada. Enfim. A escola como modelo social e cultural de funcionamento organizativo. Esses aspectos são determinantes dos processos e dos produtos. Eles são os produtores dos fracassos e dos sucessos”.

Nesta direção, Mello (2005) observa que é preciso 20 anos para que numa escala de 1000 crianças matriculados na 1ª série, o último aluno deixe o sistema e conclua a 8ª série, mostrando assim a ineficiência do ensino brasileiro, provocando um drama entre as famílias que se esforçam por manter seus filhos na escola, mas que se defrontam com o efeito dizimador do fracasso escolar, que causa danos, muitas vezes, irreversíveis a auto-estima da criança, o que aos olhos da sociedade, parece natural, mesmo sendo estes tidos como incapazes de adquirir as habilidades intelectuais necessárias.

Na década de 1970, há uma política de democratização de acesso à escola, levando, assim, a um crescimento quantitativo, de acesso aos bancos da escola sem articulação devida da qualidade do ensino. Em um primeiro momento, o crescimento desordenado de prédios para funcionamento de escolas, por influência das políticas públicas_ que, de certa forma, interessava a alguns grupos políticos_ sem se preocupar com as perversas conseqüências causadas pelo fracasso escolar a milhares de crianças. Apesar de que a universalização de acesso à escola não origina, obrigatoriamente, o sucesso escolar, pois muitos abandonam a escola, seja por fatores internos à escola ou não.

Sobre isso, Mello (2005, p. 47) aponta:

Várias conseqüências funestas resultaram desse crescimento quantitativo irresponsável quanto à qualidade e uma delas foi a incorporação do fracasso escolar como algo natural, que faz parte da ordem das coisas, quando se trata da educação dos setores populares. Disso, por sua vez, decorre a irresponsabilidade de generalizar pelo mau desempenho dos alunos e o

emprego do álibi fácil segundo a qual os alunos fracassam porque são pobres e suas famílias não valorizam a escola.

Dentro desse processo de seletividade, empreendido pela escola, verifica-se que é interessante notar que o capital cultural valorizado e exigido do aluno pela escola apresenta um formato único, ou seja, a escola cria um modelo de aluno, em que apenas é valorizada a cultura dominante. Por isso elimina os que não atingem o nível exigido. Como salienta Fernandes (2005, p. 76):

Todavia, a escola ao cobrar indistintamente de todos os alunos um capital inicial que ela legitima, mas não transmite, tratando igualmente os desiguais, sob o discurso da democracia, efetiva um processo de seleção e exclusão, favorecendo o fracasso escolar dos alunos desprovidos de um capital cultural legitimado, os alunos das camadas populares.

Assim, sucesso e insucesso nas séries iniciais do ensino fundamental são explicados a partir dos resultados individuais e do desenvolvimento lingüístico e cognitivo, legitimando a cultura e a linguagem das classes mais favorecidas. Sendo a apropriação do capital cultural responsável pelo sucesso escolar, confirmando que a criança fracassa na escola porque não dispõe de um capital cultural e uma linguagem considerada pela escola como legítima. Sobre isso Nicolaci-da-Costa (apud RESENDE 2004, p. 104) coloca:

A criança, ao ingressar na escola, depara, tal como todo um conjunto de valores, comportamento e atitudes de um grupo social diferente do seu. É uma situação difícil de enfrentar: durante parte do dia (no horário escolar) tenta-se fazer da criança um membro da cultura x (o da escola) enquanto que durante o resto do tempo ela é membro integrante da cultura y (a do seu pai, irmão, parente, vizinhos e amigos). É uma situação de conflito, uma situação que tem o potencial de gerar insegurança, de criar uma sensação de perda de referência.

Diante disso, afinal, onde estaria a causa do fracasso escolar? De acordo com Rossini e Santos (2001), não se pode transferir a “culpa” da criança para o professor, no entanto não se pode insentá-lo, de tal responsabilidade ainda que alguns fatores tenham contribuído para o insucesso, como: formação inadequada do professor, dissociação entre a teoria e a prática, fundamentação teórica inconsistente, falta de material didático, baixos salários, classes superlotadas, fatores que têm contribuído, indubitavelmente, para a deterioração do trabalho docente. Contribuindo com esta discussão, Fini (apud ROSSINI; SANTOS, 2001, p. 232) coloca que não se pode esquecer o compromisso e a responsabilidade do educador para com os seus alunos, assim como das instituições para com os seus

professores. “Há muito que ser feito no âmbito da sala de aula, sem necessidade de recorrer a serviços especializados, cuja função é o atendimento de patologias específicas”.

Nos anos 1980, com o fim da ditadura militar no Brasil, vem à tona todo um ardor cívico, revelando um tema que ano após anos tem sido motivo de muitas discussões, a questão da construção da cidadania e participação dos educandos. O que posteriormente foi introduzido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, em seu art. 2º, que expressa: “a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento dos educandos, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Na realidade, mesmo em pleno início do séc. XXI, o fracasso escolar está posto, visto que a educação básica avançou, dando direito a todos de entrarem na escola, mas esta não se estruturou para garantir o acesso, de fato, à construção do conhecimento. E, portanto, por conta do fracasso escolar, esse direito continua selecionando e excluindo quem chega à escola. Como observa Arroyo (1997, p. 13):

Partindo da hipótese de que tanto na escola privada quanto na pública a lógica não é muito diferente: há uma indústria, uma cultura da exclusão. Cultura que não é desse nem daquele colégio, desse ou daquele professor, nem apenas do sistema escolar, mas das instituições sociais brasileiras, geradas e mantidas, ao longo deste século republicano, para reforçar uma sociedade desigual e excludente. Ela faz parte da lógica e da política da exclusão que permeia todas as instituições sociais e políticas, o estado, os clubes, os hospitais, os partidos, as igrejas, as escolas.... Política de exclusão que não é própria dos longos momentos de administração autoritária e de regimes totalitários. Ele perpassa todas as instituições, inclusive aquelas que trazem no seu sentido e função a democratização de direitos constitucionalmente garantidos como a saúde ou a educação.

Em outras palavras, a cultura da exclusão é mais forte e, na verdade, tem raízes não exatamente na escola, no livro didático, nos métodos de ensino, mas, com certeza, na política desenvolvida para fortalecer os que já têm condição de sobreviver na sociedade.

Ainda nos anos 80, eis que surge uma reação à tese da deficiência do aluno, afirmando que o rendimento escolar não pode ser condicionado às dificuldades sócio-culturais e intelectuais do aluno. A partir do que, conforme Arroyo (1997, p. 15-16) “a escola voltou a ser julgada como ré, culpada, responsável pelos produtos do fracasso e do sucesso escolar. [...] Novas dimensões do processo escolar passaram a ser destacadas: a cultura escolar e a organização dos sistemas de ensino”.

Nessa direção, Arroyo (1997, p. 18) continua sua discussão sobre a escola:

Fica mais destacado que nossa escola não foi estruturada para permitir uma

experiência educativa e cultural para a infância pobre. Nem diante da degradação social da maioria da infância e da adolescência a escola revê sua estrutura seletiva e excludente. [...] Pesquisas já têm mostrado que a cultura escolar os estigmatiza e os rotula como diferentes, incapazes, inferiores, menos dotado para o domínio das habilidades pretendidas e exigidas pelo processo de ensino-aprendizagem.

Em outras palavras, a escola dialeticamente produz o fracasso escolar, mas não se reconhece ao fazê-lo. O que, historicamente, tem sido um o problema educacional. Pois na escola instaurou-se a cultura do fracasso e ocorre, preponderantemente, entre os alunos provenientes das classes populares, embora não se comprove que exista uma relação direta ou de determinismo entre fracasso escolar e pobreza. Até porque existe uma multiplicidade de fatores que, combinados de forma complexa, exercem influência sobre a trajetória escolar dos alunos. Sendo alguns desses fatores contextuais - da própria estrutura social e econômica da sociedade - e outros referentes a políticas públicas, ou mesmo, internos à escola. Thomaz (apud Lopes 2000) considera que fatores internos à criança podem influenciar na aprendizagem, como as causas de ordem interna, que estão relacionadas aos aspectos cognitivos e de saúde do aluno, e de ordem externa, que estão relacionados aos aspectos sociais, econômicos e culturais.

Desse modo, considerando todo esse levantamento histórico e teórico realizado e considerando as pesquisas do INEP (Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional), no ano de 1990, observa-se que pelo menos 50% dos alunos repetiam a primeira série do ensino fundamental. Já no ano de 2003, números da educação no Brasil revelam que as taxas decaíram, mas, na região Nordeste, o número de crianças que repete a 1ª série, ainda é de 43%.

Em 2003, o SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica- (BRASIL, 2008) afirma que os alunos terminam o 1º segmento do ensino fundamental, ou seja, a 4ª série, em situação de atraso. Cerca de 38% dos alunos não atendem às exigências básicas dessa etapa. Em relação a isso, Carvalho (1997, p. 23) faz um questionamento: “Qual a razão para tanto: um quarto ou quase metade de nossos alunos não são capazes para o que lhes oferecemos ou nossas expectativas e formas de atuação não estão condizentes com os alunos que temos?”.

Convive-se historicamente com um grande problema em nossas escolas, o insucesso escolar. A instituição social, chamada escola, enfrenta um desafio em sua trajetória, que não sabe como resolver, pois, por muito tempo, se sustentou a idéia de que a aprendizagem era para alguns e não para todos, visto que, a escola atendia especificamente às

classes dominantes. Porém, desde que se estabeleceu a “educação para todos”, a escola ficou sem resposta, apresentando uma trajetória marcada por rupturas e reprovações, instaurando-se, assim, uma cultura de insucesso (RESENDE, 2004).

Resende (2004) salienta que o insucesso escolar foi instaurado na escola e se justifica sob diferentes perspectivas, tais como: falta de prontidão da criança; carência e diferença cultural, falta de clareza do professor de como ocorre o processo ensino-aprendizagem, diferentes funções atribuídas à leitura e à escrita. A falta de prontidão da criança se caracteriza mais essencialmente, como uma das explicações para o insucesso escolar. E considerando esse entendimento, reporta-se ao teste ABC, no ano de 1931, criado por Lourenço Filho, para avaliar a criança nas séries iniciais, no seu desenvolvimento motor, físico e psicológico. O resultado desse teste mostraria o estado de prontidão do aluno.

Com esse modelo, ficou claro, para muitos estudiosos, que o teste estaria selecionando e rotulando crianças oriundas das classes populares, atribuindo, assim, o insucesso à falta de prontidão do aluno. E, Costa (1994, p. 19) denuncia que os testes respondiam à ideologia das classes dominantes, responsabilizando a criança pobre pelo seu fracasso nas séries iniciais, o que vem contrapor ao seu pensamento, de que a criança “não só é capaz de aprender, mas também apresenta uma especificidade própria de pensamento, diretamente relacionada à sua classe social de origem”.

Nesse contexto, portanto, o desafio da educação brasileira está em superar nos resultados obtidos seja nos testes de prontidão do início do século passado, ou na avaliação feita pelo SAEB, órgão do governo federal responsável por aferir o desempenho dos alunos da educação básica e os fatores associados a esse desempenho. Com isso verifica-se que os estudos realizados ao longo do tempo sobre insucesso escolar estão direcionados para um ou outro aspecto segundo os interesses do momento histórico. Desse modo, ainda é muito significativo o número de crianças que fracassa nas escolas públicas do Brasil, principalmente, nas séries iniciais do ensino fundamental.

Não saído de cena o fracasso escolar hoje é um dos problemas mais estudados e discutidos na área de educação, principalmente, quando se trata das séries iniciais, mais especificamente, a 1ª série do ensino fundamental. Isto, porque, aqueles que não conseguem responder às exigências da instituição, sofrem com o problema de aprendizagem insatisfatória. E a busca imediata pela perfeição, leva à rotulação daqueles que não se encaixam nos parâmetros impostos pela escola. Com base nisso, quando o aluno não tem sucesso, começa-se a buscar culpados, e, então, ora se culpa a criança, ora a família, ora o sistema sócio-econômico, ora o professor, ora a instituição escolar. Quando acontece o

fracasso escolar, Carvalho (1997, p. 24) acredita que:

Fracassam todos, os que ensinam, os que são ensinados e todos os demais integrantes desta sociedade. E fracassamos não simplesmente nas tarefas de propiciar ao indivíduo que estuda uma oportunidade de seguir seus estudos, de obter um diploma ou de se inserir no mercado de trabalho [...]. A exclusão escolar em seu segmento fundamental materializa, também e, sobretudo, o fracasso de toda uma geração já adulta em iniciar as novas gerações nas disciplinas, capacidades e valores que julgamos fundamentais, portanto, básicos, comuns e necessários a todos. O que é um enorme fracasso. Não do aluno, mas de todos nós!

Enfim, o fracasso escolar vem se perpetuando com o crescimento do sistema público de ensino, atingindo principalmente as classes populares, haja vista, as políticas públicas estarem, ainda voltadas para as elites, e, embora que a partir da década de 30 com a implantação da Escola Nova, busca-se uma ascensão não exitosa e o cenário se repete nos anos subsequentes.

O fato é que os aspectos quantitativos têm predominado sobre os qualitativos, quando coerente seria uma articulação destes aspectos entre si, contribuindo com a aprendizagem eficiente e igualitária. Desta forma, compreende-se, que a educação brasileira, apesar de ter passado por diversas reformas, elaboração de programas e promulgação de leis as escolas públicas, tem enfrentado desafios, os quais não sendo bem administrados traz como conseqüências o baixo rendimento do aluno fortalecendo o fracasso escolar.

2.1.1 Papel do Professor: um breve panorama

Nesse contexto, o papel do profissional da educação precisa ser repensado. Pois de acordo com Gadotti (1998), faz-se mister que o professor se assuma enquanto um profissional do humano, social e político, tomando partido e não sendo omissos, neutros, mas sim definindo para si de qual lado está, pois se apoiando nos ideais freirianos, ou seja a favor dos oprimidos ou contra eles. Posicionando-se frente a sociedade e usando a educação como instrumento de luta, conduzindo a população a uma consciência crítica que supere o senso comum, todavia não o desconsiderando.

Nessa perspectiva, compreende-se que o professor participa para a construção de

uma sociedade melhor, menos excludente, e realmente democrática. Não se pode esperar que tal organização brote espontaneamente, mas nesse momento a educação assume um papel importante, caminhando lado a lado com a prática política do povo. Sendo assim, o profissional da educação assume aqui um papel sobretudo político.

Os professores percebem-se como ser social e político, que conduz a uma reflexão social e cultural na luta pela transformação das estruturas opressivas da sociedade classista. Para isso, antes de tudo necessitam conhecer a sociedade em que atuam, o nível social, econômico e cultural de seus alunos.

Diante desse contexto, percebe-se a importância do papel do professor, mas é perceptível também que as políticas públicas na educação não se encaminham na direção de uma valorização desse profissional e conseqüentemente gera um ensino de pouca qualidade, pois como coloca Mello (2005):

- a falta de uma política de valorização do professor, ocasionando baixos salários e, conseqüentemente, gerando insatisfação e greve no magistério;
- a jornada escolar encurtada para compensar os baixos salários dos professores, encurtando também as horas efetivas com os alunos;
- a falta de uma estrutura adequada nas escolas para desenvolver um trabalho de qualidade, como: biblioteca, laboratórios, materiais didáticos e outros necessários para oferecer condições mínimas de funcionamento;
- o ano letivo reduzido por falta de transporte, de carteiras, de professores, recessos, paralisações;
- os professores despreparados para trabalhar com o aluno real que se encontra nas escolas públicas brasileiras, sentindo-se impotentes e repassando a responsabilidade para outras instâncias como: a família, o aluno e os poderes públicos;
- a falta de integração entre as séries, fruto de uma expansão quantitativa, não acompanhada de uma organização institucional, causando descontinuidade e instabilidade no processo, impedindo que se forme um trabalho em equipe e se construa um projeto político pedagógico consistente,

Assim, provocam um conjunto de fatores intervenientes em todo processo de produção do fracasso escolar. E, desse modo, o professor é convocado pela sociedade, pela família e, até mesmo, pelo aluno, para expressar uma nova dinâmica de trabalho, para que possa contribuir para associar o crescimento quantitativo ao crescimento qualitativo, e, assim,

favorecer a democratização do ensino público e a equidade nos pontos de chegada. Em outras palavras, que todos os alunos que entram na escola tenham o direito de concluir o ensino fundamental e o ensino médio, para que possa dar continuidade e ter acesso a uma academia.

Mello (2005 p.61) discute essa questão de equidade quando coloca que:

Essa equidade não se atingirá partindo de propostas de ordenamento homogêneo e sim de práticas escolares e modelos de gestão construídas a nível local, que permitam incorporar necessidades desiguais e trabalhar sobre elas ao longo do processo de escolarização, de modo a assegurar acesso ao conhecimento e satisfação das necessidades básicas de aprendizagem para todos.

Centrado nesta discussão faz-se necessário focalizar o papel do professor frente a este contexto de escolarização, o qual requer o entendimento de que a função principal da escola é ensinar, dentro de uma dinâmica em que construa a qualidade e não deixe se sobrepor pelo fator quantitativo. Ou melhor, é preciso trabalhar para se ter um resultado esperado, que deve ser a aprendizagem do aluno. Para tanto, exige valorização do professor e instrumentalização da escola, contribuindo, assim, para a consecução dos objetivos propostos e ensino-aprendizagem.

Sobre isso, Brandão (1986, p. 16) faz a seguinte colocação:

Os professores, por sua vez, enquanto elementos fundamentais dessa mediação, estão quer pela formação que receberam, quer pelas condições concretas de suas atividades, sofrendo injunções institucionais que alertam para o sentido político das altas taxas de evasão e repetência.

Nesta perspectiva, o professor encontra-se diante de uma situação desafiadora o de lidar para vencer a barreira da repetência e da evasão tomando-as como prioridades educacionais considerando que 50% de repetência é constatado nos primeiros anos do ensino fundamental. Reverter esse quadro exige reorganização do sistema de ensino, e em se tratando de determinantes internos da escola, e do professor é exigido que adote providências necessárias de organização. Pois como enfatiza Mello (2005) antes qualquer ação; é preciso considerar que:

- O fracasso escolar acontece em diferentes contextos, mais especificamente, nos setores menos favorecidos. À medida que vai aumentando a expansão do ensino público aumenta o ingresso de crianças pobres na escola;
- A capacidade metodológica necessita ser aguçada para assistir, cuidadosamente, aos alunos, garantindo o mínimo aceitável de qualidade.

- As ações de curto e médio prazo devem ser articuladas considerando o aluno que fracassa, não como um indivíduo isolado, mas, situado num contexto, produto de uma classe social, o qual ele é capaz de aprender, tendo especificidades próprias de seu meio.
- Experiências escolares de êxito passam a ser vivenciadas, no sentido de reafirmar que as crianças são capazes e que é possível buscar recursos para tornar o aprendizado eficaz.
- Diante da complexidade do problema do fracasso escolar, é necessário um planejamento cuidadoso, evitando o imediatismo, o modismo e a improvisação.

Outro fator influente na reversão do quadro apresentado decorre da qualidade dos cursos de formação, tanto inicial como continuada, para efetivação de uma proposta de trabalho que seja consolidada com eficiência, identificando assim, as falhas e promovendo os ajustes necessários. É preciso que o fortalecimento da prática do professor perpassa por uma formação que lhe dê autoconfiança e conhecimento técnico para construção de um projeto estrategicamente pedagógico, que reúna os saberes adquiridos na sua formação e a sua concepção proveniente da reflexão desses saberes e de sua prática. Em suma, o professor depende de um aparato técnico e pedagógico para que sua prática seja permeada de sucesso e não de fracasso.

O professor ocupa estrategicamente uma posição importante na relação do saber com a sociedade, com o aluno e consigo mesmo, compreendendo que o saber é construído historicamente pela humanidade. E, por isso, Tardif (2002, p. 35) chama atenção para que o professor não seja unicamente um transmissor de “saberes elaborados por outros grupos”. Não seja apenas um depositário de conhecimento, contribuindo para o que Freire (1986) chama de “educação bancária”, mas que entenda o processo como um tempo de aprendizagem, de formação, compreendendo ainda que o processo de ensinar exige uma formalização e uma sistematização adequada em relação aos educandos.

Tardif (2002, p. 36) contribui com esse raciocínio, afirmando:

A relação dos docentes com os saberes não se reduz a uma função de transmissão dos conhecimentos já construídos. Sua prática integra diferentes saberes docentes com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Assim, os saberes produzidos na prática docente integram sua formação inicial

nas diversas disciplinas oferecidas na graduação, mas ao longo de sua carreira os professores se apropriam de outros saberes que Tardif (2002) chama de saberes experienciais. Estes estão relacionados à prática, à aplicabilidade dos saberes adquiridos, e se caracterizam como conteúdo, objetivo e método.

Considerando isso, pode-se afirmar que adquirir saber é se apropriar do mundo, é tornar-se sujeito, tornar-se autônomo, estabelecendo uma relação com o mundo e com os outros. E o professor ao mobilizar esse saber para a sua prática, torna-se também um construtor de teoria a partir de uma prática refletida. Pois de acordo com Pimenta (2000, p. 27) “os saberes pedagógicos podem colaborar com a prática. Sobretudo se forem mobilizados a partir dos problemas que a prática coloca, entendendo, pois, a dependência da teoria em relação à prática, pois esta lhe é anterior”.

Os saberes pedagógicos produzidos ao longo da formação docente precedem a prática do professor, mas são os saberes produzidos ao longo de sua prática, que, muitas vezes, dão o suporte maior para o professor. Acerca disso Tardif (2002), afirma que são esses saberes que não provêm das instituições de ensino e nem estão sistematizados em nenhuma teoria, mas que formam um conjunto de representações que orientam o trabalho do professor.

Nesse sentido Charlot (2000, p. 62 - 63) menciona:

É verdade que a prática mobiliza informações e saberes; e nesse sentido, é exato dizer-se que há saber nas práticas [...] Assim, um vendedor ou um professor de escola primária reagirá, por instinto, de maneira pertinente, em tal ou qual situação, o que não saberia fazer quem não tivesse a prática de venda ou de ensino. Isso é verdade, mas ainda, deve ser interpretado. Quem tem prática vive em um mundo onde percebe indícios que outras não verificam, dispõe de pontos de referência e de um leque de respostas dos quais outros estariam desprovidos.

Portanto, ao tentar compreender como o professor lida com essas questões, instala-se um sutil mecanismo de defesa deste, quando o fracasso escolar remete para muitos debates sobre a eficácia dos docentes, espera-se que estes não vejam como algo natural o fenômeno da reprovação, mas que repensem a sua prática a partir dos saberes acumulados e do contexto em questão a fim de modificar tal realidade.

2.2 Fracasso Escolar: uma discussão sócio-pedagógica

A educação contemporânea tem se curvado às transformações da lógica de produção capitalista, buscando promover nos alunos, o sucesso e a eficiência, a partir dos pressupostos de tal tendência capitalista, tentando oferecer soluções para esclarecer os impasses encontrados.

Nesse sentido, o sistema de educação brasileira vem tentando buscar, embora de modo não muito exitoso, diversas saídas face aos impasses derivados das contradições do capitalismo, como: Programas de formação continuada para os professores, bolsa escola para subsidiar material escolar para os alunos. Sobre isso, Elliot (apud CORTESÃO, 2002, p. 36) assinala que:

As políticas só se preocupam em promover reformas e medidas que eles pensam poderem contribuir para fazer subir os ‘padrões de sucesso’ nas escolas, mas de que não questionam características ideológicas que estruturam a sua perspectiva instrumental de conhecimento.

Diante deste contexto, no qual se evidenciam os contrastes da escola capitalista e de suas medidas para solução de problemáticas diagnosticadas, o principal desafio da educação brasileira para as próximas décadas, é o de construir qualidade de ensino, visto que a escolarização tem crescido quantitativamente, mas, qualitativamente, a evolução é incompatível. Já que as avaliações educacionais têm constatado que são altas as taxas de repetência e baixos os níveis de aprovação.

Nos últimos anos, estudos apontam para dois fatores determinantes do fracasso escolar: os fatores extra-escolares e intra-escolares. No primeiro grupo estão os fatores relacionados com a realidade sócio-econômica a que está submetida a maioria da população brasileira, movida pelas diferenças sociais, culturais e econômicas, criando, assim, entraves para a entrada, e, principalmente, para a permanência da criança pobre na escola.

Caminha paralelamente com os fatores extra-escolares, uma série de outros fatores que também geram o fracasso escolar, entre os quais os educadores têm uma ação mais direta, podendo intervir para que não se tenha uma prática pedagógica que venha contribuir e conservar na escola, o que Bourdieu (2005) chamou de deficiência cultural, o que demonstra que a escola continua eliminando as crianças menos favorecidas. Bourdieu (2005, p. 41) lembra que:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da escola libertadora, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de

legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural.

Tratar o fracasso escolar apenas como sendo fruto de fatores extra-escolares, pode-se incorrer em um grande engano, embora a questão de acesso ao ensino fundamental está satisfatoriamente equacionada no Brasil, mas se depara com o desafio de dispor de uma cobertura qualitativa. À medida que se ampliou o número de alunos na escola, sem ter solucionado os crônicos problemas de má qualificação de ensino, “ocorreu o fato de que a expansão qualitativa não foi acompanhada de uma reorganização institucional que deveria ter como foco principal a atenção à organização mínima para o seu funcionamento” (MELLO, 2005, p. 57). Característica de desigualdade social expressa em todos os setores do país.

Já os fatores intra-escolares são considerados o currículo, os programas, os trabalhos desenvolvidos pelos professores e especialistas, e as avaliações de desempenho dos alunos que são hoje, segundo Mello (2005), mecanismos de seletividade poderosos, são de tal teor que contribuem para o fracasso escolar das crianças de origem social e econômica desfavorecida, contribuindo para o fracasso escolar. Nesse contexto, observa-se que a escola não apresenta os padrões básicos de qualidade de seus serviços, tais como: capacitação de professores, instalações físicas adequadas, jornada de 4 horas aula diárias de efetivo trabalho para como aluno e falta de equipamentos básicos; o que leva a buscar no aluno, na família, os fatores que contribuem para a não aprendizagem da criança. Sobre isso, Charlot (2000, p. 24 e 27) faz a seguinte colocação:

Se certas crianças fracassam na escola, seria “por causa” de sua origem familiar; e, hoje, de sua origem “cultural”, isto é, “étnica”. Essa interpretação é inteiramente abusiva. É verdade que o fracasso escolar tem alguma relação com a desigualdade social. Mas isso não permite, em absoluto, dizer-se que “a origem social é causa do fracasso escolar”!

É verdade que certas crianças não conseguem adquirir certos conhecimentos. É verdade que amiúde elas não têm as bases necessárias para apropriar-se deles. É verdade que elas provêm de famílias populares. Não são esses os fatos que eu questiono, mas a maneira como eles são teorizados em termos de falta, deficiências e origem, sem que sejam levantadas a questão do sentido da escola, para as famílias populares e seus filhos, nem a pertinência das práticas da instituição escolar e dos próprios docentes ante essas crianças. [...] Está comprovado também que certas crianças de meios populares têm sucesso, apesar de tudo, na escola. Isso deveria fragilizar a teoria da deficiência e da origem: nem todas as crianças sofrem uma desvantagem por causa da sua origem; deveríamos olhar para esses fatos mais atentamente.

Nessa perspectiva, a escola parece inadequada às crianças das classes menos

favorecidas, porque tem concebido um modelo de aluno e de aprendizagem, partindo de conhecimentos, valores, padrões de comportamento e linguagem que dizem respeito às “classes médias” e que tornam-se estranhos e distantes ao grande segmento da população. A partir disso, Souza (1999, p. 115) faz a seguinte reflexão: “o fracasso escolar seria então explicado como consequência de certa assintonia entre os conhecimentos, padrões e valores transmitidos pela escola e aqueles pertencentes aos grupos das camadas populares”.

No entanto, entende-se que a escola possa desenvolver um trabalho significativo que gere conhecimento, considerando os saberes e a cultura dos alunos, rompendo com antigas práticas, para se construir escolas novas, compreendendo que existe a diversidade humana, a qual de acordo com Bourdieu (2005) é particularmente notável entre estudantes oriundos de classes sociais diferentes, principalmente, quando se relaciona a fala do aluno, sobretudo, nos primeiros anos de escolaridade.

O argumento subjacente a esse entendimento é de que a escola precisa estabelecer relações de respeito e compreensão dessas diferenças, reconhecendo as culturas de seus alunos, sem fazer distinção entre eles. Pois, embora seja recorrente, na literatura educacional, a explicação para o sucesso ou insucesso escolar, esta é pautada na teoria do capital cultural, adquirida socialmente ou por transmissão doméstica, sendo incorporado pelo sujeito. Acerca disso Bourdieu (2005, p. 73) nos propõe uma melhor compreensão do assunto:

A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta das desigualdades de desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes classes sociais, relacionando ‘sucesso escolar’, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classes podem obter no mercado escolar a distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe.

Outro aspecto considerado por Bourdieu (2005) é a forma como o sujeito se apropria desse capital; ocorre uma assimilação individual, intransferível e requer tempo e investimento pessoal, mas se devem considerar o capital cultural incorporado pela família e pelo capital econômico.

Nessa discussão sobre fracasso escolar, Souza (1999) levanta alguns questionamentos, na tentativa de ter clareza primeiramente do que é sucesso escolar, que acontece concomitantemente ao insucesso e que não se pode deixar de considerar, visto que, trata-se de um processo onde as duas situações são produzidas, ou seja, é na mesma sala de aula que alguns alunos alcançam sucesso e outros não. E reforça: “as chances de sucesso, dependem da forma como as crianças lidam com o modelo proposto pelo professor, se o

compreendem e o aceitam, se o compreendem e o rejeitam, se compreendem, mas o modificam em parte, ou se não o compreendem, porque não está claro (SOUZA, 1999, p. 128). Assim, os conteúdos escolares devem ser significativos, assim como, as relações e as atitudes também precisam ser entendidas pelos alunos.

Nessa perspectiva, vale perguntar: o fracasso escolar não pode ser resultado de problemas pessoais? A resposta é sim, mas certamente em proporções infinitamente menores do que o anunciado pelos sistemas escolares. Alguns estudos realizados nos mais dramáticos contextos de insucesso escolar (FERREIRO, 2001), apontam cifras de alunos-problema que não ultrapassam a 10% da população. O atendimento especializado, feito com moderação e seriedade, parece, portanto, justificar-se a um pequeno número de alunos. Mesmo assim, é preciso considerar que os fatores individuais constituem apenas uma das peças da complexa lógica do fracasso. O que leva a compreender que construir escolas para abrigar o fracasso escolar, sem cuidar da qualidade do ensino que será realizado dentro dela, não interessa a sociedade e nem a comunidade escolar, pois, a expansão quantitativa ampliou o acesso à escola baseado nos princípios de democracia, sem nenhuma preocupação em empreender esforços para responder às questões qualitativas, provocando, assim, sérias consequências.

Sobre isso, Mello (2005, p. 47) afirma que:

A mais perversa consequência do fracasso escolar é o enorme prejuízo que ele causa precocemente à auto-imagem e à auto-estima de milhares de crianças, muitas das quais vão definir suas expectativas de desempenho no futuro a partir da experiência escolar inicial, marcada por sentimentos de incapacidade e inadequação. Sem vencer a barreira desse mal crônico dos nossos sistemas de ensino, objetivos educacionais, tais como autonomia, criatividade, capacidade de fazer escolhas, podem acabar se tornando uma brincadeira de gosto muito duvidoso.

Portanto, podemos constatar que a retenção de alunos causada pela reprovação e, conseqüentemente, a repetência, apontam conseqüências indesejáveis, tais como: prejuízos à organização e financiamento do sistema de ensino e os obstáculos que interpõem ao processo de aprendizagem dos alunos, suas nefastas decorrências no plano pessoal, familiar e social.

III PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM: diversas abordagens, diferentes práticas.

Percebe-se, assim, o papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo

(FREIRE, 2002, p. 29).

Inicialmente, é necessário apresentar quais os fundamentos da consideração que aqui será feita para o ser professor. É inegociável que este é um ser humano, um ser histórico, que configura eticamente, um ser de vontade, um ser que se pronuncia sobre a realidade, um ser que cria valores e a partir deles, estabelece objetivos a serem alcançados, construindo a própria existência, que pode gerar o processo de libertação, buscando a educação como fenômeno social e inerente ao homem para sua humanização. Nessa direção Lopes (2000, p. 62) define que o “o professor desenvolve o ato educativo e deste modo tem como objetivo a busca de liberdade humana com a finalidade da própria emancipação humana”.

Atrelado a isso, Chauí (apud AQUINO, 1999, p. 138), faz a seguinte colocação: “o professor é tão somente um dos pólos da realidade pedagógica, e sua função precípua é a de mediar um outro discurso já constituído”. Para compreender essa ação docente buscamos entender a relação de posição, fruto da hierarquização que acontece na instituição escolar, relação que é entendida pela crença comum de que o professor guarda algo que outros carecem.

Nessa perspectiva, o que o professor ensina, apresenta-se como algo que deve ser copiado pelo aluno e quanto mais fiel a cópia, melhor era considerado o desempenho do aprendiz, sem refletir sobre o contexto, sem considerá-lo como sujeito e construtor de seu aprendizado, uma vez que as propostas de trabalho são apenas desencadeadas pelo professor. Dessa forma, o professor costumava "pensar pelo aluno", sentindo-se o centro do processo e antevendo ou prevendo o que deveria conhecer ou descobrir e, ainda, determinando o tempo em que a aprendizagem deveria ocorrer, sem respeitar as diferenças e as individualidades dos alunos; pois, de acordo com Perrenoud (2004, p.103):

Quaisquer que sejam os programas, sempre haverá alunos rápidos, interessados, ativos, apoiados por suas famílias, dispendo de um capital cultural importante, e outros, que, nas mesmas condições, aprenderão menos rapidamente, menos facilmente, menos seguramente, menos duradouramente.

A partir desse ponto de vista, as diferenças, ou os percursos diversificados, de aprendizagem conduzem a uma pedagogia diferenciada, de modo que, os professores precisam aprender a conviver com um alto grau de heterogeneidade, para atingir de modo eficaz e justo todos os alunos, dentro de uma organização de trabalho flexível. Surgindo assim, uma nova visão de educação e de escola, em que se privilegia a busca e a seleção das informações para serem transformadas em conhecimentos, não mais considerando o saber como algo inquestionável. Em outras palavras esta escola se coloca como espaço de

oportunidades efetivas para que os alunos desenvolvam as quatro competências básicas para a vida, quais sejam: competência pessoal, relacional, produtiva e a cognitiva. (PERRENOUD, 2007) Já que a sociedade atual impõe desafios, exige competências e habilidades dos sujeitos para a tomada de decisões em que a interação com outros seja resultado de uma reflexão própria. Considerando isso, busca-se redefinir o papel do professor e do aluno. Primeiramente vendo o aluno como aprendiz no processo de ensino-aprendizagem, no qual formula questões, dirime dúvidas, estabelece relações entre elementos de uma situação, reconstrói conhecimento, o que, sem dúvida, incentiva novas buscas e gera compreensões e compartilhamento de significados. O professor, deixa de transmitir informações para construir juntamente com o aluno situações de aprendizagem que possibilitem a troca, colocando-se como um pesquisador e questionador, projetando uma prática eficiente, para despertar no aluno uma confiança no processo de ensino.

Pois como coloca Aquino (1999, p. 139), o professor:

Deve “saber mais” a respeito daquilo a que se propõe ensinar do que seus alunos; isso porque a confiança destes é diretamente proporcional à segurança daquele, isto é, ao domínio teórico em determinado campo de conhecimento. Se o oposto acontece, a relação corre o risco de se esgarçar; os lugares e papéis invertem-se se a autoridade derroca, posto que ela seja um desdobramento prioritário do lugar do agente.

Sendo assim, é importante levar em consideração que a mediação do professor no processo de aprendizagem se dá quando oportuniza ao aluno criar seu próprio projeto, a partir de uma indagação inicial e não quando apresenta seu projeto de ensino. Cabe ao professor, portanto, oferecer espaços de reflexão nas situações de aprendizagem, permitindo aos alunos construir conceitos sem a preocupação em classificá-lo em bons ou ruins, em capacitados e não capacitados, mas, ao contrário, perceber o todo, estabelecer relações significativas entre informações e conhecimentos, deixar o aluno expressar seu pensamento, encontrando situações mobilizadoras e que tenham sentido para o aprendiz.

Na verdade, compreende-se o professor como um formador de seres pensantes, continuamente reflexivos, descartando, assim, o uso de métodos prontos e acabados. Giussani (2000) afirma que a educação tem como objetivo formar um homem novo, para isso é necessário que se considerem as individualizações dos alunos, a autonomia para que os mesmos possam agir por si próprios. Assim ser professor exige viver intensamente seu tempo, com consciência e sensibilidade, para fazer fluir o saber, construindo sentido para a vida dos seres humanos, constituindo-se, também, como aprendiz dentro de uma visão emancipadora na era da informação.

Pensar esse contexto de ensino e aprendizagem mediado pelo saber do professor, implica valorizar o professor e o aluno. Nesta direção é que se compreende a responsabilidade docente de ensinar contribuindo para o processo de humanização dos alunos historicamente situados, mobilizando, portanto, os conhecimentos adquiridos, os saberes pedagógicos, que são saberes provenientes de reflexões sobre a prática educativa. Como coloca Tardif (2002, p. 38-39), além dos saberes produzidos pelas ciências da educação, na prática docente existem saberes, como:

Saberes disciplinares – estes saberes integram-se igualmente à prática docente através da formação (inicial e contínua) dos professores nas diversas disciplinas oferecidas pela universidade. [...] os saberes das disciplinas emergem da tradição cultural e dos grupos sociais produtores desses saberes. Saberes curriculares – estes saberes correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos como modelo da cultura erudita e de formação para a cultura erudita. Saberes experienciais – esses saberes brotam da experiência e são por ela validadas. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades de saber-fazer e de saber ser.

Desse modo, torna-se importante pensar na construção da identidade do professor, que segundo, Pimenta (2000), envolve a mobilização de saberes. Ainda mais, para mediar a construção da identidade, é preciso associar a significação social da profissão com o confronto entre as teorias e as práticas. Até porque a identidade do professor:

Constrói-se também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor conferem à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor assim como a partir de sua rede de relações com outros professores nas escolas, nos sindicatos e ou agrupamentos (PIMENTA, 2000, p. 19).

Por outro lado, vale lembrar que a identidade de um sujeito é um dado mutável, ela muda à medida que se é confrontado por uma multiplicidade de fatores, a partir dos quais o sujeito assume identidades diferentes, de acordo com o momento. Assim, Hall (2006, p. 12) coloca que “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”.

De acordo com Hall (2006) existem três concepções diferentes de identidade, que são: a concepção do sujeito do iluminismo, a qual refere-se ao sujeito constituído de razão e

emoção, mas centrado em sua individualidade; a do sujeito sociológico, que tem como aspecto principal a interação com o outro e com o meio, privilegiando o diálogo contínuo com as outras identidades; a do sujeito pós moderno, o qual é interpelado pelas rápidas mudanças sociais, veiculadas no sistema, assumindo, então, identidades diferentes.

Assim, observa-se que, fundamentalmente, a identidade profissional do professor se constrói, a partir da significação social da profissão, da reafirmação de práticas tradicionais - que são consagradas culturalmente e que resistem a inovações - do confronto entre a teoria e a prática e da construção de novas teorias. Nessa direção, Nóvoa (apud CORDEIRO, 2007, p. 51) afirma que "a identidade profissional do professor, é um espaço de construção das maneiras de ser e de estar na profissão".

Por outro lado, a sociedade e o mercado de trabalho globalizado exigem um profissional que esteja permanentemente atualizado, que se antecipa, que pesquisa, desenvolve alternativas e implanta soluções. É este perfil que caracteriza o novo profissional da educação frente a um conjunto de características que define a identidade do professor. Considerando este contexto, Cordeiro (2007) coloca que os professores dentro de uma visão progressista buscam conhecimento para aprender a conviver com um alto grau de heterogeneidade, procuram compreender as peculiaridades e diferenças existentes dentro do contexto escolar. Ainda mais essa realidade exige um trabalho em equipe, pois a integração do corpo docente e discente favorece a organização do currículo. Por fim, a complexidade do conhecimento na sociedade contemporânea dá ao professor uma visão ampla do processo, em que este passa de transmissor de conhecimento para se ocupar de permitir que os alunos dominem técnicas, habilidades e competências de pensar e agir por si mesmos.

Evidencia-se, portanto, uma preocupação com a sistematização do processo ensino-aprendizagem, em que, de acordo com Berhens (2005), o ensino se caracteriza numa concepção conservadora, que objetiva a reprodução de conhecimento, e numa concepção inovadora, que propõe ao homem ser reconhecido como produtor de conhecimento com autonomia, criatividade, criticidade e espírito investigador.

Na perspectiva de Berhens (2005), o ensino dentro de um paradigma conservador caracteriza-se por uma postura pedagógica que não acompanha as profundas transformações que a sociedade sofreu nas últimas décadas. E a trajetória histórica permite classificar esse paradigma em:

- Abordagem tradicional: o ensino nessa abordagem é centrado no professor, pois o ensino é caracterizado pela instrução e consiste na aquisição de informações, preocupando-se mais com a quantidade de conteúdos e conceitos, do que com a

formação do pensamento reflexivo. “A expressão tem um lugar proeminente, daí esse ensino ser caracterizado pelo verbalismo do mestre e pela memorização do aluno” (MIZUKAMI, 1986, p. 14).

- Abordagem escolanovista: essa corrente pedagógica apresenta-se como um movimento de reação à pedagogia tradicional e fundamenta-se na psicologia. O ensino nessa abordagem é centrado no sujeito e o professor passa de uma posição de expositor e dono da verdade, para ser um facilitador da aprendizagem. “É obvio que o educador continua indispensável, a título de animador, para criar as situações e construir os dispositivos de partida suscetíveis de apresentar problemas úteis à criança” (PIAGET apud MIZUKAMI, 1986, p. 78).
- Abordagem tecnicista: centrada em ações pedagógicas inspiradas na eficiência e na produtividade, tem como elemento principal a organização do processo. O professor assume a posição de transmissor e reproduzidor do conhecimento. “O Professor é um elo entre a verdade científica e o aluno, cabendo-lhe empregar o sistema instrucional proposto” (LIBÂNEO, 1986, p. 36).

Por outro lado considerando ainda os estudos de Berhens (2005), o ensino também se caracteriza dentro de paradigmas inovadores, que vêm atender às exigências da sociedade do conhecimento e da informação. Esses propõem a produção do conhecimento e buscam formar um sujeito crítico e inovador, estimulando a capacidade de compor e recompor as informações, transformando-as em conhecimento, classificando-se em:

- Abordagem sistêmica: nesta abordagem é superada a visão fragmentada, passando para uma visão holística, que, de acordo com Cardoso (apud BERHENS, 2005, p. 60), ser holístico compreende “saber respeitar as diferenças, buscando a aproximação do plano da totalidade. Porque superar não é fazer desaparecer, mas progredir na aproximação do todo”. Nesta corrente pedagógica, o professor tem uma visão holística de todo processo, ultrapassando a reprodução e se colocando como produtor, alicerçando uma ação docente relevante e significativa. Busca ainda recuperar, nos seus alunos, os valores perdidos na sociedade moderna.
- Abordagem progressista: esse paradigma considera o indivíduo como um ser que constrói sua própria história e por isso se caracteriza por um processo de busca de transformação social. Nesta abordagem, o professor estabelece relação horizontal de diálogo com o aluno. Para Mizukami (1986, p. 99) “o diálogo é desenvolvido ao mesmo tempo em que é oportunizada a cooperação, a união, a organização, a solução

em comum dos problemas”. O professor progressista evita o autoritarismo dentro de uma prática pedagógica transformadora. Pois como coloca Freire (1986), quando os professores são dependentes do autoritarismo, pensam que a educação libertadora ou dialógica não é rigorosa, por exigir dos alunos que participem da própria formação.

- Abordagem de ensino com pesquisa: a sociedade do conhecimento visa que a escola se torne um ambiente inovador, transformador e participativo. Nessa abordagem, o professor também assume o papel de mediador criativo e crítico do processo pedagógico. Neste contexto, compreende-se a importância e a necessidade do ensino com pesquisa. E com esse ensino, a capacidade de problematizar, investigar, sistematizando o conhecimento.com isso é que Fazenda (1997) maravilha-se ao ver educadores entusiasmados diante da descoberta da pesquisa. Ela afirma que os professores mostram um brilho no olhar, um sorriso penetrante e um ato de entrega na busca de saberes, o que os torna professores comprometidos e parceiros do conhecimento.

Considerando essas abordagens de ensino e compreendendo que ensinar é uma ação de comunicar conhecimento, habilidade ou experiências a alguém, com a finalidade de que este o aprenda, utilizando para isso um conjunto de métodos e técnicas e procedimentos, por outro lado, a aprendizagem assume uma posição que é inerente ao ser humano, que é a curiosidade, direcionando o foco para o processo. Nesse momento, o professor tem uma visão sobre o aluno, direcionando sua metodologia, dentro de uma proposta motivadora, encontrando o fio condutor que orienta o aluno a abandonar a passividade para adquirir um papel ativo de intervenção no seu processo de aprendizagem. Isso amplia a visão do educador com relação ao ato de aprender, reconhecendo a individualidade e o significado desse processo. Deste modo, ensinar exige um nível de maturidade e segurança, requer, assim, diminuir a assimetria do seu poder enquanto docente, partilhando a responsabilidade do processo de aprendizagem e, por outro, acreditando na capacidade do aluno de aprender e de pensar por si próprio.

3.1 Formação de Professores: Um Novo Cenário na Trajetória Escolar

Para melhor elucidar a realidade atual de formação de professores, lança-se mão de uma retrospectiva acerca da trajetória histórica no Brasil dessa questão inicialmente busca-

se compreender o processo de construção desse curso, sejam eles em nível médio ou em nível superior.

Pode-se evidenciar as primeiras escolas formadoras de professores em nível médio, por volta dos anos 1830, a partir do momento em que o ensino primário passa a ser responsabilidade das províncias. Destaca-se aí primeira escola criada em Niterói, no Rio de Janeiro, que, de acordo com Pimenta (2008, p. 38)

Essas escolas surgem no momento em que o Brasil havia alguma difusão dos ideais liberais, questionando o império [...] defendendo a igualdade, bem como a expansão do ensino [...] já nesta época a sua constituição garantia instrução primária gratuita a todos os cidadãos.

O que não se confirmou na prática por falta de professores. E sobre isso, Chagas (1978) coloca que a própria Constituição não esboçava meios a fim de efetivar as disposições relacionadas ao sistema educacional brasileiro.

Verifica-se, assim, a ausência de um sistema educacional no Brasil, sendo repassado para os estados a competência integral de organização desses sistemas. Determinação que estava ancorada num sistema de descentralização e que refletia nas escolas normais, por modificar os currículos, privilegiando, assim, as disciplinas científicas em detrimento das pedagógicas. Reis Filho (1981) afirma que existia uma preocupação com o professor enciclopédico, visando garantir o cientificismo da época, o que viria garantir a boa educação.

Somente nos anos de 1920, com a efervescência de algumas reformas, é que foi cobrado ao Congresso Nacional, através de uma série de projetos que objetivavam ações mais concretas do governo federal para o ensino normal, que o sistema escolar se expandisse.

Considerando isso, conforme Feitosa (1997), as mudanças ocorridas foram para atender as necessidades postas pelo desenvolvimento urbano e industrial, pelas alterações no campo sócio-econômico, as quais demandaram uma educação técnica e profissional em que o currículo teria que necessariamente passar por transformações para atender a nova realidade.

No ano de 1932, surge o manifesto dos pioneiros da escola nova_ que tinham como meta uma escola gratuita, pública e laica_ e que teve sua proposta discutida na V Conferência Nacional de Educação, em que se consegue ver a escola como um instrumento de transformação social, a partir da qual era possível reconstruir a educação nacional, visto que, a sociedade passava por transformações decorrentes da transição de um modelo rural para um modelo de industrialização e urbanização, configurando-se, assim, a aceleração do capitalismo industrial.

Depois, com a ditadura militar de Vargas (1937-1945), mais uma vez a educação brasileira passa por rupturas significativas. A ideologia liberal foi reprimida pela ideologia autoritária, o que se cristaliza na Constituição Federal de 1937, influenciando, diretamente, o processo de formação de professores com a ideologia do espírito patriótico.

No ano de 1945, após a deposição de Getúlio Vargas, o país inicia um novo tempo com o processo de democratização do país, evidenciando-se a elaboração de uma nova constituição, com espírito liberal e democrático, iniciando, aí, a grande discussão para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que vem se concretizar em dezembro de 1961 com a lei 4.024, e que traz no seu Art. 52: “O ensino normal tem por fim a formação de professores, orientadores, supervisores e administradores escolares destinados ao ensino primário e o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos relativos à educação da infância”.

Já os anos 1970 foram marcados pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases 5.692/71, alterando o currículo da escola normal, transformando-a em mais uma habilitação do 2º grau. Segundo Salgado (1982) essas transformações pareciam vantajosas para o ensino, mas foi possível perceber que a nova política profissionalizante tornava os currículos imediatistas e assim favorecia um saber fragmentado.

Ainda mais, com a lei 5.692/71 tem-se a pretensão de melhorar e expandir o ensino de 1º grau, estabelecendo uma política de formação de recursos humanos, em que no seu art. 29 determina-se:

A formação de professores e especialistas para o ensino de 1º e 2º graus será feito em níveis que se elevem progressivamente, questionando-se as diferenças culturais e com orientação que atenda aos objetivos específicos de cada grau, as características das disciplinas, áreas de estudos ou atividades e as fases de desenvolvimento.

A lei de Diretrizes e Bases Nacionais 9.394, promulgada em 20 de dezembro de 1996 vem instituir a exigência de nível superior para os professores da educação básica, como está posto no art. 62:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental [...]

A formação de professores tem sido um grande desafio para as políticas educacionais que não tem contemplado a educação e a carreira dos professores com

programas coerentes com a necessidade do país. Gatti (2000, p. 1) chama atenção, quando coloca que: “Ainda é baixa a consciência política em relação a importância social dos professores no quadro de desenvolvimento do país e de seu enquadramento na conjuntura mundial”. Em consequência dessa desvalorização decorre um descuido quanto à formação, trazendo prejuízos desastrosos para o ensino público. Nessa perspectiva, Gatti (2000) aponta um contraponto e diz que no Brasil, quase nada tem sido feito quanto à qualidade dos cursos de formação para a carreira docente, o que leva a população mais jovem a não se atrair pela profissão por questões salariais e de prestígio social.

IV PERCURSO METODOLÓGICO

A escola tem por missão ensinar, além disso, o modo de construção do saber, de modo que os estudantes também aprendam os princípios de sua validade e se tornem progressivamente capazes de julgar o saber oferecido e, até, eventualmente, de preferir outro ou construir, por si mesmo, um saber diferente.

(LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 21).

4.1 Cenário do Estudo

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas municipais da cidade de Cajazeiras e tem como campo de atuação, as escolas denominadas de escola A e escola B, em que foi realizada uma conversa prévia com os professores para discussão dos critérios e do compromisso ético para com os profissionais. As entrevistas foram realizadas de setembro a dezembro de 2007 com os professores das séries iniciais do ensino fundamental, para que se analisasse a visão do professor sobre o fracasso escolar.

4.1.1 Caracterização da Cidade de Cajazeiras

Pretende-se nesse breve histórico acerca da origem e do desenvolvimento da cidade de Cajazeiras, situar o leitor no contexto no qual se desenvolveu este trabalho.

Este tem como *locus* as escolas municipais de ensino fundamental da cidade de Cajazeiras, a qual localiza-se no extremo oeste do estado da Paraíba, abrangendo uma área de 516 km. Limita-se ao norte com os municípios de São João do Rio do Peixe e Santa Helena; ao sul com São José de Piranhas, ao leste com Nazarezinho e a oeste com Cachoeira dos Índios e Bom Jesus.

O município apresentou no último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 56.051 habitantes (IBGE, 2007), sendo que a maior parte de crianças com idade escolar está matriculado no sistema municipal de ensino. O corpo docente é constituído de professores com formação acadêmica em normal médio, licenciatura e pós graduação.

Cajazeiras conta com um campus da Universidade Federal de Campina Grande, criado no ano de 1978, a qual oferece cursos de licenciatura em letras, história, geografia, ciências e pedagogia, e ainda o curso de enfermagem, medicina e técnico em enfermagem. O campus atende a alunos vindo de toda a região.

A cidade se desenvolve muito na área de educação. Novos centros de ensino superior foram implantados: a faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, o Instituto Superior de Educação de Cajazeiras, a Faculdade Santa Maria e a Faculdade Evilásio Formiga.

Cajazeiras abriga hoje 46 escolas públicas de educação básica, sendo 31 mantidas pelo governo municipal e 21 dirigidas pelo governo do estado da Paraíba, as quais estão distribuídas na zona urbana e rural.

Quanto à formação histórica da cidade de Cajazeiras, segundo historiadores da cidade, sabe-se que Vital de Sousa Rolim casou com Ana Francisca de Albuquerque, instalaram-se no Sítio Serrote e ali permaneceram durante cinco anos, cuidando dos trabalhos agrícolas que lhes proporcionaram os recursos de que careciam para se fixar como proprietários da gleba que receberam como dote de casamento, Leitão (1991). Nesse período nasce um filho do casal, no ano de 1800, mudam-se, então, para o sítio Cajazeiras, que deu origem à povoação, hoje, a cidade de Cajazeiras.

O desenvolvimento do povoado motivou a construção da capela de Nossa Senhora da Piedade por Ana Francisca de Albuquerque e em suas imediações, no ano de 1836. Neste mesmo ano, o filho mais velho Padre Rolim, constrói uma pequena casa destinada a sua escola, posteriormente, transformando-a em Colégio do estado da Paraíba. O que, mais tarde, levou Alcides Carneiro a cognominar Cajazeiras de “A cidade que ensinou a Paraíba a ler”. Segundo Leitão (1991) a figura de Padre Rolim impulsionou o crescimento do povoado e o surgimento da cidade de Cajazeiras, com a criação do 1º Colégio.

Nesse cenário educacional que originou a cidade de Cajazeiras no século XIX, Padre Rolim transforma um pequeno povoado em berço da educação paraibana, sendo este reconhecido, e atraindo pessoas de todo Nordeste. Por conseqüência, eis que surge no séc. XX, um dos feitos que vem acrescentar ao desenvolvimento de Cajazeiras, a criação da Diocese pelo Papa Pio X, a qual e tem como primeiro bispo D. Moisés Coelho, que foi empossado no dia 19 de junho de 1915.

D. Moisés Coelho, no mesmo ano, impulsiona o trabalho e reabre o Colégio Diocesano, o colégio que fora fundado pelo Padre Rolim e que havia cerrado suas portas anos atrás, em razão de problemas econômicos, mas mais tarde no ano de 1917, visando aprimorar a instrução para moças, cria a Escola Normal, que, no ano de 1928, passou a ser dirigido pelas Irmãs Dorotéias, com a denominação de Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Naquela época, Cajazeiras ainda não contava com nenhum Colégio de ensino público, apenas com alguns grupos escolares. Em 1951 é que o Prefeito Otacílio Jurema e a Fundação Padre Ibiapina criou a Escola Técnica de Cajazeiras Monsenhor Constantino Vieira, lugar onde os alunos buscavam o 1º e o 2º graus.

A Diocese de Cajazeiras continuou seu interesse pela educação e no ano de 1955 inaugurou o Seminário Nossa Senhora da Assunção. Ainda na década de 1950 inicia a

discussão para a implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a partir da qual foi consolidado o ensino superior na cidade.

A implantação do ensino superior alcançou vantagens não só na área educacional, como também no setor econômico, alavancando o crescimento da cidade com a implantação no ano de 1969 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras_FAFIC_, que foi criada pela Lei Municipal de nº 503, datada de 17 de janeiro de 1970, a qual é mantida pela Fundação de Ensino Superior de Cajazeiras – FESC.

Ainda nos anos de 1970, chega a Cajazeiras o ensino superior público e gratuito com a implantação da Universidade Federal da Paraíba, hoje, Universidade Federal de Campina Grande, ocupando inicialmente o espaço cedido pela FAFIC, que cedeu mobiliário, biblioteca, funcionários e professores, encampando todos os cursos que eram autorizados pelo Mec. Sendo desativado o curso de Filosofia, dada a baixa demanda; e criado o curso de Pedagogia.

Atualmente, na rede municipal de educação da zona urbana não existem professores leigos, dado o grande avanço que a cidade alcançou na área de educação, tanto na graduação, através da Universidade Federal de Campina Grande e das outras faculdades, como pelo curso Normal Médio oferecido pelo Colégio Nossa Senhora de Lourdes, que lançam no mercado de trabalho, anualmente, um grande número de professores. Ao lado disso, na cidade há também muitos cursos de formação continuada, desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Educação desde o ano de 2000.

4.1.2 Caracterização da Escola

4.1.2.1 Escola A

A **Escola A** tem uma localização privilegiada, situa-se numa área intermediária, ou seja, entre o centro e a periferia da cidade. Atende, na sua maioria, uma população predominantemente pobre, advinda das ruas e bairros adjacentes.

O acesso à escola é muito bom, visto que, a rua é larga e asfaltada. A escola tem um prédio em bom estado de conservação, funciona em três turnos, sendo totalmente murado, com área para recreação.

A referida escola foi criada no ano de 1971, para atender aos anseios da população. Iniciou suas atividades com a educação infantil e o ensino fundamental, da 1ª a 4ª série. No ano de 2003 foi implantado pelo governo municipal o ensino de 5ª a 8ª série, visando absorver a demanda daquela localidade e dos alunos da própria escola. Atualmente, a escola oferece a modalidade jovens e adultos, no horário noturno.

No seu corpo administrativo, a escola conta com a atuação dos seguintes profissionais: 02 auxiliares de serviço, 01 vigilante, 24 professores, 01 coordenador pedagógico, 04 gestores e 02 agentes administrativos, que se reúnem mensalmente para planejamento administrativo e pedagógico. Orientam-se pelo Projeto Político Pedagógico da escola e o Regimento Escolar, que foram elaborados no ano de 2004 e revisados a cada 2 anos.

A escola funciona com 498 alunos matriculados, estando assim distribuídos:

Educação Infantil	51 alunos
1º Ano	22 alunos
2º Ano	32 alunos
3º Ano	33 alunos
4º Ano	44 alunos
5º Ano	64 alunos
6º Ano	73 alunos
7º Ano	39 alunos
8º Ano	34 alunos
9º Ano	24 alunos
EJA	82 alunos

Quadro 01 – Total de alunos por turma

Na estrutura funcional, a escola conta com uma secretária, onde funcionam também a diretoria e a sala de professores. Tem 8 salas de aulas, não dispendo de biblioteca e nem sala de vídeo.

Com relação às salas de aulas, estas são amplas, claras e ventiladas, o que permite trabalhos em grupo. Os quadros são bons e para acomodar os alunos existem carteiras com braços, as quais são desconfortáveis para as crianças das séries iniciais, podendo contribuir negativamente para o avanço da aprendizagem. Isso porque, além de afetar diretamente o ato

da escrita quando a criança fica mal acomodada para grafar, prejudica também a concentração nas atividades em sala de aula.

Os professores das turmas estudadas de 1ª a 4ª série (2º ao 5º ano) da **Escola A**, tem a seguinte formação e tempo de atuação:

SÉRIE	FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO
1ª	Superior	5 anos
2ª	Superior	8 anos
2ª	Superior	5 anos
3ª	Superior	10 anos
4ª	Superior	12 anos

Quadro 02 – Formação de professores e tempo de atuação da Escola A

No que diz respeito à experiência no magistério, os dados permitem observar que os sujeitos da pesquisa contam com mais de 05 anos de serviço. No que se relaciona à questão salarial, as entrevistadas percebem acima de um salário mínimo. Em consequência dos baixos salários, as professoras revelam sua insatisfação pelo que recebem e ainda, se consideram muito cobradas

A maioria desses professores já concluiu o curso de especialização em psicopedagogia. Por outro lado, no entanto, as professoras entrevistadas demonstraram suas dificuldades em lidar com o fracasso escolar e com a falta de recursos, como afirma a professora da 2ª série: “tem dificuldade, por mais que seja experiente, é uma coisa que está todo ano na nossa escola”. As professoras também deixaram transparecer a insatisfação quanto as suas condições de trabalho, a falta de apoio, sobretudo, o apoio pedagógico, a falta de assessoramento técnico e a escassez de material didático, como coloca a professora da 4ª série: “apesar de tanta coordenação, nós precisamos de ajuda, porque tem muita... na teoria, porque na prática essa ajuda é bem diferente, bem difícil”.

No que se refere à procedência socioeconômica dos alunos, estes procedem de famílias pobres e a maioria reside em bairros próximos, o Cristo Rei e a Vila Nova, localizados na zona leste da cidade de Cajazeiras.

O levantamento feito junto aos alunos das turmas pesquisadas nesta escola, indica que, para a maioria a profissão da mãe é doméstica ou lavadeira, trabalhando em casa ou em outras casas de família e os pais ou são desempregados ou vivem de subempregos.

Por se tratar de crianças de famílias menos favorecidas, o que muitas vezes, os obriga a ingressarem cedo no mercado de trabalho ou a atuarem como pedintes, têm-se as dificuldades de atuarem como alunos, o que os leva a evadirem-se e serem reprovados por

consecutivas faltas à escola.

Quanto à idade, verificamos que a maioria está com idade/série de acordo com a proposta da lei 9394/96, que é de 7 aos 14 anos para o ensino fundamental e agora de acordo com a Lei 11.274/2006 que amplia para 9 anos, ficando o primeiro segmento ou as séries iniciais compostos por alunos do 1º ao 5º ano e assim a idade inicial passa a ser de 6 anos. Percebemos ainda que exista um percentual de mais de 30% de alunos que estão fora da faixa etária, apresentam distorção idade/série, por serem multi-repetentes, ocasionado pela evasão e pela reprovação.

O rendimento escolar é aqui analisado com base nos resultados obtidos nos anos de 2005, 2006 e 2007, levantando-se o número de alunos que não obtiveram sucesso escolar e foram reprovados ou evadiram-se, visto ser o foco principal de nossa pesquisa, evidenciar a percepção do professor em relação a esses dados e ao processo ensino-aprendizagem na sua escola.

	1ª SÉRIE			2ª SÉRIE			3ª SÉRIE			4ª SÉRIE		
	Mat inicial	Evadi Repro	%	Mat. inicial	Evadi Repro	%	Mat inicial	Evadi Repro	%	Mat. inicial	Evadi repro	%
2005	64	27	42%	61	26	42%	64	30	46%	63	33	52%
2006	71	41	49%	65	28	43%	57	25	43%	75	29	38%
2007	63	29	46%	68	25	37%	66	17	25%	78	31	36%

Quadro 03 - Estatística da Escola A

4.1.2.2 Escola B

A **Escola B** está localizada em outra área da cidade, na zona sul, numa área crítica, cuja população é predominantemente pobre.

O local em que fica a escola é de fácil acesso, visto que, fica na rua principal do bairro. As ruas adjacentes de onde advêm os alunos não são calçadas e não têm rede de esgoto.

A escola foi criada no ano de 1962, para absorver a necessidade de expansão da cidade. Iniciou suas atividades com a educação infantil e as séries iniciais do ensino

fundamental. Atualmente, a escola funciona com 357 alunos matriculados de 1ª a 4ª série (2º ao 5º ano).

O prédio da escola é pequeno, sem espaço para recreação e conta com 05 salas de aulas com pouca ventilação. Recebe crianças e jovens oriundos do bairro São Francisco e Capoeiras.

O perfil do professor da escola B não difere do perfil do professor da escola A. Eis o quadro demonstrativo a seguir:

SÉRIE	FORMAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO
1ª. S	Superior	6 anos
2ª. S	Superior	2 anos
2ª. S	Superior	1 ano
3ª. S	Superior	5 anos
4ª. S	Superior	10 anos

Quadro 04 – Formação de professores e tempo de atuação na Escola B

Esses dados traduzem a realidade dessa escola. Nela os professores pesquisados apresentam uma visão de fracasso escolar que se diferencia da visão dos professores da escola A. Eis o que relatou a professora da 3ª série “o fracasso escolar se dá pela dificuldade do aluno na família e na sala de aula. Se não tiver uma motivação, e um incentivo pelo professor, ele não vai ter aquele interesse de ficar na sala de aula”. Ainda com relação ao fracasso escolar, o professor da 4ª série se posiciona falando que existem três causas: “a questão da família, o próprio professor e a estrutura em si da escola”.

A partir disso, o que podemos perceber é que todos os professores são repetitivos, ao se referirem à família, afirmando que a falta da parcela de contribuição dessa, a falta do acompanhamento e direcionamento dos pais para que as crianças ingressem e permaneçam na escola, determina, muito seguramente, grande parte da produção do fracasso escolar. E o professor da 4ª. série aponta a família como fator decisivo para o insucesso do aluno: “A família desestruturada reflete na sala de aula, reflete no comportamento dele, reflete na personalidade dele, na sua formação como cidadão, eles sentem o descaso dos pais com eles, então eu acho a família”.

Sobre os alunos da **escola B**, estes não diferem muito da escola A, pois ao se tratar de crianças de famílias pobres, e muitas vezes, desestruturadas, demonstram pouco interesse pelo modelo de escola que aí está. E, na realidade a história de reprovação desses alunos é muito preocupante. Observa-se que mais de 50% dos alunos já foram reprovados, sendo que 62% desses tiveram duas ou mais reprovações. A série mais crítica é a 1ª série do ensino

fundamental (2º ano).

De acordo com a tabela abaixo, observa-se que a taxa de reprovação e evasão dos alunos da escola B é de 43%, para um total de 153 alunos matriculados, sendo que se acentua ainda mais na 1ª série, quando no ano de 2006, a 1ª série apresentou mais de 50% de alunos que não conseguiram êxito, constituindo-se, evidentemente, num indicador de insucesso escolar.

	1ª SÉRIE			2ª SÉRIE			3ª SÉRIE			4ª SÉRIE		
	Mat inicial	Evadi Repro	%	Mat. inicial	Evadi Repro	%	Mat Inicial	Evadi Repr	%	Mat. inicial	Evadi Repro	%
2005	58	26	44%	35	14	40%	34	14	40%	17	05	29%
2006	53	29	54%	37	10	26%	36	16	44%	27	10	30%
2007	49	12	24%	25	05	20%	31	07	22%	30	07	23%

Quadro 05 – Estatística da Escola B

4.2 Universo/Amostra da Pesquisa Construção dos Dados

Como já colocado, este estudo, que visa compreender a visão de professores face ao fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas municipais de Cajazeiras, foi realizado junto a 09 professores, em 02 escolas da rede municipal.

Diante desse estudo a hipótese levantada é de que, na visão dos professores, o fracasso escolar é de responsabilidade do aluno e dos pais.

O instrumento adotado para a construção dos dados foi entrevista não diretivas, que de acordo com Richardson (2008) o entrevistador não formula perguntas, apenas sugere o tema e leva o entrevistado a fazer uma reflexão, para que este possa ter liberdade de se colocar e se manifestar acerca do tema. As entrevistas foram desenvolvidas junto aos professores dos anos iniciais das escolas selecionadas, as quais foram gravadas no período de novembro e dezembro de 2007, com a autorização prévia dos entrevistados, com o objetivo de obter informações sobre o objeto de pesquisa, para recolher, assim, dados descritivos a partir do discurso do próprio professor, que contribuíram para compreensão do objeto de estudo.

A entrevista foi utilizada por deixar o pesquisado á vontade para falar sobre o que

foi pesquisado. Pois acredita-se que as entrevistas podem contribuir muito para a pesquisa, ficando mais soltos para falar. Como observam Bogdan e Biklen (1994, p. 136):

As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto dos sujeitos estarem a vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista... As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheadas de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes.

4.3 Análise dos Dados

Os dados foram analisados com base no Alceste e na análise de conteúdo.

4.3.1 Programa Informático Alceste

O programa informático Alceste (Análise Lexical por Contexto de um Conjunto de Segmentos de Texto) é uma técnica de análise de dados textuais que possibilita a exploração da estrutura e organização do discurso dos atores sociais, bem como permite o acesso às relações entre os universos lexicais (ALBA, 2004). Este programa informático criado por M. Reinert e introduzido no Brasil por Veloz, Schulze e Camargo (CAMARGO, 2005), constitui um instrumento auxiliar de análise de dados, quando estes se apresentam sob forma de grande quantidade de material textual proveniente de entrevistas, questionários ou de documentos escritos. No presente estudo, o programa foi utilizado para analisar 09 entrevistas realizadas.

Após reconhecer as indicações das UCIs (Unidades de Contexto Inicial), o programa Alceste divide o material em Unidades de Contexto Elementar (UCEs). Elas são segmentos de texto, na maior parte das vezes, do tamanho de três linhas, dimensionadas pelo programa (em função do tamanho do corpus), respeitando, em geral, a pontuação.

4.3.2 A Técnica de Análise de Conteúdo

Para Bardin (2004), a análise de conteúdo compreende um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de forma, adaptáveis a um campo de aplicação muito vasto, quais sejam, as comunicações.

A análise dos dados coletados será com base na análise de conteúdo (BARDIN, 2004), já que a pesquisa visa um estudo minucioso da fala dos professores, dos seus discursos, esclarecendo suas diferentes características, para que se possa obter sua significação. Nesse sentido, a análise de conteúdo é muito pertinente, porque como afirma Bardin (2004, p. 38): "A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre a qual se debruça". A fase do tratamento dos resultados que teve o objetivo de promover a análise dos resultados de modo a tornarem-se válidos, materializou-se pelo fortalecimento das decisões tomadas acerca da definição das categorias temáticas e subcategorias advindas da análise de conteúdo.

V RESULTADOS: VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE FRACASSO ESCOLAR

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas da nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, com seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.

(FREIRE, 2002, p. 31)

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar os resultados da análise das entrevistas realizadas no programa Alceste que possibilita apreensão da visão dos professores das séries iniciais do ensino fundamental das escolas municipais da cidade de Cajazeiras sobre o fracasso escolar.

5.1 Campo Semântico da Visão dos Professores sobre o Fracasso Escolar

No caso deste estudo em que a análise foi realizada a partir de um corpus constituído por 09 entrevistas, cada uma delas será uma UCI, que foi processada pelo *software* Alceste. Os dados são analisados pelo programa em que o mesmo identifica as unidades de contexto iniciais (UCI's) e, a partir dessas, é feita a segmentação em unidades de contexto elementares (UCE's), que são classificadas em função da análise lexical, com base nas formas reduzidas das palavras, sua frequência e tamanho das UCE's. Desta forma, todo o material foi aproveitado para análise, sendo descartadas as palavras com frequência inferior a 3.

Após reconhecer as indicações das 09 UCIs, o programa Alceste dividiu o material em 222 unidades de contexto elementar (UCEs). Elas são segmentos de texto, na maior parte das vezes, do tamanho de três linhas, dimensionadas pelo programa (em função do tamanho do corpus), respeitando, em geral, a pontuação.

5.1.1 As Classes e suas Descrições

De acordo com o gráfico apresentado sob forma de dendograma, o corpus foi dividido em duas classes, conforme apresentação a seguir.

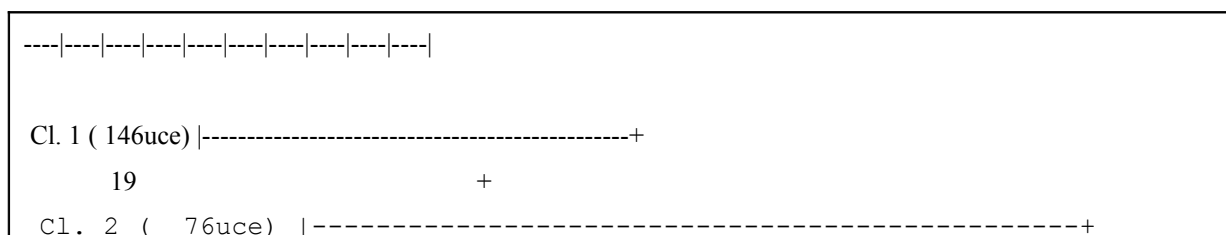


Gráfico 01 – Dendograma

A análise dos textos das UCE's, mais características de cada classe, selecionadas

na etapa D1 do software alceste, proporcionou condições de inferência do que regeu a formação das classes e, com isso, sua contextualização.

A **classe 1**, detém 146 UCE's correspondentes a 65.77% das UCE's e foram selecionadas 40 palavras, sendo assim, delineado o perfil de uma classe que tem elementos relativos à **dificuldades de aprendizagem dos alunos**. Destaca-se, nessa classe, a visão que o professor tem a respeito do fracasso escolar, quando se refere à falta de interesse do aluno, gerando dificuldades de aprendizagens e a falta de apoio dos pais. Delineiam o perfil dessa classe as palavras: mãe, em casa, na escola, não consegue, aprender. Tal observação pode ser vista na fala da professora que está na UCE de maior índice de associação à classe:

[...] tenho alunos que não têm a mínima noção, não conhece nem as letras, passo atividade com os outros vou trabalhar com eles, então isso dificulta muito até atrapalha [...]

[...] na escola converso com o professor da série anterior para saber qual a dificuldade do meu aluno que vou pegar [...] às vezes esbarra em modelo de aluno, em dificuldade de aluno. [...] então tem essa dificuldade.

Nessa classe, um segundo ponto é a vinculação que o professor faz à falta de interesse dos alunos e as dificuldades de aprendizagem e a reprovação dos alunos e a falta de apoio da família, indicando como elementos dificultadores e que podem resultar em pouca assimilação dos conteúdos escolares. Tratam-se de indicações bastante recorrentes e que, na visão das professoras ultrapassam as possibilidades de interferências deles mesmos.

Na justificativa do professor sobre reprovação, é freqüente indicar-se que o aluno não atingiu a meta desejada, considerando os conteúdos específicos e habilidades de cada série, direcionando o olhar para o aluno ou para os pais, quando falta apoio e acompanhamento da família, justificando, assim, os altos índices de alunos reprovados. O que pode ser percebido em falas como as que aparece a seguir:

[...] esse pai para vir responder pelo filho, o mais grave é o acompanhamento que não tem casa, que a gente pede assim que pelo menos pergunte o que foi que o filho fez na escola, o que foi que ele aprendeu hoje [...]

A **classe 2**, compreende 76 UCE's, o que equivale a 34,23% das UCE's analisadas. As palavras mais representativas dessa classe permitem a compreensão de que **a escola é inadequada** para os alunos de hoje, faltando atração, planejamento e regras. São elas: acho que, fracasso, a escola, não tem como, não vai, que o professor.

Essa classe reflete a situação que se encontram as escolas públicas, faltando

motivação. E isso remete a Brandão (1985, p. 64): “A motivação do professor tem associação positiva e significativa com o rendimento do aluno”. De modo que, a escola tem contribuído para que se efetive o fracasso escolar, ou seja, continuam os altos índices de repetência, se caracterizando como “uma típica escola pobre para criança pobre” (BRANDÃO, 1985, p. 78).

A escola, aos olhos dos professores entrevistados, parece carecer de muitas melhorias, como adequar-se ao universo cultural dos alunos, diminuindo distâncias entre a escola e a procedência cultural dos mesmos. Entretanto, fica claro que os professores, enquanto elemento fundamental desta mediação, compreende que falta tempo para conhecer o aluno, como se vê no que aparece a seguir:

[...] não se atrai por ela, não vê alguma coisa que atrai. E assim a gente sabe muito bem que o professor, como ele é uma pessoa que procura trabalhar em outros lugares, procura preencher o seu tempo para conseguir sobreviver. A gente sabe que fica muito pouco tempo para que você realmente conheça cada um de seus alunos [...].

As professoras, por sua vez, demonstram que a qualidade do ensino está relacionada com o planejamento e que para isso a escola precisa dispor de um tempo para a realização de encontro para o planejamento, o que pode ser observado em uma das UCE's representantes dessa classe:

[...] quando de vê aprendizagem vai para baixo, porque como é que você consegue trabalhar atividades relacionadas às dificuldades com toda uma sala, sem parar [...]

Os segmentos de textos apresentados a seguir revelam que a falta de autonomia da escola vem favorecendo o fraco desempenho, recebendo ainda interferência política partidária, quando da indicação de gestores sem qualificação adequada para o exercício de suas funções. Soma-se a isso a falta de compromisso de alguns profissionais. Eis a evidência disso nas seguintes falas:

[...] acho que ainda no sentido, assim, de exercer um papel autônomo [...] acho que a escola ainda caminha no sentido contrário, ela só obedece, ela ainda está naquela história de que vem da secretaria, de que vem de longe, que a gente sabe, do MEC [...]

[...] assim vejo muito na política partidária entrar na educação, está acabando, ficando de uma forma que as pessoas querem uma gestão, uma direção de uma escola, mas não vai pelo compromisso de mudar aquilo ali [...]

Buscando favorecer uma análise de conteúdo das categorias eleitas para este estudo, foram sintetizados os mais representativos contextos temáticos selecionados pelo *software* Alceste. Eis o quadro a seguir:

Classes Semânticas	Principais Segmentos de Textos
<p style="text-align: center;">Classe 1</p> <p>Dificuldades de Aprendizagem</p>	<p>Com relação ao aluno:</p> <p>[...] na escola a distorção idade série também preocupa muito e hoje uma das principais causas dessa situação e da repetência, além de causar sérios problemas de aprendizagem, a reprovação sempre é ameaça dela ainda e a principal causa de evasão [...] sentimos necessidade de a cada momento a cada dia mais experiências, em modelos de alunos, em dificuldades de alunos, existe dificuldade. E seria sem graça o professor dizer que não tem. [...] esses pequenos problemas que são enormes, que na prática vão estourar, sempre faço essa análise. Na escola converso com o professor da série anterior para saber a dificuldade do meu aluno. [...] tenho alunos que não tem a mínima noção, não conhece nem as letras, passo atividade com os outros, vou trabalhar com eles, então isso dificulta muito, até atrapalha. [...] dificuldade porque tem a dificuldade de aprender, acham que não aprendem, por isso vai usar de outros meios para poder apresentar, para não fazer as atividades ou não deixarem os outros se desenvolverem bem [...] porque quando vê, esses sete alunos que ficaram comigo, que não tiveram condições de chegar lá, realmente já sabia, já tinha detectado [...] porque tenho alunos que não querem nada, todo mundo conhece aqui, inclusive são taxados de trombadinha, vem para a escola para não perderem a bolsa escola, faço o máximo dentro da sala, invento jogos, faço discurso[...]</p> <p>Falta apoio dos pais para que aconteça a aprendizagem:</p> <p>E o aluno que não tem aquele estímulo para vir a escola, de aprender, de estudar, deixa de fazer as tarefinhas [...] não tem quem se preocupe com ele[...] esse pai para vir</p>

Quadro 06 – Extratos da fala dos professores (continua)

Classes Semânticas	Principais Segmentos de Textos
<p style="text-align: center;">Classe 1</p> <p>Dificuldades de Aprendizagem</p>	<p>responder pelo filho, o mais grave é o acompanhamento que não tem em casa. [...] poderia haver um projeto que trouxesse essa família para dentro da escola. [...] para que se interesse, conversar com o filho, pergunte se tem atividade de casa, porque geralmente nos outros anos era difícil a criança vir com as atividades feitas.</p>
<p style="text-align: center;">Classe 2</p> <p>Inadequação da Escola</p>	<p>Com relação à regras e autonomia:</p> <p>[...] para o insucesso... acho que deveria impor mais regras [...] se um membro não é eficaz, não desenvolve o trabalho com o potencial desejado, é claro que vai existir [...] o fracasso, pontos falhos no processo e no final da reta, no final do ano letivo, nós vamos colher o fracasso[...] acho que ainda no sentido assim, de exercer um papel autônomo, acho que a escola ainda caminha no sentido contrário, ela só obedece[...]</p> <p>Com relação à gestão:</p> <p>Outra coisa também que vejo muito, a questão está na gestão, deve ter algum conhecimento, deve ter competência, em minha opinião era pra ter pelo menos um curso preparatório. [...] vejo muito a política partidária entrar na educação, está acabando, ficando de uma forma que as pessoas querem uma gestão, uma direção de uma escola, mas não vai pelo compromisso de mudar aquilo ali.[...] você vê as decisões sendo tomadas por si própria pela gestão, sem consultar os professores, sem parar para poder sentar e ver isso aqui.</p> <p>Com relação à falta de planejamento:</p> <p>[...] como é que você consegue trabalhar atividades relacionadas à dificuldades com toda uma sala, sem parar para planejar, não tem como, se não trabalha isso, vai desestimulando, eles vão achando que isso aqui não vai mudar mesmo, quando chegam, muitos deles na metade do ano se evadem, não vem mais a escola.</p>

Quadro 06 - Extratos da fala dos professores (conclusão)

5.2 Fracasso Escolar: Uma Visão Socialmente Compartilhada

Os dados fornecidos pelo programa informático Alceste foram ser conjugados com a técnica de análise de conteúdo, buscando favorecer a identificação da pluralidade de temáticas que aproxima a construção de agrupamentos de elementos mais significativos, de modo a possibilitar a ampliação de categorias e subcategorias do tópico de interesse da investigação.

Dessa conjugação resultaram quatro categorias temáticas: concepções sobre o fracasso escolar; contribuição da família para o fracasso escolar, contribuição da escola para o fracasso; aspectos que influenciam para o fracasso escolar

O objetivo central dessa análise é evitar a possibilidade de esterilização dos dados, considerando o material produzido empiricamente e possibilitando o aprofundamento da leitura completa e não apenas dos dados que foram enquadrados pelo dendograma do Alceste, de modo a responder com maior segurança aos objetivos propostos inicialmente e aos questionamentos levantados nesse estudo. Considerando assim, a análise do material textual construído, levando-se em conta o cruzamento das informações obtidas através de entrevistas e os pressupostos teóricos pertinentes ao tema estudado.

Categoria 1 – CONCEPÇÃO SOBRE FRACASSO ESCOLAR	Impotente
	Auto-confiante

A **categoria 1** – Concepção sobre o fracasso escolar, diz respeito à fala dos professores sobre suas visões acerca do fracasso escolar, a partir de suas vivências. Esta categoria evidencia as referências que os professores têm acerca do processo ensino-aprendizagem, o que nele está inserido, a repetência e a evasão. Com base nessa categoria realizou-se uma análise para identificar as informações que as professoras têm sobre o tema. Percebeu-se que as suas concepções são construídas a partir de elementos contraditórios, pois apontam para vários fatores intervenientes no fracasso escolar, como: família, aluno, escola, governo. No entanto, eles isentam-se do processo. Essa categoria envolve duas subcategorias, que são a impotência diante do fenômeno e a autoconfiança, por considerarem os professores

que fazem tudo que está ao alcance deles para evitar o fracasso escolar.

As professoras entrevistadas ora se referiram à família como responsável pelo fracasso dos filhos, por estarem distantes e sem compromisso com a educação destes, ora se referiram ao aluno. Observa-se nas falas contempladas na primeira categoria, conteúdos que denotam a impotência dos professores diante do fenômeno que perpassa em sua trajetória docente, pois consideram que as altas taxas de reprovação acontecem na maioria das escolas.. Eis uma evidência disso nas seguintes falas:

[...] o fracasso acontece, ele está acontecendo em geral, em todos os lugares e a gente sabe que esse fracasso, ele acontece principalmente nas séries iniciais e a gente vê que ao invés de melhorar, ele está piorando. [...] eu pelo menos atribuo ao sistema que nós vivemos, isso se deve a um conjunto.

[...] em alguns momentos acreditamos está diante de algo desconhecido, nos falta conhecimento para compreender essas dificuldades e desinteresses dos alunos o que nos impossibilita conduzir com sucesso o processo ensino-aprendizagem e em outros momentos acreditamos ter feito o que era possível.

Ao se referirem a esses aspectos, as professoras repetem em vários discursos que existem falhas e que estas fazem parte de um conjunto de fatores que se entrelaçam e se vinculam ao fracasso escolar, deixando clara sua isenção diante de tal contexto. Por outro lado, é importante ressaltar que existe a consideração de que a ausência de conteúdo pedagógico para o enfrentamento das questões atinentes ao fracasso escolar, se constitui como agravante para o insucesso da intervenção docente. Evidência que os professores parecem desresponsabilizarem-se diante do processo. Diferentemente, acredita-se como coloca Scoz (1996, p.84), quando afirma que “o professor deverá cumprir com o seu papel de facilitador da aquisição de informações, como mediador do processo ensino-aprendizagem e conduzir à aquisição de ideologia e conteúdo libertador”.

Ainda se tratando do trabalho do professor, as principais explicações evidenciadas na amostra foram que este necessita de apoio pedagógico, de trabalho em equipe e de mais conhecimento sobre o processo ensino_ aprendizagem, principalmente, quando se refere a não aprendizagem dos alunos. O que é um dado preocupante, pois como afirma Charlot (2000, p. 66) “todo ser humano aprende: se não aprendesse não se tornaria humano”. Ou como afirma Canard (2002, p. 137): “todo ser humano tem imensas capacidades que devem ser desenvolvidas, suscitadas, multiplicadas. Nem falhas biológicas, nem *handicaps* socioculturais... Todas as crianças são capazes de pesquisar, criar, aprender e ter sucesso”. Considerando isso, o que levaria os alunos a não aprenderem?

No que se refere às concepções verbalizadas que os professores constroem em torno do fracasso escolar, merecem destaque:

- O trabalho em equipe:

[...] eu não posso fazer o meu trabalho isolado, eu preciso de ajuda, são vários fatores que contribuem para o fracasso.

[...] quando trabalhamos em equipe, quando temos apoio pedagógico, sentimos mais segurança no nosso trabalho e os resultados são melhores, diminui o número de alunos reprovados.

- O sentimento de segurança:

[...] eu faço a minha parte, eu tento de todas as maneiras fazer com que o aluno não fique reprovado.

[...] eu acho que eu tenho feito a minha parte, eu acho que não contribuo para o fracasso, pelo contrário, eu contribuo para o sucesso, mesmo sendo desvalorizada e com um salário baixo.

- A falta de conhecimento:

[...] não está preparado, ele está obrigado a aceitar e trabalhar com essas diferenças, a gente não tem treinamento pra isso. O fracasso escolar precisa ser melhor estudado, discutido e planejado

Destacamos ainda, a ênfase dada pelas professoras às dificuldades, sejam elas de ordem pessoal, com relação à metodologia usada para atrair os alunos multi repentes e que estão fora da faixa etária da maioria das turmas, ou ainda o desestímulo dos alunos, também frequentemente percebido pelos professores, sendo motivo de queixas. O que pode ser observado na fala a seguir:

[...] primeiramente, a questão que eu vejo muito assim, a faixa etária, é o desinteresse que eles têm. [...] pelo desestímulo da própria criança, já vem desestimulada de casa e quando ela não encontra o apoio na escola, aí acontece esse fracasso.

Quando indagamos sobre a superação e o trabalho realizado junto aos alunos repetentes, os professores deram destaque ao trabalho de diagnóstico para compreensão da situação de fracasso em que se encontram tais alunos.

Depoimentos dados pelas professoras ilustram bem essa situação:

- De identificação:

[...] nós identificamos o fracasso muitas vezes no dia a dia [...] a gente identifica através de atividades. [...] eu identifico com diagnóstico [...] na escola eu converso com o professor da série anterior pra saber a dificuldade do meu aluno que eu vou pegar. [...] e o desestímulo da própria criança, já vem desestimulada de casa.

- De superação:

[...] eu sempre trabalho assim, tentando é... procurar meios, recursos, metodologias, pra que ele veja aquilo ali vai ser bom pro futuro [...] eu procuro logo no primeiro bimestre, conversar muito com meus alunos, tentar conhecer um pouquinho de cada um.

[...] eu trabalho assim, tentando é... procurar meios, recursos, metodologias, para que ele veja que aquilo ali é bom para o futuro

[...] de maneira dinâmica, com bastantes atividades diversificadas, com o real.

A concepção das professoras sobre o fracasso escolar parece está fundamentada, em argumentos frágeis que favorecem a desarticulação da idéia central, apontando sempre para o aluno uma culpa que revela a situação social e o capital cultural como fator fundamental para a determinação do fracasso. No entanto, estudiosos como Charlot (2000, p. 22) vem discordar, quando coloca que “o sucesso na escola não é questão de capital, mas de trabalho, mais exatamente, de atividades práticas”.

Nossa categoria, pode-se perceber que a falta de conhecimento apresenta-se, no sentido de evidenciar as dificuldades do professor diante do fenômeno do fracasso escolar. A expressão ”trabalho em equipe”, parece estar empregada no sentido de ser aquilo que poderia contribuir para melhoria do ensino e, por conseguinte, para amenização do fracasso escolar.

A **categoria 2** é formada pelas contribuições da família para o fracasso escolar segundo na visão do professor, da qual emergem as subcategorias denominadas: família negligente e família parceira.

Categoria 2 – CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA PARA O FRACASSO ESCOLAR	Família negligente
	Família parceira

Esta categoria demonstra que os professores percebem que a família, representada pelos pais dos alunos, não valoriza a educação dos filhos, não acompanha o desenvolvimento e vê a repetência como algo natural. No que se refere à **subcategoria família negligente**, está

relacionada a sentimentos negativos e de descaso pela escola.

É importante ressaltar que todos os professores entrevistados fazem menção à família, a sua importância para o processo escolar e os danos causados pela ausência desta na escola. Nesse ponto merecem destaque as falas a seguir:

[...] no meu entendimento é a desarticulação da família, a comunidade onde está a escola.

[...] eu acho que a família ainda é desestimulada para acompanhar os filhos.

[...] é determinante, porque a gente passa um período aqui com esses alunos e eles têm toda uma vida em casa.

[...] porque também, às vezes, o fracasso também é o desajuste da família.

[...] a família, o lar desestruturado reflete na sala de aula.

Considerando isso, reforça-se que a conjuntura do fracasso escolar explica-se a partir de, pelo menos, dois pilares indissociáveis, a família e a escola, cuja importância e complexidade são indiscutíveis para a maior parte dos professores. A busca de qualidade no ensino pelo enfrentamento dos problemas da escola implica uma mudança de concepções e posturas, junto a isso não pode ser desconsiderado o desafio de trazer a família para dentro da escola, com ações, programas de incentivo, buscar de apoio junto a órgãos municipais de educação, já que conforme a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, no seu art 5º, os poderes federal, estadual e municipal devem “zelar, junto aos pais ou responsáveis pela frequência na escola”. Sendo assim, na lei está claro um primeiro passo, ir para a escola.

Na **subcategoria família parceira**, as unidades de registro mais evidentes são relativas à necessidade que o professor sente de ter a família como parceira para amenizar as dificuldades encontradas no processo que gera repetência. Eis as falas a seguir:

[...] bom seria se nós tivéssemos esse apoio, essa parceria na sua totalidade.

[...] a família contribuiria muito com a escola se ela juntasse com as pessoas realmente, tentasse procurar uma forma de amenizar a questão da indisciplina.

As falas dos professores denotam uma visão de que a família representa uma grande aliada para que o aluno compreenda a importância da educação na sua vida presente e futura.

Percebe-se que esses sentimentos surgem principalmente em função da

necessidade que o professor tem de apoio e passa a atribuir a família uma responsabilidade que muitas vezes, é da escola. Instala-se aí um sutil mecanismo de defesa, o que geraria uma barreira entre a escola e a família, justificando o fracasso escolar pela ausência da parceria familiar. Quando na verdade a escola, como coloca Shargel (2002, p. 56), chama a atenção para que a escola seja convidativa e receptiva a todas as famílias, pois alguns pais associam a escola a experiências negativas, já que “alguns tiveram dificuldades com a escola, outros podem tê-la abandonado, ou talvez nunca ter tido qualquer tipo de afinidade com ela. É importante que a escola reconheça e vença essas barreiras”.

Em consequência disso, muitas vezes, estabelece-se um jogo de responsabilidade entre a família e a escola, confundindo-se os papéis. Pois como afirma Shargel (2002, p.57),

As escolas podem incentivar a participação da família, perguntando aos pais quando eles podem participar de reuniões, em vez de simplesmente comunicar os horários que convém a escola. Ela pode envolver os pais no processo decisório estendendo os horários da escola aos finais de semana e até mesmo a noite, oferecendo aos pais a oportunidade de ‘comparecerem’ e ser ouvidos.

Em outras palavras, a família pode ser parceira da escola, mas não é responsável pelo que a escola desenvolve. Nesse ponto, há falas de entrevistados que referenciam a família como aliada principal na educação:

[...] eu acho que a família ainda é desestimulada para acompanhar os filhos, eles não sentem-se motivados, preparados, eles acham que seu papel é só matricular o aluno, não se preocupa com o acompanhamento [...]

[...] a família precisa dar as mãos a escola, para que juntas possam realizar um trabalho melhor.

Ainda na subcategoria “**família parceira**”, as unidades de registro mais evidentes são relativas à necessidade que o professor sente dessa parceria entre a escola e a família, que, segundo os pesquisados, deveria intervir no desenvolvimento das funções cognitivas dos alunos, através do acompanhamento e reforço escolar, bem como no nicho social, incentivando-os a perceberem a instituição escolar como um espaço para apropriação de novos conhecimentos e comportamentos requeridos na dinâmica da sociedade. Eis uma fala que evidencia isso:

A família, o lar desestruturado reflete na sala de aula, reflete no comportamento dele, reflete na personalidade dele, na sua formação como cidadão [...] Eu acho que a família deveria motivar os filhos a irem para a

escola para mudar de vida, conseguir um bom emprego e ter estabilidade financeira. Também para conhecer o que é a cultura.

Por outro lado, embora amplamente divulgado que a família exerce um papel importante na vida escolar dos alunos, essa função educativa do lar não se apresenta muito assimilada pelos pais e/ou responsáveis, constituindo-se em um importante desafio a ser considerado pelos professores e pela escola.

A **categoria 3** é formada pelas contribuições da escola no processo que desencadeia o fracasso escolar. Verifica-se nas falas dos participantes, dois direcionamentos que correspondem às subcategorias: escola inadequada e escola desarticulada.

Categoria 3 – CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA NO PROCESSO	Escola inadequada
	Escola desarticulada

A subcategoria **escola inadequada** para as classes populares, evidencia as dificuldades sociais e culturais que a escola enfrenta, se manifestando quando não considera as diferenças e peculiaridades dos sujeitos envolvidos no processo. Discussão que Soares (2002, p.71) contribui quando afirma:

A escola modelada segundo as relações econômicas e sociais da sociedade capitalista, nada pode fazer contra as desigualdades sociais [...] a escola, nessa perspectiva chega a ser perversa, porque na verdade, colabora para a preservação dessas discriminações econômicas e sociais, legitimando os privilégios, pelas condições de sucesso que oferece às classes dominantes, através do fracasso a que conduz as classes dominadas, pela negação, a elas, de condições de sucesso.

Na amostra, percebe-se que para os professores, a escola apresenta-se com várias lacunas na parte estrutural e pedagógica. E isso pode ser contextualizado nos exemplos a seguir:

[...] o espaço físico aqui é inadequado, mesmo tendo salas amplas, mas o espaço físico ao redor, que não tem um local adequado, não tem biblioteca na escola [...]

[...] eu acho que o espaço físico é muito precário [...]

Ainda mais, ressalta-se que experiências negativas na escola levam muitos alunos

a desertarem desta, o que comprova a inexistência de um trabalho mais eficaz junto ao aluno e a família. Pois como coloca Costa (1994, p. 68):

Isso nos leva a refletir em como as famílias proletárias lutam para seus filhos permanecerem na escola e em como a deserção e abandono não se dá, como se pensa, por falta de luta de sua parte. A estrutura da escola, sim parece fazer tudo para excluir essas crianças, não são as famílias que deixam de lutar para que eles ali permaneçam.

Na subcategoria **escola desarticulada**, evidencia-se a falta de trabalho em equipe, a falta de uma integração entre os membros da escola, o que refletem a fragilidade e a falta de um projeto político pedagógico levado a sério. Questão clara em função de que os docentes admitem a necessidade de uma gestão democrática e participativa. Eis a confirmação disso em alguns recortes de falas:

[...] falta integração maior dentro da própria escola [...]

[...] a questão da integração, eu vejo muito separada, por exemplo, a direção, a coordenação, pessoal de secretaria, pessoal de apoio [...]

[...] porque às vezes o trabalho se torna isolado [...] não deixar o trabalho único e exclusivamente do professor.

Conforme as falas transcritas, as referências que o professor tem sobre a desarticulação da escola e a necessidade de mudar esse quadro perpassa sua vida acadêmica, envolvendo o âmbito do exercício profissional. Pinheiro (apud PATTO, 1999, p. 121) vem contribuir com essa reflexão, quando coloca: “para mudar a situação a nosso ver, muitos conhecimentos terão de ser reformulados. Muitas atitudes mudadas, inúmeras idéias falsas eliminadas”.

Ainda nesse ponto, na fala dos professores é levantada a questão da autonomia da escola. Eis algumas falas:

[...] eu acho que ainda no sentido assim, de exercer um papel autônomo [...] a escola precisa ter iniciativas próprias e não apenas esperar o que vem determinado da secretaria de educação.

[...] na minha opinião, essa autonomia contribuiria muito, [...] você tem que ter a autonomia ou de destacar ou procurar a partir daquilo modificar para poder fazer com que a escola e os alunos caminhem. Mudar algumas atitudes, refazer o caminho, a escola deve repensar o seu papel e ter autonomia para mudar.

Sobre essa questão da autonomia que se deseja na escola, sabe-se que além da

vontade política e da competência dos agentes pedagógicos da escola, ela precisa ser conquistada e construída no cotidiano da escola. Pois a autonomia tem um caráter coletivo e é uma construção que não se faz sem a deliberação pessoal do professor e sem interação com colegas e alunos. Implica ainda a reflexão em torno da prática docente e de uma gestão democrática, exigindo amadurecimento de toda a comunidade escolar.

A **categoria 4** compreende os aspectos que influenciam para o fracasso escolar. Verifica-se na fala dos professores quatro direcionamentos que correspondem às subcategorias, assim definidas: desinteresse dos alunos; dificuldades do professor; currículo da escola e meio social do aluno.

Categoria 4 – ASPECTOS QUE INFLUENCIAM PARA O FRACASSO ESCOLAR	Desinteresse dos alunos
	Currículo da escola
	Meio social do aluno

Quanto à **categoria 4**, esta diz respeito aos aspectos que influenciam para que se efetive o fracasso de um número elevado de alunos, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental.

No que se refere à subcategoria **desinteresse do aluno**, verifica-se que o professor dá muita ênfase a isto e volta-se para a criança como sendo culpada por um processo que é muito mais complexo que a falta de atenção destes. Em alguns relatos é possível verificar claramente isso:

[...] a reprovação é porque não querem mesmo, a gente entra na sala de aula, eles dizem, não vou assistir aula e saem [...]

[...] são muito alheios, você está falando, explicando, parece que não é interesse dele, não existe interesse.

[...] a gente vê, a maioria dos alunos dizem, só venho para a escola porque o pai manda, pela bolsa escola.

[...] a gente sabe que o aluno não quer mais estudar e não tem mais aquela expectativa, nem interesse, nem objetivo.

As experiências negativas dos professores frente ao fracasso escolar são relatadas e vistas por eles como dificuldades e falta formação e conhecimento para trabalhar dentro de

uma concepção de sucesso e não de fracasso. As falas a seguir exemplificam isso:

[...] as dificuldades que eu encontro são muitas [...]

[...] tem dificuldades por mais que seja experiente, é uma coisa que está todo ano na nossa escola.

[...] eu sinto dificuldade nisso, porque eu posso resolver o problema do meu aluno, mas os outros eu não vou poder [...]

[...] eu sinto dificuldades e angústia, eu fico angustiada, porque eu sempre sonhei com uma educação melhor.

As dificuldades dos professores se imbricam numa rede de fatores que envolvem o campo da formação profissional, as condições do sistema educacional numa ótica pessoal e até do seu próprio desempenho profissional, situação aparente quando os pesquisados se referem a si mesmos como incapazes de contribuir para a superação das dificuldades.

Além do mais, em face do quadro de dificuldades apresentado por alguns alunos e que são relacionados pelos professores como uma das causas da repetência, Silva (1996) faz referência a essas dificuldades considerando as alternativas de se lidar com esta no âmbito da escola. Para a autora, dificuldades são estados indesejáveis, muitas vezes, passageiras, passíveis de resolução mediante intervenções específicas e o ajustamento de linhas de conduta escolar.

No que se refere à subcategoria **currículo da escola**, esta aparece paralela a outros fatores que interferem para que o aluno se desestimule, não alcançando o nível de conhecimento desejado pela série e seja reprovado. Evidências que apresentam a questão do currículo podem ser exemplificadas nas falas apresentadas adiante, em que são expostas as principais unidades desta subcategoria.

[...] o currículo também é um deles, ele é falho.

[...] É que o currículo, assim tem que se mudar e voltar para o interesse do alunado. Trabalhar de uma maneira flexível, onde possa abranger a realidade de cada sala de aula.

A esse respeito Sampaio (2004, p. 87) coloca: “descobrir a relação entre os conteúdos mais valorizados no currículo e as dificuldades de aprendizagem podem contribuir para que se entenda melhor como acontece o insucesso do aluno”.

O currículo escolar na visão das professoras entrevistadas seria a vivência de experiências sistematicamente planejadas, visando ao ensino e à aprendizagem de elementos

culturais selecionados e institucionalmente tidos como relevantes para que as pessoas se tornem algo que essas experiências planejadas objetivam. Nesse sentido, na escola não se experimenta qualquer coisa, de qualquer maneira, para quaisquer finalidades. A escola tem uma cultura, tem uma vida, tem uma identidade e oferece condições para certas experiências, cabendo a esta conduzir suas ações de maneira efetiva e democrática, para que todos possam participar e contribuir para a melhoria do processo ali estabelecido, rompendo com a ideologia que é repassada pela escola, pois, o modelo que se estabelece contribui para que esta seja “excludente, porque o seu currículo é baseado na cultura dominante, desvalorizando assim, as culturas das crianças e jovens das classes dominadas” (SILVA, 1999, p. 28).

Quanto à subcategoria **meio social do aluno**, como fator que influi e interfere para que se efetive o fracasso escolar, apresenta-se muito claramente nesta subcategoria quando da visão do professor acerca do meio social do aluno que está relacionado com o capital cultural, apreendido no contato com o meio, estabelecendo novamente a relação direta entre o aluno e o fracasso escolar. Pode-se observar que essa relação já foi estudada e pesquisada por vários autores, como Pierre Bourdieu (2005) que faz uma reflexão sobre deficiências culturais, cujo aluno que não apresenta um capital cultural considerado pela escola, não consegue acompanhar o nível exigido para cada ano de ensino, alegando que as crianças oriundas das classes populares, são duplamente prejudicadas, visto que a escola impõe uma cultura dissociada da realidade dos alunos, impondo a cultura das classes dominantes, desrespeitando e dificultando a aquisição e assimilação da mesma, convergindo ao fracasso escolar. “Contribuindo para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima.” (BOURDIEU, 2005, p. 58).

Os fatores contribuintes para o fracasso na escola advêm de diversos contextos e universos, conforme o autor supracitado. Dentre eles, o que sobressai na maioria dos relatos docentes é a situação contextual na qual o sujeito, com dificuldade de aprendizagem, está inserido, provocando uma reflexão acerca do potencial que a cultura e o meio externo à escola exerce na ocorrência de deficiências cognitivas, ausência de sentido motivante para que o indivíduo permaneça na escola e busque enfrentar com ferramentas eficientes os desafios que emergem nas dinâmicas escolares.

Pelos registros obtidos quando da nossa amostra, as questões sociais sentidas pelos professores se manifestam em suas falas:

[...] é o meio social onde ele vive e quer dizer o que contribuiria mais para esse fracasso.

[...] também é a questão sócio econômica que leva a um índice mais alto hoje.

[...] todas as vezes que a gente tenta entender o perfil sócio econômico do aluno, as coisas se direcionam melhor [...].

Observa-se nestes depoimentos, que, em geral, os professores direcionam as causas do fracasso escolar para o aluno e a sua família, ou como coloca Paro (2001, p. 72), os “condicionantes socioculturais”, são as influências no modo de agir e comportar-se do sujeito, reflexos do meio em que vivem, os quais são assimilados quando da construção de sua identidade e que determinará sua “conduta e suas ações na prática social”.

Considerando essa situação, Perrenoud (2007) propõe uma pedagogia diferenciada, visto tratar-se de uma proposta politicamente correta, para atender às diferenças sociais e culturais dentro de um percurso, onde as individualizações precisam ser consideradas. Assim:

A individualização dos percursos não é um fim em si. É uma consequência lógica de uma concepção coerente e ambiciosa da pedagogia diferenciada. Diferenciar consiste em propor a cada um, situações de aprendizagem ótima em vista de sua progressão para os objetivos. Como os alunos são diferentes, convém propor-lhe situações de aprendizagem diferentes, não só às vezes, mas sempre que isso for pertinente (2004, p. 104).

Embora se reconheça que fatores socioculturais incidem sobre a prática escolar, muitas vezes resulta numa concepção equivocada dos professores, associando ao meio social, ao aluno e à família a responsabilidade de todos os males, isentando a escola da parte que lhe cabe na função educativa.

Ainda sobre esse ponto dos aspectos que influenciam no fracasso escolar, outros aspectos são colocados pelas professoras:

[...] eles não têm contato com a leitura, com material de leitura, com material de escrita.

[...] têm poucas habilidades para a leitura, o meio em que vive não favorece... eu acho que é a cultura.

É compreensível a afirmação das professoras acerca dos aspectos influentes no fracasso escolar. No entanto acrescenta-se a isso que não se aprende só pelo repertório de habilidades, pelo meio social onde se vive ou pelas diferentes culturas, mas também pelo que se é, se busca, se concebe, se valoriza e se faz. Cultura e aprendizagem são faces inseparáveis na condução do ensino e decisivas na constatação de seus resultados. Conforme Colello (2001, p. 08) “não se pode dirigir o curso de aprendizagem em uma única trajetória, não se

podem controlar os significados atribuídos ao saber ou aos usos do conhecimento conquistado”. Operando a partir de parâmetros didaticamente inflexíveis, a prática pedagógica leva ao fracasso, porque não está preparada para lidar com a pluralidade de contextos. Em síntese, muitas escolas “não falam a mesma língua” de seus alunos. O resultado dessa falta de dialogicidade leva a mecanismos de seleção e exclusão, gerando, assim, o fracasso escolar.

Diversas hipóteses são suscitadas na tentativa de reaver o sentido da escola diante dos desafios sugeridos pelos inúmeros casos do fracasso escolar. Professores e família situam a problemática discorrida e analisada nesse trabalho em diversos planos, muitas vezes descontínuos. Enquanto os professores atribuem a causa do fracasso escolar ao descompromisso da família em não contribuir com a aprendizagem dos alunos, é observado que os pais acreditam que esse fenômeno é consequência de uma ação docente inconsistente e fragilizada.

Ademais, o universo no qual se inscreve o fracasso escolar sugere uma formação docente comprometida com uma reflexão teorizada das estruturas que confluem e incidem na instituição escolar. Nesse sentido, é condição determinante que o professor desenvolva um senso analítico que oriente sua prática para o empreendimento de ações integrais de combate ao fracasso escolar na sala de aula. E isso pode se reali, se, de fato, em seu percurso de formação inicial e continuada, o professor se perceba parte integrante e importante desse processo, que requer um esforço compartilhado e competente entre a competência assumida por ele, a função social da escola e a estrutura de formação familiar.

VI CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pautas, suas dúvidas, suas incertezas.

(FREIRE, 2002)

A conclusão deste trabalho representa um repensar a prática do docente, dentro de uma visão que este profissional tem do processo ensino-aprendizagem, compreendendo que as reflexões aqui anunciadas não devem ser tomadas como verdades conclusivas e inquestionáveis. Considera-se a grande importância deste aprendizado para um crescimento intelectual, pois toda a produção da pesquisa foi extremamente significativa, visto que em cada contato feito com os professores pesquisados, foi proporcionada a confirmação da hipótese levantada inicialmente. Afinal, com a pesquisa, realmente pudemos conhecer melhor a visão que os professores têm sobre o fracasso escolar.

Através desse estudo, buscou-se analisar a visão dos professores das séries iniciais do ensino fundamental da cidade de Cajazeiras-PB acerca do fracasso escolar, procurando registrar as impressões, opiniões, percepções, atitudes e expectativas deles em torno da produção deste fenômeno.

Outro fator preponderante na realização deste trabalho é que se constatou a hipótese levantada do objeto de estudo, qual seja o fato de que o professor coloca em outras direções as causas que motivam o fracasso escolar, quando se observou nas falas e depoimentos dos pesquisados a contradição da qual dizem os autores estudados: a precariedade da formação/atuação docente para compreensão e intervenção face às problemáticas relativas ao fenômeno de produção e atualização do fracasso escolar.

Neste contexto, pode-se inferir que os objetivos que assinalaram esta pesquisa, no entanto, foram confrontados, no decorrer do processo de sua consecução com novas indagações e idéias, no sentido de aprofundar a abordagem do objeto posto à investigação, acrescentando a família dos alunos como universo de sujeitos pesquisados.

Assim, os resultados apresentados neste estudo foram considerados surpreendentes, diante da constatação de inúmeras limitações no que diz respeito ao conhecimento por parte dos professores, o que ainda dificulta a efetivação de uma visão mais clara, fundamentada em princípios norteadores que possam contribuir para a construção de uma prática de sucesso.

Considerou-se surpreendentes os resultados por dois relevantes aspectos. O primeiro se configurou logo na revisão de literatura, quando os estudos sobre fracasso escolar foram aprofundados com vistas à compreensão acerca do motivo da resistência dos professores em entender e se colocarem como agente transformador e parte do processo de ensino e de aprendizagem. Em relação a isso, pode-se observar que falta uma formação mais consistente e um estudo fundamentado na literatura científica para que o professor respalde suas idéias e suas práticas.

A literatura estudada evidenciou os fundamentos de tais posturas, visto que a formação inicial e a formação continuada ainda são consideradas pelos próprios professores como distantes da realidade vivenciada na sala de aula, como destaca um professor pesquisado ao afirmar que “essa formação deve ser no sentido de trabalhar as práticas em sala de aula [...] a gente fica muito na teoria, mas quando passa para prática, já fica mais difícil”.

Diante deste estudo, acentua-se o segundo aspecto que desperta a atenção dentro da problemática da visão dos professores. Trata-se do docente se colocar à margem das práticas de aprendizagem, não assumindo uma postura de se perceber como professor organizador, colaborador e motivador, resistindo a participar do processo e experienciar, no âmbito pessoal e profissional, uma relação de mediação entre o ensino e a aprendizagem, para que venha favorecer a sua autonomia e fortalecer a confiança em suas capacidades.

As evidências expõem claramente as questões em torno da ausência de um trabalho interligado dentro da escola, e, neste caso, acentua-se a necessidade de uma formação dos professores direcionada para as dificuldades de aprendizagem e de ensino e que estes possam apresentar um discurso competente, deixando de se lastimar, justificando a reprovação com argumentos soltos, desligados das condições de realização do currículo, que incluem alunos reais.

Diante disso, constata-se que os caminhos abertos pela história do fracasso dos alunos é um processo perverso. Neste estudo foi possível encontrar elementos reveladores de que as barreiras formadas no processo de aprendizagem são, muitas vezes, reforçadas pela escola, impedindo o sucesso do aluno, o que, na visão do professor, aparece como algo normal.

Os resultados desta investigação forneceram outros indicativos que merecem ser destacados. No tocante à visão dos professores sobre o processo de ensino e de aprendizagem, percebe-se que quando se deparam com algumas dificuldades quando estão diante do insucesso ou do sentimento de impotência, passam a atribuir a família e ao aluno toda a culpa pelo fracasso escolar. Enfim, observou-se que, do ponto de vista teórico, os professores desenvolvem um discurso bastante avançado e democrático, embora, do ponto de vista da prática, evidenciam-se muitas limitações, tais como a falta de conhecimento específico acerca da Pedagogia, como quando está relacionado ao desenvolvimento cognitivo da criança, quando se trata do desenvolvimento psicológico e, ainda, quando trata das relações sociais, das diferenças culturais e de como esses fatores interferem no processo, principalmente quando provocam dificuldades de aprendizagem.

As dificuldades relatadas pelos sujeitos da pesquisa, em virtude de suas vivências dentro do processo ensino e aprendizagem, se constituíram num outro aspecto preocupante. Observou-se a visão destes como algo inerente à prática, faltando ainda o impulso necessário para superação da fragmentação dessa prática. É preciso destacar que já existe muita preocupação por parte de alguns professores, se revelando como parte desse conjunto, deixando transparecer as limitações impostas pela rapidez das informações.

Dentro desse processo, considerou-se que o ato de aprender é sempre um ato individual, significando, assim, que cada pessoa constrói um sentido e um significado próprio acerca do que lhe é apresentado. Deste modo, as aprendizagens dos alunos serão sempre diferentes, devendo as mesmas serem respeitadas pelo educador.

Nesse sentido, um professor que se limita a expor uma série de conhecimentos aos seus alunos, baseando-se, exclusivamente, na transmissão desses conhecimentos, não conseguirá, certamente, educar. Pois poderá correr o risco de não haver uma verdadeira compreensão das matérias, mesmo que os bons resultados apareçam, fruto de um trabalho de memorização mecânica.

A análise da visão das professoras sobre o fracasso escolar trouxe a esta reflexão uma melhor percepção sobre o papel da escola, do professor e da família no processo pedagógico. Estes papéis foram os pontos essenciais, colocados pelos pesquisados, na inter-relação de fatores que interferem no processo de ensino e aprendizagem promovido pela escola.

Constatou-se, através da pesquisa, que, para explicar o fracasso escolar, as professoras buscam encontrar nas diferenças sociais do aluno ou da família respostas para esse quadro, isentando a si mesmos e a escola da responsabilidade de ensinar a ler e escrever. Tal pensamento parece contradizer a máxima de que “a escola é de todos”, pois rejeitam e classificam os alunos que não podem acompanhar o currículo escolar. O que, por sinal, alguns autores contestam, como é o caso de Soares (2002), para quem a escola estabelece uma linguagem padrão e os alunos são discriminados por apresentarem diferenças lingüísticas. Segundo a autora, não há falta de cultura e nem cultura fraca, o que há são diferenças entre as classes e a escola precisa partir deste fato para poder trabalhar a formação do aluno.

Uma das professoras pesquisadas estabelece a compreensão de que os educadores estão isentos deste processo, “por fazer tudo que é possível”, sendo que a escola tem a função social de assegurar a igualdade entre os indivíduos, embora promova a discriminação e a marginalização dos alunos de classes populares.

Em relação às professoras, pode-se perceber que não se constituem como sujeitos

do processo. Elas procuram a solução do “problema” em outros profissionais que faltam à escola, como o psicólogo, buscando a “cura” ou a “prevenção” dos problemas de aprendizagem e de indisciplina, que surgem no interior da instituição educativa.

No decorrer da elaboração deste trabalho, desde a revisão de literatura, a leitura contextualizada da temática e as pesquisas apresentadas, percebe-se que existe, atualmente, a luta contra o fracasso escolar por parte de alguns organismos sociais, como a família, a escola, os poderes públicos, mas ainda num movimento fragmentado. No entanto, a realidade resiste à luta contra a exclusão de parte da população. Acredita-se que tal exclusão impede que um ser humano exerça plenamente seus direitos e deveres de cidadão crítico e participativo, pois o fracasso escolar pode equivaler à precariedade, dependência e marginalidade sócio-cultural.

Mediante as questões aqui apresentadas, fruto da pesquisa realizada junto aos professores e da reflexão construída por ocasião da análise dos resultados, pode-se concluir que o desafio de superar o fracasso escolar não é simples, dadas as condições de ensino em que se encontram o município e o país.

Em se tratando do fracasso escolar presente nos discursos, observa-se que a visão dos professores favorece a compreensão acerca da concepção que estes têm de sua prática, de suas dificuldades e, algumas vezes, da sua isenção no processo de ensino e aprendizagem, por onde perpassam aspectos que influenciam o fracasso escolar e onde eles não são trabalhados, pois o reconhecimento de que já fazem tudo e, portanto, não se sentem co-responsáveis pela precariedade e inadequação dos métodos de enfrentamento do problema, contribui para a atualização desse fenômeno, que impede a realização do ser humano através da educação.

Por outro lado, alguns profissionais revelam que falta formação, falta conhecimento, competência e habilidade para lidar com alunos que estão vivenciando o fenômeno denominado de fracasso escolar. Nesse sentido, percebe-se que persiste um grande distanciamento entre o dito e o vivido, e, ainda, a grande distância entre os cursos de formação e a realidade da escola pública, permanecendo a duplicidade entre o “mundo da formação” e o “mundo do trabalho” pelos sujeitos que dão movimento à escola.

Coloca-se, pois, a necessidade de buscar alternativas na tentativa de superação das lacunas existentes dentro do contexto educacional, notadamente na relação do professor com o aluno e com o saber, no sentido de pressionar os poderes públicos a tomarem como prioritária a questão da formação de professores, para que venha dar-lhes suporte técnico, teórico e metodológico a fim de que o processo de ensino e aprendizagem possa se desenvolver num percurso de sucesso, superando, assim, o fracasso escolar.

Neste sentido, espera-se que o presente estudo tenha oferecido uma contribuição

ao debate em foco, pois as informações provenientes dos professores evidenciam o quanto os mesmos carecem de formação, de conhecimento, de se reconhecerem enquanto agentes de transformação para um redimensionamento do processo educativo.

Finalmente, considera-se a necessidade de buscar alternativas para a compreensão do fracasso escolar, pois a relevância social deste estudo expressa-se, justamente, no sentido de buscar alternativas para superação de lacunas existentes entre a formação docente, a prática pedagógica e a visão que o professor tem sobre o fracasso escolar, para que o mesmo possa ser vencido e do chão da escola possa emergir a vitória do trabalho cotidiano escolar, difícil, mas viável, de forma a possibilitar, aos que nela chegam, o sucesso na escola e na vida.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; MOLL, Jaqueline (Orgs.). **Para além do fracasso escolar**. Campinas: Papirus, 1997.
- ALBA, M. El método alceste y su aplicación al estudio de las representaciones sociales del espacio urbano: El caso de la Ciudad de México. *Papers on social representations*, 2004. Disponível em: <http://www.br/scielo.php?script=sci>. Acesso em: 23 mai. 2008.
- AQUINO, Júlio G. (Org.). **Autoridade e autonomia na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1999.
- ARROYO, Miguel G. Fracasso-sucesso: o peso da cultura e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, Anete (Org.). **Para além do fracasso escolar**. Campina SP: Papirus, 1997.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BERHENS, Marilda A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BEZERRA, Eufrásio. **O cotidiano escolar**: o fracasso da prática ou a prática do fracasso? 2. ed. Manaus: INEP/UA, 1994.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BORUCHOVITCH, Evely. Avaliação psicoeducacional: desenvolvimento de instrumentos à luz da psicologia cognitiva baseada na teoria do processamento da informação. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci>. Acesso em: 15 ago. 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BRANDÃO, Zaia. **A escola em questão**: evasão e repetência no Brasil. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- BRASIL. Ministério da Educação. Inep. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/basica/saeb/default.asp>. Acesso em: 15 mar. 2008.
- BRASLAVSKY, Berta. O meio e o professor do ponto de vista de diversas perspectivas da alfabetização Inicial. In: SERBINO, Raquel V. et al. **Formação de professores**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- CAMARGO, B. V. Alceste: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2005.

CANARD, Marie-Pierre. Um projeto escolar para lutar contra o fracasso escolar e a exclusão. In: APAP, George. et al. **A construção dos saberes e da cidadania**: da escola à cidade. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARRAHER, Terezinha; SCHELMAN, Analúcia; CARRAHER, David. **Na vida dez, na escola zero**. São Paulo: Cortez, 1988.

CARVALHO, José S. F.. As noções de erro e fracasso no contexto escolar: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, Júlio G. **Erro e fracasso na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHAGAS, Valnir. **O ensino de 1º e 2º graus**: antes; agora; e depois? São Paulo: Saraiva, 1978.

COLELLO, Silvia M. G. **Formação de educadores**: desafios e perspectivas para o século XXI. In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES,6., 2001, Águas de Lindóia, SP.

CORDEIRO, Jaime. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2007.

CORTESÃO, Luiza. **Ser professor**: um ofício em risco de extinção? São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, Dóris A. F. **Fracasso escolar**: diferença ou deficiência? Porto Alegre: Kuarup, 1994.

COSTA, Marly S. da. **A importância da afetividade no processo de aprendizagem: um estudo de caso com universitários de Cajazeiras PB**. 2007. 82 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Tubarão SC, 2007.

DOCKRELL, Julie. **Crianças com dificuldades de aprendizagem**: uma abordagem cognitiva. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FAZENDA, Ivani C. A. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas SP: Papyrus, 1997.

FEITOSA, B. **Formação profissional e a prática pedagógica**: as representações sociais da zona rural. 168 f. Dissertação Mestrado. Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

FELDENS, Maria das G. F. Desafios na educação de professores: analisando e buscando compreensões e parcerias institucionais. In: SERBINO, Raquel V. et al. **Formação de professores**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

FERNANDES, Dorgival G. Estudantes de camadas populares e a questão do fracasso escolar: considerações a partir do pensamento de Pierre Bourdieu. In: ALDER, Júlio F. C.; SILVA, Alexandre M. T. (Orgs.). **Cidadania no horizonte do trabalho**: reflexões sócio-históricas e

pedagógicas. João Pessoa: Idéia/Edições FAFICA, 2005.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre: Artemed, 2001.

FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: Artemed, 2001.

FIGLIARELLI, Romeu. **Metodologia da pesquisa: como planejar, executar e escrever um trabalho científico**. João Pessoa: UFPB/ Editora Universitária, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24 ed. São Paulo: Paz e terra, 2002.

_____. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GATTI, Bernadete A. **Formação de professores e carreiras: problemas e movimentos de renovação**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

GIUSSANI, Luigi. **Educar é um risco: como criação de personalidade e de história**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2000.

GOMES, Maria de F. C.; SENA, Maria das G. de C. (Orgs.). **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GHIRALDELLI JR, Paulo (Org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/contagem2007. Acesso em: 15 mar. 2008.

LAVILLE, Cristian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Artmed, 1999.

LEITÃO, Deusdedit. **O educador do sertão: vida e obra do Padre Inácio de Sousa Rolim**. Teresina: Gráfica do Estado do Piauí, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica social dos conteúdos**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1986.

LOPES, Cilene K. **O fracasso escolar na ótica de professores dos anos iniciais do ensino fundamental**. Disponível em: <http://correio.fdvmg.edu.br/downloads/>. Acesso em: 23 mai. 2008.

LOPES, Eliana M. **Da sagrada missão pedagógica**. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, Guiomar N. **Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MIZUKAMI, Maria das G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MOYSÉS, Lúcia. **O desafio de saber ensinar**. Campinas: Papirus, 1994.

MOYSÉS, Maria A. A.; COLLARES, C. A. L. **O buraco negro entre o conhecimento científico e o mundo real: um objeto essencial de pesquisa**. São Paulo: UNICAMP, 1998.

NEVES, C. M. C. Autonomia na escola pública: um enfoque operacional. In: VEIGA, Ilma P. **Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papirus, 1995.

NÓVOA, Antonio. Relação escola-sociedade: novas respostas para um velho problema In SERBINO, Raquel V. et al. **Formação de Professores**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PARO, Vitor H. **Reprovação escolar: renúncia à educação**. São Paulo: Xamã, 2001.

PATTO, Maria H. S. **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

_____. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do psicólogo, 1999.

PERISSÉ, Paulo. **O educador aprendedor**. São Paulo: Cortez, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **A pedagogia diferenciada: das intenções a ação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PIMENTA, Selma G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Funções sócio-históricas da Formação de Professores da 1ª. a 4ª. série do 1º grau**. Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/edc>>. Acesso em: 22 jun. 2008.

REIS FILHO, Casemiro dos. **A educação e a ilusão liberal**. São Paulo: Cortez, 1981.

RESENDE, Valéria B. de. Fracasso e sucesso escolar: os dois lados da moeda. In: GOMES, Maria de F. C.; SENA, Maria das G. de C. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RICHARDSON, Jarry R. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2008.

ROSSINI, Sonia D. R.; SANTOS, Acácia A. A. dos. Fracasso escolar: estudo documental de encaminhamentos. In: SISTO, Firmino F.; BORUCHOVITCH, Evely; FINI, Lucila D. T. (Org.) **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001.
SALGADO, Maria U. Habilitação no magistério na escola de 2º grau. In: **Revista da ANDES**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.

SAMPAIO, Maria das M. F. **Um gosto amargo de escola: relações entre currículo, ensino e fracasso escolar**. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2004.

SCHARGEL, Franklin P. **Estratégias para auxiliar o problema de evasão escolar**. Rio de Janeiro: Dunya Ed., 2002.

SCOZ, Beatriz J. L.. **Psicopedagogia e realidade escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SILVA, Maria de L. **Mudanças de comportamentos e atitudes**. São Paulo: Moraes, 1996.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SISTO, Firmino. F. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SMOLKA, Ana L. B. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

SNYDERS, George. **Alunos felizes**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SOUZA, Denise T. Entendendo um pouco mais sobre o sucesso (e fracasso) escolar: ou sobre os acordos de trabalho entre professores e alunos. In: AQUINO, Júlio Goppa. **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ANEXO – A: Entrevistas

ENTREVISTA 01 ESCOLA B PROFESSORA DA 3ª. SÉRIE

EU QUERIA QUE VOCE FALASSE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

Eu acho que o fracasso escolar abrange várias outras coisas, porque é no sentido de ... de... a escola pode ser o responsável, a família pode ser o responsável, o professor também pode ser o responsável por esse fracasso e até mesmo assim, que as políticas públicas também, ao meu ver assim... a sociedade tem se modificado a cada instante e a escola não acompanhou essa modificação, por que se a gente for ver em nossa sala de aula por mais que assim...o professor eu acho que já é o mínimo de culpa, ele tem, na minha opinião porque um professor formado a gente tem formação constantemente é a gente procura, mas quando a gente chega na sala de aula o que você pensa que vai ser e.. inédito, muitas vezes não é pro aluno porque o mundo dele é completamente diferente desse aqui, o mundo dele é de liberdade, de total liberdade, ele não tem como... eu já vejo assim, porque como eu também estudo né o meu tema já é ligado a indisciplina eu vejo que isso aqui pra ele é uma prisão, se lá fora eles tem total liberdade é... é.. vai onde ele quer, joga vídeo game, faz isso faz aquilo outro e vai assistir o filme que quer, então a escola por mais que a gente tente trazer isso pra dentro da sala de aula, pra dentro da escola, mas só que a gente não consegue, a gente pode conseguir até uma certa... uma... até uma parte, mas pra dizer assim é... hoje a minha aula foi uma aula boa que todo mundo gostou é difícil, pelo menos aqui na minha sala de aula eu vejo isso ai isso vai o que? Vai se desestimulando, ele se desestimula por que? Porque o mundo...a escola é o avesso do mundo dele, então isso fica distante .. é distante do mundo dele, ai acarreta o desinteresse a falta de vontade de aprender e as vezes o professor cai muito naquela questão antiga que acha que o mais importante também são os conteúdos né e deixa outras coisas de lado também, porque eu acho que no mundo tem muita coisa para aprender a partir do conhecimento que ela já tem né, eles podem também aprender a ler e escrever, eu acho que assim.. ainda existe assim... cada coisa tem uma parcela de culpa porque assim.. até eu volto assim...pra questão da gestão da escola também, pra que você esteja numa escola assim... tenha uma escola engajada pra... é. pra...superar né, as dificuldades desses alunos, como que eu poderia dizer uma palavra...é.. essa vontade que eles têm de.. de não ficar só nesse espaço, só aprender a ler e escrever mas eles têm vontade de aprender outras coisas e a escola não oferece e a gestão da escola ainda não se preocupa... não se preocupou com isso, outra coisa, voltada pra questão que ... a gente sabe muito bem que quando a gente faz um projeto pra poder... pra que esse projeto dê certo tem que ser todo mundo, né... tem que integrar e a escola em geral, a comunidade e quando eu vejo assim, que tem coisa que eu vejo assim que os pais também estão muito distaaaante, muito distante de vê o que realmente é a educação dos filhos, estão muito distante ainda, estão se distanciando cada vez mais , eles querem saber assim da... do compromisso que joga lá na escola e que o professor é a mãe né , o professor é quem tem que dar essa...é quem tem que ter essa responsabilidade de ser também a mãe , o pai na escola, eles entendem educar dessa forma, eles entendem educar dessa forma, eles entendem que a escola educa desse jeito castigando na escola, dentro da escola e tudo mais e ao meu ver..é assim...os pais eles são muito assim... quando você olha assim as crianças dentro da sala de aula né..da um trabalho danado, nada pra eles satisfazem, você pode trazer coisa assim...pra mim me atrai demais, pra mim me atrai, pra outras pessoas que eu já fiz teste também atrai também ,mas pra eles não, então eu não sei se estou sendo assim um pouco de é... uma pessoa que acha que... estou escolhendo as coisas pra mim, mas

eu já fiz teste assim com outros alunos, com outras realidades, em outras áreas em outras escolas e eu vejo assim que pelo menos estou falando partindo dos meus, eles são muito assim nada pra eles atrai a não ser que eu colocasse eles em um local bem amplo e deixasse eles fazerem o que eles imaginarem, porque eu tiro aqui quando eu trago assim alguma coisa para trabalharem a questão de um filme, eles não querem o filme que eu trago, eles acham que aquilo ali é uma coisa banal, não isso aqui tia ninguém gosta disso mais não, quer dizer, a escola não acompanha, ela não tem acompanhado, eu que tem coisa que você pensa que sabe mas na realidade não sabe da vida dele.

NA SUA FALA, VOCE DISSE QUE A ESCOLA PODE SER TAMBEM RESPONSÁVEL PELO FRACASSO ESCOLAR, EM QUE SENTIDO ?

É ... eu acho que ainda no sentido assim...de exercer um papel assim autônomo... entendeu eu acho que a escola ainda caminha no sentido assim... ela só obedece, ela ainda está naquela história né, de que vem lá da secretaria, de que vem lá de longe né... que a gente sabe, lá do MEC vem as coisa e que a gente sabe muito bem que, claro que a gente vai ter que... as demandas vem... a gente vai ter que procurar uma forma é...de pegar essas demanda que trazem lá de cima né... e adaptar de acordo com a nossa realidade e eu acho assim o professor, a escola ela tem sido muito assim, de só cumprir, vamos cumprir não quer saber não, quer saber que eu tenho que cumprir isso aqui e pronto, não ta nem preocupado com aquilo ... será que vai dar certo, será que com aquilo ali eles vão entender o que é, o que a gente ta trabalhando, eles vão entender, o mundo dele é esse, a realidade dele são essa

QUANDO VOCE SE REFERE A AUTONOMIA DA ESCOLA, EM QUE SENTIDO ESSA AUTONOMIA VAI FAVORECER PARA O SUCESSO DOS ALUNOS?

E... na minha opinião, essa autonomia contribuiria muito, porque quando você estuda uma determinada coisa né... o professor tem que ser um pesquisador e também a escola, porque a escola não é só o professor né ... inclui a gestão, inclui tudo, então quando você ver que aquilo ali não vai dar certo, não está dando certo, você tem que ter a autonomia ou de descartar ou procurar a partir daquilo modificar pra poder fazer com que a escola, os alunos caminhem e se integrem dentro dos projetos das ações, porque se não for assim a gente não vai a lugar nenhum.

TOMANDO POR BASE A SUA AFIRMAÇÃO, ONDE VOCE DIZ QUE A FAMÍLIA TAMBEM CONTRIBUI PARA ESSE FRACASSO ESCOLAR, EM QUE SENTIDO A FAMÍLIA TEM CONTRIBUIDO PARA O FRACASSO ESCOLAR?

Eu acho que no sentido assim, primeiramente assim no sentido de incentivar, eu que o incentivo é só no sentido de dizer tu vai pra escola, é como se fosse uma norma que tem que seguir, tu vai ter que ir para escola, mas não mostra o porque tu vai ter que ir pra escola, o porque é bom ficar na escola, quais são os pontos positivos que a escola tem, não mostra isso, a questão da família é jogar lá e pronto, a responsabilidade é do gestor, maior do professor e é... assim, numa sala de aula a gente não só tem um aluno pra dar conta você tem trinta, então particularmente cada um vive numa família, embora vamos que não seja aquela história, aquela estrutura, aquela base, aquela família estruturada, mas que tem alguém responsável e se esse alguém, eu acho que deveria, no meu ponto de vista... é...deveria incentivar mais, procurar vir a escola né, procurar se integrar a questão da escola né... procurar ajudar no que

for preciso a escola porque a gente não só ajuda a escola só com dinheiro, mas procurar ajudar a escola de todas as formas, agora vai de... eu acho assim, querer, e assim, é como uma professora me disse assim, eu sempre lembro da fala dela, você não vai ser a única sozinha que vai resolver tudo mas você pode dar a sua contribuição e eu sempre me lembro disso, quando eu estou aqui na sala de aula que eu me vejo assim perdida, que muitas vezes eu me vejo perdida ai eu lembro logo... paro um pouco e penso que eu não vou ser a única que vou resolver, mas eu vou tentar né... contribuir para amenizar ou solucionar os problemas.

QUANDO VOCE FALA QUE A FAMÍLIA DEVERIA AJUDAR A ESCOLA, COMO ESSA AJUDA CONTRIBUIRIA PARA EFETIVAÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR?

A família contribuiria muito com a escola se ela se juntasse com as pessoas realmente, com o gestor, tentasse procurar uma forma né... de amenizar a questão da indisciplina, do não compromisso, porque, vamos tentar solucionar de alguma forma, eu acho assim, a vinda dos pais na escola é um ponto pra mim chave pra poder resolver vários problemas, porque se você for ver bem, sem a família não tem como, não tem como, a gente trabalhar sozinha aqui só a escola e só vem no dia de receber o boletim, só vem no dia de saber se o filho passou ou não e ai como é que fica essa questão, ai tem a questão... desestimula o aluno desestimula... o aluno fica ali... se não tem ninguém que se preocupe comigo, só a professora quem ainda pede, a minha família não está nem ai, se eu passar bem, se não passar repete de ano, que o que ouço muito...há... professora se ele não passar ele repete de ano, e ai que eu acho assim, vai... esse fracasso escolar acarreta vários outros problemas, porque o aluno quando ele fica de ano, aquilo ali pra ele é como se ele perdeu a metade do que ele poderia progredir em dois três anos na minha opinião, e que também a gente sabe... eu me vejo aqui na escola, na sala de aula onde eu trabalho, eu vejo assim, que um dos problema que se tem aqui é a indisciplina, essa indisciplina, o porque, já por conta da repetência e a repetência é o que? O fracasso escolar não é? O fracasso escolar se você for ver bem a fundo tem muitas coisas que influencia e aquele aluno vai ser sempre desestimulado a cada ano que se passa, aqui não, mais em outras salas de aula, aluno com quatro anos na mesma série, esse aluno se estimula como?

NO COMEÇO DA SUA FALA VOCE DIZ QUE O PROFESSOR TEM UM MÍNIMO DE CULPA, O QUE FAZ VOCE PENSAR ASSIM?

A gente sabe muito bem que nem tudo é perfeito não é, se uma escola tem, vamos supor é uma escola que tem dez profissionais, mas sempre vai ter aqueles dois que vai levando com a barriga porque a questão eu vejo assim, a criança chega no final do ano, pra mim é um Deus nos acuda, eu vejo que ele está perdido, eu vejo que está pedindo socorro, mas que já veio lá atrás, que a gente ver o histórico dele, na questão da escolaridade, na questão como ele construiu, então é uma coisa que você fica assim... será que a culpa é só da família, não, a culpa é também do professor, só que assim, a culpa é do professor? A questão é assim da não preocupação com a aprendizagem, ou do não conhecimento, sei lá o que se passa pela cabeça, porque... mas eu acho que o não conhecimento, hoje não é mais, porque a gente sabe que estamos vivendo numa época que os professores são formados tem formação, agora vamos ver como é que esse professor está lidando com essa formação né, como é que ele está lidando esse conhecimento, porque ai acarreta outros problemas, porque se você conhece, por que aquele aluno também não desenvolve? Por que ele não aprende se você conhece? Por que você está fazendo de conta? Ou por que você não quer ter trabalho.

QUANDO VOCE FALOU QUE A FAMÍLIA ESTÁ DISTANTE DA ESCOLA OU A ESCOLA ESTÁ DISTANTE DA FAMÍLIA, COMO ISSO TEM CONTRIBUIDO PARA O FRACASSO ESCOLAR.

Tem... e muito, na minha opinião é muito, é o que venho dizendo, venho batendo na mesma tecla, enquanto se trabalhar a escola distante da comunidade, da família, é... eu acho que muita coisa não vai andar, índice não vai se elevar nada vai melhorar que a gente sabe também que o professor é formado, ele tem vontade...mas se a família não dar uma forcinha em casa né, não procura ali mesmo integrar, eu quero que me filho cresça eu quero que ele aprenda, eu quero outro mundo pra ele, mas não, os pais se deixam levar, ai eu faço assim... eu sempre digo assim também, eu acho que a gente deveria trabalhar com os pais, educar primeiramente os pais, era pra ser assim, as vezes eu digo esse negócio de bolsa escola, eu não sou contra, mas que deveria ter uma lei sobre isso ai, procure integrar os pais desse aluno, porque se não o filho é aquela estória... vai passando...vai passando e a educação vai ficando cada vez pior

O QUE TE FAZ PENSAR QUE A EDUCAÇÃO TAMBEM CONTRIBUI PARA QUE SE DESENVOLVA O INSUCESSO NA ESCOLA?

Na minha opinião contribui muito, o que me faz pensar é quando você trabalha na escola e você ver as decisões sendo tomada por si própria pela gestão sem consulta, sem consultar os professor sem parar para poder sentar e ver isso aqui, oh...vamos tentar fazer isso aqui, será que isso vai dar certo, será que não, o que vocês acham. Outra coisa também que eu vejo muito é a questão de... eu acho se está na gestão, deve ter algum conhecimento, deve ter competência, na minha opinião, era... pelo menos era para ter, e assim vejo muito a política partidária entra muito na questão da educação, ... e... está acabando e ficando assim de uma forma que as pessoas querem uma gestão, quer uma direção de uma escola, mas ai não vai pelo compromisso de mudar aquilo ali, vai mais porque fulano me colocou ali e eu vou fazer o meu papel seja lá como for e não ta preocupado em resolver ou amenizar, que eu acho que resolver mesmo envolveria muita coisa, muitas outras coisas. E ai eu vejo assim que conhecimento eu acredito que tem, ai eu acho assim que está ligado a questão financeira, está muito ligado também assim... isso aqui é igual a todas... entendeu... eu já ouvi da boca, isso aqui é igual a todos, não tem como você fazer o que você pensa, o diferente, isso aqui é igual a não sei aonde, as outras escolas, ai todo mundo é igual, então está todo mundo num barco só.

QUANDO VOCE FALA EM POLÍCAS PARTIDARIA, ELAS TAMBEM CONTRIBUEM PARA O FRACASSO ESCOLAR? COMO?

Contribui, porque muitas vezes o gestor não tem competência, competência que eu digo assim, ele não tem é... o conhecimento deles eu acho que as vezes a formação é mais elevada que o professor em sala de aula, a gente sabe que é... é questão de preocupação mesmo, a preocupação que não se tem em mudar alguma coisa.

NA SUA SALA DE AULA COMO VOCE IDENTIFICA O FRACASSO ESCOLAR?

Primeiramente, a questão que eu vejo muito assim, a faixa etária, é o desinteresse que eles têm, certo.

VOCE FALOU EM DESINTERESSE, A QUE VOCE ATRIBUI ESSE DESINTERESSE DOS ALUNOS?

Eu atribuo a tanta coisa...assim, como eu já falei eu atribuo, uma das coisas, que eu acho que o aluno fica desinteressado é a atração, a escola pra mim, a escola deveria ser um circo e que a gente sabe muito bem que para se montar um circo a gente deve se vestir de palhaço, não é verdade e devemos tentar fazer com que... assim, a atração seja voltada para o espetáculo, para as pessoas, então essa questão ai, a escola a sala de aula perdeu essa magia, esse mundo mágico, não se tem mais, não sei, se... se, formação o professor tem... muita formação que não brincadeira, conhecimento... a gente não adquire conhecimento do dia para noite, isso é ao longo do tempo, isso vai depender muito do seu interesse, não é querer mudar tudo, mas assim quando você tem interesse em mudar alguma coisa. Você tem trinta alunos, não dar para mudar os trinta, você não vai procurar fazer o que você imagina fazer com os trinta, mas com cinco já vale a pena, é isso que a gente tem que pensar, que assim nós somos responsáveis pela aprendizagem do aluno, nós temos que tentar traçar um caminho, que nesse caminho seja cheio de surpresa pra ele, isso é o que eu imagino, só que assim... é meio complicado fazer.

COMO VOCE TRABALHA NO SENTIDO DE SUPERAR O FRACASSO ESCOLAR EM SUA SALA?

É...eu sempre trabalho assim, tentando é... procurar meios, recursos, metodologia, para que ele veja que aquilo ali vai ser bom pro futuro, vai ser bom para ele mesmo que não chegam aonde querem chegar, mas com passos curtos vai chegar lá um dia ele vai chegar lá, porque tem deles que diz assim: ah... tia mas isso ali eu não chego lá não, ai eu digo: chega. Quando eles estão desestimulados, ai eu trago um texto que fale sobre aquilo lá, como foi que aquele personagem chegou lá, e assim eu tento incentiva-lo com conversas, é...procuro ver de várias formas o que eu posso fazer, com que ele se estimulem a ficar em sala de aula a assistir uma aula, a fazer uma brincadeira a participar de uma atividade diferente, eu sempre tenho feito isso ai, agora eu não sei....

VOCE FEZ REFERÊNCIA À METODOLOGIA, COMO A METODOLOGIA CONTRIBUI PARA O SUCESSO OU INSUCESSO DOS ALUNOS.

Contribui, contribui muito, assim como eu já falei, se a escola ainda não acompanha, a questão do mundo da realidade dele imagine você só pega a metodologia e todo dia é a mesma coisa, então o quadro, só escrevo no quadro, só faço isso, vai corrijo isso, se você não traz uma metodologia que atrai, vai ficando cada vez pior, vai ter menino que vai passar duas três semanas sem vir na escola, não ta nem ai, porque a gente sabe muito bem, é...como a estrutura da escola não oferece muitas coisas, um parque, pra fazer outras brincadeiras, outras coisas, então a gente tem que procurar na escola. E outra coisa a gente ver muito bem o fracasso escolar é a repetência, a faixa etária na sala de aula ta contribuindo muito para não dar certo, eu vejo muito, o que é de interesse de uma criança de oito anos não é mais para um adolescente de 15 anos e nem sempre o professor pode avançar o conteúdo, ou outros assuntos importantes para o de 15, mas que não é correto pro de 7 ou de 8, então eu vejo sempre essa mistura, eu sei que a gente nunca vai ter uma sala e...heterogênea a gente sabe muito vem que não, mas procurar uma maneira de superar isso, se for continuar do jeito que ta os alunos repetem de ano, no outro ano repete de novo, no outro, fica três anos fica numa série, quando chegar na oitava série com que idade ele vai está.

QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE VOCE TEM PARA LIDAR COM O FRACASSO ESCOLAR EM SUA SALA DE AULA

As dificuldades que eu encontro são muitas, mas a maior dificuldade que eu encontro é o desinteresse deles, a ajuda que eu...vejo assim, as vezes me sinto perdida... eu vejo assim a escola não se faz só com professores, não se faz só com alunos, eu acho assim é um corpo, é uma família, então se uma parte falha, com certeza vai acarretar problema na outra parte, se a gestão falha então aquilo ali não caminha, se você quer fazer alguma coisa quer executar algum projeto, o professor vai tentar, só que lá fora não tem uma pessoa que ajude nesse projeto, então como ele vai executar como ele vai fazer com que esse projeto ande, só ele em sala de aula.

QUANDO VOCE FALA EM UM CORPO SÓ, VOCE ESTÁ FALANDO DE TRABALHO EM EQUIPE, COMO ESSE TRABALHO EM EQUIPE CONTRIBUIRIA PARA SE EFETIVAR O SUCESSO ESCOLAR?

No sentido de ajudar mutuamente, tanto a professora na sala de aula como os alunos, eu tenho trabalhado muito, batido na tecla assim, a questão da indisciplina, mas eu não sei se estou disciplinando, não é, como é que trabalho a indisciplina pra amenizar na minha sala de aula se ela está aqui fora na minha porta, como aconteceu agora, nesses últimos dias, como é que eu trabalho o meio ambiente com os meninos, como é que eu trabalho lixo, preservar o meio da sala de aula, se chega uma pessoa bate na minha porta e distribui balas e bexigas e os meninos saem ai como doido, que não é a palavra correta, mas eles ficam, são crianças, não tem como. Como é que trabalha a questão do lixo na escola se não promove um mutirão pra isso, se você não procura colocar nas paredes da escola recados, se você não procura fazer lixeiras, entendeu? Como é que você trabalha jogos na hora do recreio se você não procura organizar a disciplina, as pancadarias, se você não procura dar outras oportunidades, outros brinquedos pra brincarem no recreio.

QUANDO VOCE DIZ NÃO PROCURAM, VOCE ESTÁ SE REFERINDO A QUE?

Assim... você sabe que o professor não trabalha sozinho, você tenta fazer um dia, você consegue, mas ai no outro dia quem vai ser responsável pra fazer isso, eu acho que tem que ter um rodízio, deve ter uma continuidade, se você fizer um dia e não fizer no resto do ano, ali não foi suficiente, pra que eles entendam que aquilo ali é importante, que vai ser trabalhado o ano inteiro.

VOCE FALOU QUE ESPECIFICAMENTE NA SUA SALA DE AULA TEM GERADO MUITA INDICIPLINA, COMO ESSA INDICIPLINA TEM CONTRIBUIDO PARA A EVASÃO E REPROVAÇÃO?

Assim... o aluno é indisciplinado entre aspa, ou até nem poderia ser indisciplinado, porque o mundo dele não e esse, se a gente não ta fazendo... a escola não está procurando integrar o mundo dele dentro da escola então ai o que acontece vai gerar indisciplina, vai gerar o fracasso, quando se ver a aprendizagem vai pra baixo, porque como é que você consegue trabalhar atividades relacionadas as dificuldades com toda uma sala sem parar, não tem como, como é que você consegue que um aluno respeite um colega de outra sala se você não trabalha isso, se a escola não trabalha, então vai desestimulando e eles vão achando que aquilo ali... isso aqui não vai mudar mesmo e quando chega muitos deles na metade do ano e se

evadem não vem mais a escola, ele não se atrai por ela, ele não ver alguma coisa que atrai, não ver...

O QUE VOCE SABE SOBRE O PERFIL SOCIO-ECONÔMICO DOS SEUS ALUNOS?

É assim ... a gente sabe muito bem que o professor como ele é assim uma pessoa que procura trabalhar em outros lugares, procura é... preencher o seu tempo pra conseguir sobreviver né, é... a gente sabe que fica muito pouco o tempo pra que você realmente conheça cada um de seus alunos, onde eles moram, onde eles vivem, com quem vivem, como vivem se tem alguma condição, financeiramente, aí fica difícil, eu sempre vejo assim, eu vou procurando saber até na sala mesmo, faço uma pergunta ali, faço outra ali, vou fazendo, eu o que eu tento fazer, colhendo a amostra para poder fazer um diagnóstico de como é a questão social e cultural desses alunos.

VOCE FAZ ALGUMA RELAÇÃO DO FATOR SOCIAL DO ALUNO COM O FRACASSO QUE É GERADO NA ESCOLA?

Também , porque muitos deles não tem o que comer, não é porque não tem o que comer que não vai aprender, mas que contribui, muitos deles deixa de vir a escola porque não tem uma sandália, alguns deles deixam de vir porque não tem um caderno, e ai tem “enes” coisas. Se tivesse assim a oportunidade pra ajudar, ajudar a gente poderia ajudar, só que assim, ajudar de que forma, tem que sentar pra ver, porque a gente sabe que o ser humano é muito acomodado se a gente ajuda hoje amanhã vem de novo, é... complicado, a situação econômica dele... não digo de todos, mas a metade deles tem uma situação melhor e conduz o seu material.

VOCE FAZ RELAÇÃO DESSES ALUNOS MENOS FAVORECIDOS DA SUA SALA DE AULA COM A NÃO APRENDIZAGEM?

Faço, assim... eu acho... é uma mistura, vai muito da questão da família, mesmo sendo desfavorecido economicamente são organizado e mostrar interesse na aprendizagem, a gente percebe que existe interesse e que a mãe passa esse interesse pra o filho, mas ai eu percebo que o fracasso não é só questão do socioeconômico não, não é o fator principal, pode influenciar.

AO LONGO DA SUA FALA VOCE APONTA ALGUNS FATORES QUE CONTRIBUI PARA O FRACASSO ESCOLAR, QUAIS VOCE APONTARIA COMO SENDO OS PRINCIPAIS.

O que assim... o fracasso pra mim aqui na escola, eu vejo que ainda é a escola que não tem acompanhado o processo de desenvolvimento da criança e a família, porque pra acompanhar você precisa ter fôlego.

ENTREVISTA 02
ESCOLA B
PROFESSORA DA 2ª SÉRIE

EU QUERIA QUE VOCÊ FALASSE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR.

Fracasso escolar do meu entender dá por desinteresse da própria família, não acompanha as atividades escolares... também ... de muitos administradores e não tem a preocupação de passar para os pais as informações de que eles deveriam cobrar mais da escola, do professor, que o papel da família hoje está em parceria com a escola...a família tem um papel muito importante, encaminhando todos os dias para a escola os seus filhos. O fracasso escolar se tornou normal entre as pessoas daqui desse bairro... é... assim: se não passar, repete de ano... os alunos faltam muito a escola e muitas vezes não sabemos o motivo e isso leva a reprovação, a desistência, ao desinteresse, a baixa estima...

QUANDO VOCE FALA EM PARCERIA COM A FAMÍLIA, QUAL SERIA O PAPEL DA FAMÍLIA?

O papel da família... a família assim... interagindo com a escola, preocupando-se com o desempenho da criança, mesmo assim que a família tenha desculpa assim, porque as vezes o pai diz : eu não sei lê, mas isso não impede de ele vir a escola de acompanhar como está o seu filho em desempenho, em atividade extra-classe, eu acho que a família ainda é desestimulada para a acompanhar os filhos, eles não sentem-se motivados, preparados assim, eles acham que seu papel é só matricular o aluno, não se preocupa com o acompanhamento de atividades extra-classe, atividades da classe.

NO SEU ENTENDIMENTO O QUE PROVOCA O FRACASSO ESCOLAR?

No meu entendimento... é a desestimulação da família a comunidade onde a escola está inserida, o bairro... a comunidade assim... ela contribui assim, o bairro está afastado, a escola está na periferia, a escola se taxa como pobre, a periferia ela não tem a preocupação de motivar o aluno, contribuindo para que a família não dê o valor necessário a escola nem a educação, pois não compreende o seu trabalho, nem o significado para a vida do seu filho.

QUANDO VOCÊ FALA QUE A ESCOLA NÃO SE PREOCUPA EM MOTIVAR O ALUNO, COMO ISSO TEM CONTRIBUIDO PARA O FRACASSO ESCOLAR?

A escola em si não... mas alguns profissionais as vezes não assumem o seu papel de educador, as vezes de coordenador, as vezes tem coordenador de escola que ele só assina o nome de coordenador , mas não assume o seu papel... ele não aprendeu o seu papel, que é justamente o de acompanha esses alunos que estão na fase de repetência, de desistência. Buscar saber porque, ir até a família, porque as vezes a família fica distante da escola, mas a escola não deve ficar distante da família, a escola tem o papel de se preocupar também, de ir lá na família, buscar aquela família pra que ela acompanhe a escola.

QUAL SERIA O PAPEL DESSE PROFESSOR PARA DIMINUIR A TAXA DE REPETENCIA E EVASÃO?

O professor se empenhar mais na sua prática como educador...não assim ser professor...mas ser educador, ele tem... ser educador...já diz ele se preocupa... já o professor ele está ai só

para jogar conhecimento.. o educador se preocupa em ensinar...o que o papel do educador ele contribui muito quando ele se preocupa com esse índice, em não ter mais repetência, eu tiro por essa sala aqui, a faixa etária dos alunos muito ultrapassada, menino com 11 anos fazendo a 1ª. série, quando eu cheguei me preocupei bastante, cobrei dos pais, cobrei mais do que eu podia e tive o retorno, porque eu achei que meu papel era cobrar dos pais já que eles não cobravam da escola eu tive essa preocupação de cobrar dos pais, sempre batendo na tecla nas reuniões de pais e mestres que eles ... que a participação deles era importante para o desenvolvimento da criança na escola e na sociedade.

COMO VOCÊ IDENTIFICA O FRACASSO ESCOLAR NA SALA DE AULA?

Pelo desestímulo da própria criança, já vem desestimulada de casa e quando ele não encontra o apoio na escola aí acontece esse fracasso na escola e as vezes na própria sala de aula... a baixa estima...

O QUE A ESCOLA TEM FEITO PARA ESTIMULAR A CRIANÇA E ELEVAR A AUTO-ESTIMA?

No meu vê aqui a gente trabalhou muito com projetos, justamente para diminuir esse índice... não sei se vai atingir, a gente se preocupou muito, com projetos, sempre os coordenadores estava se reunindo com a gente pra a gente dizer o desempenho o que tava faltando, o que precisava melhorar.....

COMO VOCE TEM TRABALHADO NO SENTIDO DE SUPERAR O FRACASSO ESCOLAR?

De maneira dinâmica, com bastantes atividades diversificadas, com o real... com a realidade, não com o idealismo, sempre trabalhando com a realidade do aluno, voltada para o que ele sente, pra o que a comunidade oferece, eu bato sempre na tecla que o bairro é muito mal visto né, aí eu sempre digo pra ele que por o bairro ser mal visto eles podem ser uma pessoa alta na sociedade, eles podem muito bem brilhar na sociedade, no campo de trabalho...

O QUE VOCÊ SABE DO PERFIL SOCIO-ECONÔMICO DOS SEUS ALUNOS?

Carentes.... carentes em tudo, financeiro, no campo educacional, eles são carentes, vivem a maioria de bolsas do governo federal, fora disso não tem outro meio de sobrevivência, aí eles tem a escola como referencia de alimentação, as vezes vem pra escola só no sentido de merendar, depois da merenda não tem mais rendimento, eu tentei trabalhar dessa forma, que a escola não é só espaço de merendar e brincar, mas de estudar, de saber ler, escrever, formar o cidadão crítico... a situação social tem contribuído para o pouco rendimento na escola, quando eu converso com eles né... porque... a gente conhece quando eles querem estudar... aí eles dizem: ah tia eu estou com fome, eu venho para escola merendar, aí eu bato na tecla novamente, eles tem a escola como ponto de alimentação pra eles. Não é definitivo o fator social, é variado...

VOCÊ TEM DIFICULDADE EM LIDAR COM O FRACASSO ESCOLAR?

Tem dificuldade, por mais que seja experiente, é uma coisa que está todo ano na nossa escola né, a gente tenta diminuir, mas sempre assim a gente espera dizer, esse ano a escola superou, pode diminuir um pouco, mas pode aumentar, depende, mas a gente tem dificuldade , fica

preocupado com esse problema, uma criança com 11 anos como lhe falei, repetindo a 1ª. série pela terceira vez, isso é preocupante, mais uma preocupação pra escola e pro professor que está com um aluno 3 anos na 1ª. série ...

QUAL A SUA CONCEPÇÃO FRENTE AO FRACASSO ESCOLAR?

Como professora tentar mudar o quadro do fracasso escolar, buscando meios... pra sempre... motivando a família pra que a auto estima fique em cima, mostrando que o fator financeiro...é...pelo motivo de está com fome eu não vou aprender, apesar que a fome ela contribui, ela mexe no nosso metabolismo, mas eu como educadora, eu pretendo sempre bater nessa tecla que a família, trabalhando com a família, com a informação, que a família deve ajudar a escola, eu tenho certeza que o fracasso escolar diminuirá, trazendo a família pra escola, não deixar a família ausente, sem se preocupar, porque isso aconteceu comigo, eu estava com uma aluna ausente quase um mês e eu sai daqui e fui na casa dessa mãe saber porque essa aluna estava ausente e era uma aluna que estava com um rendimento bom, eu me preocupei, já temendo uma evasão ou uma repetência, eu fui até lá ela teve seus motivos particulares e graças a Deus a gente superou, ela retornou a escola e não teve mais a resistência de vir a escola, continuou estudando e passou por média...

NO COMEÇO DA SUA FALA VOCÊ CITOU A COORDENAÇÃO E A GESTÃO, O QUE TE FAZ PENSAR QUE ELAS PODERIAM CONTRIBUIR MAIS PARA EFETIVAÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR?

A gestão se preocupar mais com esse índice pra que não ocorra no próximo ano, caso ele tenha aumentado ou diminuído, caso tenha diminuído, melhor ainda pra que no próximo ano não tenha mais esse problema de fracasso escolar, caso tenha aumentado fazer com que em 2008 supere pra que em 2009 não volte a repetir, porque ai fica mais preocupante para nós educadores trabalhar um aluno 3 anos consecutivo, um aluno na 1ª. né, assim a gestão incentivar as mães, procurar meios para que esse aluno tenha êxito no ano letivo...

VOCÊ CONSIDERA O PROFESSOR COM UMA FORMAÇÃO ADEQUADA PARA ENFRENTAR AS DIFICULDADES GERADAS PELA EVASÃO E REPETENCIA?

Não, falta muito ainda, existe muito departamento, tem professores como eu com graduação e pós graduação, mas ainda não me sinto preparada pra enfrentar esse fracasso, precisa mais é... formação continuada nesse assunto, sobre fracasso escolar, precisa mais a gestão escolar procurar modo de ver como trabalhar é... na formação continuada... como enfrentar esse fracasso escolar e tirar da escola, diminuindo a evasão e a repetência....

ENTREVISTA 03
ESCOLA B
PROFESSORA DA 1ª SÉRIE

EU QUERIA QUE VOCÊ FALASSE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

Bom eu... sobre o fracasso escolar eu levanto os seguintes pontos, como é que vejo o fracasso escolar assim é... são vários fatores que levam ao fracasso escolar, eu vou elencar alguns, é... primeiro eu acho pelo setor onde está localizado essa escola, o aspecto físico tem contribuído muito, a questão que nem está dentro da periferia, nem está no centro, inicialmente esse aspecto aí. Migram muitos os alunos que vêm de outras escolas que estão aqui mais próxima que é o Galdino Pires e a escola Maria Guimarães, então a família durante o ano fica no vai e vêm, algumas no vai e vem, uns porque mudam a residência, outros porque acha que não está tendo bom rendimento na escola, durante o ano letivo faz a transferência pra essa escola aqui ou então de lá pra cá, do mesmo jeito daqui pra lá, outra coisa também são alunos que vem do sítio, são alunos que vem também de São Paulo vem pra cá e que passa pouco tempo também e são transferidos, ou então muitas vezes abandonam a escola, não dão nenhuma justificativa do que aconteceu, se foram embora, se desistiram se é... pelo fato de ser esse ambiente aqui... não se adaptou, então tem muitos fatores que levam a isso. No tocante a repetência, esse outro fator do fracasso escolar, eu acho que tem muito pouco acompanhamento dos pais em casa, geralmente quando a gente faz assim as reuniões no bimestre, quando vai entregar as notas, falar do desempenho dos alunos, muitos pais pensam que a gente vai falar mal do filho, então evita, muitas vezes aqueles que vêm, já são aqueles que vem mesmo diariamente deixar o filho saber como é que o filho está, saber se tem algum problema e agente vem conversando diariamente com eles e a gente percebe que aqueles que não vem, vem em ultimo caso, por exemplo quando acontece um problema muito grave, quando o filho bateu no outro e a direção chama essa mãe ou esse pai pra vir responder pelo filho e o mais grave é o acompanhamento que não tem em casa, que a gente pede assim que pelo menos pergunte o que foi que o filho fez hoje na escola, o que foi que ele aprendeu hoje, que não tem assim o desenvolvimento escolar suficiente para acompanhar o filho em casa, pelo menos se interessar pelo o que ele faz na escola, porque eu acho que é uma grande ajuda é assim o filho vai perceber que tem alguém em casa que como os pais responsáveis preocupados, que eles levem da escola pra casa o que ele está aprendendo e muitos não vêm, houve caso assim que eu mandei chamar a mãe que o pai está separado da mãe e mora longe e esse menino deu bastante trabalho, pulava o muro, mesmo ele assim já lia e escrevia, mas ele tinha assim um lado agressivo, ninguém podia olhar pra ele que ele batia, ninguém podia olhar pra ele que ele já estava fazendo alguma coisa e... a mãe pouco vinha aqui, quando vinha dizia assim: olhe eu não quero mais vir aqui viu... eu não quero mais vir aqui. E terminou assim a mãe mandando ele pra São Paulo antes de terminar o ano letivo, e a gente percebeu depois conversando mais com a mãe que a mãe estava com outro casamento, com outros filhos mais novos e não estava dando muita atenção a ele e ele estava fazendo de tudo para aparecer, de tudo, de tudo mesmo... e terminou a mãe mandando ele pra junto do pai, quer dizer é um caso, tem outros casos que a família mesmo não se interessa não quer saber porque geralmente acha que isso é falar mal do filho, porque se o filho não vai bem, que precisa de ajuda, que precisa de alguém acompanhando as atividades, acha que... é a escola que está falando mal do filho, então tem esse entendimento.

NA SUA FALA VOCÊ DISSE QUE A ESCOLA CONTRIBUI TAMBEM PARA QUE SE EFETIVE O FRACASSO ESCOLAR, COMO ISSO ACONTECE?

Bom a escola, eu vejo assim como, por exemplo, nós professores temos a preocupação de que o aluno venha para a escola de que cumpra com suas obrigações e de que se interesse pelos estudos, de modo geral é... esse ano a gente criou um projeto, foi um projeto para trabalhar as relações dentro da escola, e... a direção da escola a princípio se engajou, é tanto que a gente teve bastante resultado no período da manhã, agora a tarde já não teve o mesmo encaminhamento que houve de manhã e um alto grau de indisciplina na 2ª. série e na 1ª. série B e com esse projeto amenizou, não digo que resolveu, que resolver é muito profundo, mas que ajudou, a gente percebeu que houve um engajamento da escola em função desse problema da indisciplina que estava existindo não é, nestas duas salas. A questão do recreio a escola se organizou de uma forma, porque no período na manhã os meninos são pequenos, mais fáceis de lidar com essa questão da indisciplina, mas já no período da tarde não, são adolescentes já esse projeto não foi assim, teve a aceitação dos professores mas não houve um engajamento completo pra que viesse a ter um bom resultado e que seja melhor desenvolvido, porque ai a idéia foi pra ampliar essas outra séries de 5ª. a 8ª. séries, pra que o professor desse a sua colaboração para ampliar esse projeto, já que ele tava dando resultado de manhã.

NA SUA CONCEPÇÃO A INDICIPLINA TAMBEM É UM FATOR QUE CONTRIBUI PARA O FRACASSO ESCOLAR? COMO?

Acho que sim... porque veja, a indisciplina leva aqueles alunos que querem aprender, eles ficam perturbados, atrapalhados com aqueles que não querem, geralmente tem aqueles que são indisciplinados mas que eles aprendem, é... dão de conta dos conteúdos que estão aprendendo. Já tem outros que estão indisciplinados porque tem a dificuldade de aprender e acham que não aprendem e por isso vai usar de outros meios pra poder apresentar, pra não fazer as atividades ou não deixarem os outros se desenvolverem bem. A gente percebe que aqui na 1ª. série tem alunos de faixa etária diversas, isso também colabora é... com a questão da aprendizagem dos alunos e da indisciplina, porque os maiores é que dão mais trabalhos, são que já tem tido repetência por vários anos, dois, três anos numa série só, a idade vai aumentando junto com crianças menores e a gente já percebe uma diferença na 1ª. série, porque tem duas primeiras séries, tem a primeira série onde o aluno tem a mesma idade e tem a outra onde a faixa etária é diferente, tem mais repetência, ai já tem um desenvolvimento mais lento e tem a indisciplina maior...

COMO VOCÊ TRABALHA NO SENTIDO DE SUPERAR O FRACASSO ESCOLAR NA SUA SALA DE AULA?

Eu sempre busco a família né, porque eu acho que a conversa é o melhor caminho e eu faço de tudo na sala de aula para chamar a atenção da criança das habilidades, pesquiso observando como é que ele gosta de aprender, então se ele gosta de aprender de um jeito ou de outro, vou tentando descobrir a trave das habilidades que eu aplico como é a forma mais fácil dessa criança aprender, então juntamente com a família, eu chamo sempre a família pra vir, sempre todos os dias eu converso com ela, pra que dê mais um ajuda em casa também, pra que se interesse conversar com os filhos, pergunte se tem atividade de casa porque geralmente nos outros anos era difícil a criança vir com as atividades feitas, então eu evitava mandar, porque vinha do mesmo jeito, o que tinha de trabalhar, trabalhava em sala, não tinha essa colaboração da família, claro que tinha as exceções, um ou outro ainda pedia, já esse ano eu coloquei mesmo as atividades de casa e uma boa parte vinha com a atividade feita, então a gente pode observar que tinha acompanhamento em casa...

O QUE TE FAZ PENSAR QUE A FAMÍLIA É TÃO IMPORTANTE E DECISIVA PARA O SUCESSO OU INSUCESSO DA CRIANÇA?

Primeiro a criança passa mais tempo com a família e muitas vezes a família espera da escola a educação que ela não consegue dar, então a responsabilidade cai toda em cima da escola na educação e a gente observa que 4 horas dentro da escola para educar é muito pouco. Boas maneiras que a gente trabalha aqui, em casa não consegue é... passar pra vivencia que a gente coloca é... que a gente conversa, então fica complicado, então as vezes a gente chega assim no momento que em determinadas situações não surtiu o efeito, que não tocou, que não sensibilizou...

COMO VOCÊ VER O PROFESSOR FRENTE AO FRACASSO ESCOLAR?

Eu acho que essa escola aqui tem uma boa equipe de professores, boa equipe... que se interessa, que estuda, que investiga, que se preocupa, que chama a família, que conversa com os coordenadores, com a direção, que dar sugestão de um para o outro... a equipe é muito boa....

VOCÊ PERCEBE QUE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DAR ESSE SUPORTE PARA UM TABALHO FRENTE AO FRACASSO ESCOLAR?

Dar... porque eu acho assim, que por mais formação que você tiver, se não tiver o interesse fica difícil, porque ai aquela pessoa que não tiver o interesse pode passar pelo curso que passar, não trás para a sua prática pedagógica o que você está aprendendo teoricamente, mas quando você tem o interesse e a preocupação, tudo que você aprender fora, na sua formação você procura fazer na sua sala de aula. Eu...(risos) não tenho dificuldade em lidar com o fracasso escolar...

O QUE VOCÊ SABE DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DO SEU ALUNO?

A gente consegue muitas informações com os alunos, primeiro que tem uma ficha que vem da pré-escola, da educação infantil eles tem uma ficha bio-psiquico-social que é preenchida do primeiro ano e a gente, geralmente eu pego essa ficha pra olhar algum detalhe, alguma informação que possa me subsidiar durante o ano e algo mais a gente vai conversando no dia a dia, conversa com as criança e ela vão falando os acontecimentos na família, eles trazem muito...

NA LITERATURA BRASILEIRA QUE EU LI, EXISTEM DOIS PONTOS DE VISTA DOS AUTORES, UM É QUE O FATOR SOCIAL INFLUENCIA DIRETAMENTE PARA O FRACASSO SOCIAL E OUTRO NÃO. QUAL A SUA OPINIÃO?

Olhe aqui pra essa escola é decisivo, muito decisivo, eu posso falar mais detalhado, pela minha turma, a minha turma assim... é constituída de uma boa parte, mais de 50% o fator social é melhor, já essa outra parte, menor, é bastante confusa, eu tive alunos meninos de rua mesmo que nunca tinha feito matrícula em escola, foi feito esse ano na minha sala é tanto que não permaneceu regularmente nenhum mês, sempre assim vinha um dia e quatro não, vinha três dois dias e ter não, isso porque vinha sendo ajudado por outra família, vinha de uma família assim em que os pais eram separados, tinha oito filhos, a mãe prostituta, veio da Bahia com os filhos, a mãe tanto soltava na rua para pedir, e... esse que veio aqui para a minha sala me deu bastante trabalho, ele estava apresentando agressão, então assim, agressividade no

meio das crianças que estavam assim bastante avançada se tornou um problema muito sério e a mulher que estava cuidando dele de dia e a noite ele ia pra casa da avó ai percebeu que ele estava assim muito agitado, queria de tudo o que ele não tinha em casa queria que ela desse e teve uma vez que foi passear com ele ali pro lado Leblon, mostrando a ele uma realidade que ele não conhecia e ele teve um dia que se revoltou e saiu chutando tambor de lixo na rua, saiu batendo nas portas e ela não gostou e achou complicado continuar com ele, ai ele ficou sem a assistência dela, era ela quem matinha ele vestidinho, arrumadinho e dava alimentação, ele dormia lá e terminou ele sem voltar para a escola, se for contar a frequência dele não dar um mês...

VOCÊ ACREDITA QUE A ESCOLA É ADEQUADA PARA ATENDER AS CRIANÇAS DE CLASSES MENOS FAVORECIDA?

Eu acho que o aspecto físico é muito precário, primeiro assim... Eles têm uma cultura de que a escola naturalmente a gente sabe que é publica e porque é publica tem que acabar, tem que deprender, tem que riscar, tem que rasgar, quebrar a idéia é que a gente tem é essa, é uma dificuldade a gente permanecer com as atividades simplesmente expostas na sala, todas atividades limpas e de um tudo pra outro eles detestam... E o espaço físico aqui é inadequado mesmo tendo salas amplas... mas o espaço físico ao redor que não tem um ambiente para fazer atividade recreativa, que não tem um local adequado, não tem biblioteca na escola, não tem ambiente assim esta sala de aula para trabalhar com eles.

COMO VOCÊ IDENTIFICA FRACASSO ESCOLAR NA SUA SALA APARTI DE QUAIS ELEMENTOS?

Primeiro é... a capacidade de alguns alunos tem de não é.. conseguir de desenvolver se integrar com as atividades, que leva um certo tempo para adaptar com o outro... que demora muito, que até mesmo a linguagem da gente fica difícil da criança entender, é mais fácil uma criança que ta vizinho explicar o que eu quero que ele entenda do que as vezes a gente... E a gente fica preocupada com isso e fica fazendo de tudo para mudar essa situação... Tem outra questão que é de faltar muito, esse ano eu tive dois alunos que faltaram mais de 25% das aulas, menos de 75% de frequência... ai a gente chamou os pais e cada um que dava sua justificativa, todo dia vinha uma pessoa dizer que tava doente, tava doente, tava doente, e as vezes... um coleguinha que veio para a escola dizia não professora fulaninho ficou no meio da rua, fulaninho nem veio à mãe dele nem liga.

QUANDO VOCÊ FALA EM LINGUAGEM, QUE O ALUNO NÃO ENTENDEU SUA LINGUAGEM, VOCÊ PERCEBE AS DIFERENÇAS CULTURAIS ENTRE OS PROFESSORES E OS ALUNOS, SÃO DUAS REALIDADES DIFERENTES?

São duas realidades diferentes, porque às vezes é... a gente sabe que existe uma linguagem coloquial, a moralidade que eles trazem é do ambiente em que eles vivem a forma de falar que eles tem em casa é o que eles falam na escola e quando a gente também tem... Já um desenvolvimento oral mais formal, que as vezes a gente vai tratar dos conteúdos com aquela linguagem dificulta o entendimento, mais ai a gente precisa usar de recursos... para que isso que eu falei, uma criança que entendeu o que eu falei explicar para a outra criança que está com dificuldade entender, mas isso a gente não pode considerar errado, porque a linguagem que eles trazem não esta errada, a linguagem é regionalizada, porque a linguagem que eles tem em casa pode ser muito diferente do que eles têm na escola, então pra isso que existe a

função da escola tá aí, para transformar, para fazer com o que aquela criança desenvolva realidade no sentido que ela seja mais formal, saber onde é que vai mudar, na linguagem que é tratada em casa e a linguagem que é absorvida na escola, em quem momento em que ambiente aquela linguagem.

ESSA DIFERENÇA DE LINGUAGEM QUE EXISTE ENTRE A ESCOLA E O ALUNO TEM CONTRIBUIDO PARA QUE O ALUNO FRACASSE?

E um aspecto... é um aspecto , cabe aí ao professor adequar a nossa linguagem ao do aluno para que ele venha entender

ENTREVISTA 04
ESCOLA B
PROFESSORA DA 4ª. SÉRIE

EU QUERIA QUE VOCÊ FALASSE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR.

O fracasso escolar pra mim tem “enes” problema, mas o que eu considero assim, é a distorção idade e série, quando uma criança vem pra 1ª. série vamos dizer, com a idade de 10 anos que ela ver aquela menor com a idade correta, a idade certa, vamos dizer com 6 ou 7 anos na 1ª. série eles se sentem desestimulados, até pelo fato dele ser de tamanho maior e ver que aquele menor consegue ler mais rápido. Eu acredito muito que a idade é uma consequência pra isso, porque quanto mais novo ele entra na 1ª. série, ele vai conseguir a assimilar as coisas mais rápidas do que aquele que tem uma idade já mais avançada ai isso vai tirando o estímulo da criança fazendo com ele se evada, as vezes não tem o estímulo dos pais para incentivar para ele ir, as vezes a criança vem hoje para a escola quando bem quer ou porque a bolsa escola está empurrando para ele vir pra cá, outro fato também da distorção é falta de interesse que ele não tem e a idade ajuda muito nisso...

A QUE VOCÊ ATRIBUI ESSA FALTA DE INTERESSE DO ALUNO?

Hoje... eu fico perguntando a mim mesmo, eu não sei nem a quem atribuir essa falta de interesse, porque de uns anos pra cá melhorou muita coisa dentro da escola, melhorar a questão dos professores, porque eu não vou atribuir nem aos professores, porque nós temos capacitação de vez em quando, nós trabalhamos com coisas novas que trazemos desses encontros e eu fico me perguntando como nos encontros aqui mesmo de coordenação a gente sempre joga esses problemas, a quem atribuir, eu não sei a quem atribuir e ao mesmo tempo eu acho que o sistema todo tem culpa... as vezes o professor já está tão desestimulado, o professor hoje ao meu ver vem sempre desestimulado com a falta dos alunos, mas eu acredito ainda que essa falta de interesse, dizendo pra você essa falta de interesse dele é porque ele estuda forçado, vem por causa de uma bolsa escola, vem porque as vezes o pai obriga por conta dessa bolsa escola dele... é difícil, eu digo as vezes a pergunta fica no ar pra mim, o porque, pergunto a mim mesmo, chego em casa e fico me perguntando como já falei anteriormente: por que essa falta de interesse.

TOMANDO POR BASE O QUE VOCÊ FALOU, QUE NÃO SABE A QUEM ATRIBUIR A FALTA DE INTERESSE DO ALUNO PELOS ESTUDOS, VOCE ACREDITA QUE A ESCOLA SEJA INADEQUADA PARA A CRIANÇA?

Tem muita coisa que é inadequada, principalmente a que eu trabalho ela não tem o espaço físico necessário para a gente adequar uma tarefa diferente pra que aquela criança despeje aquela energia toda que as vezes elas trazem de casa, nós não temos um espaço para trabalhar a educação física com a criança. A nossa escola, a que eu trabalho, eu atribuo muito coisa também a isso e também eu atribuo a nós professores, apesar de ter tanta coordenação, tanta e tanta coisa na escola, nós precisamos de ajuda, porque tem muita.... na teoria, porque na prática essa ajuda ainda é bem diferente, bem difícil, quando se chega aqui todo mundo diz que vai ajudar, mas quando o barco começa a caminhar nós não vemos muito essa ajuda, porque ajuda teórica, nós precisa mais da ajuda prática

O QUE LHE FAZ PENSAR QUE O PROFESSOR PRECISA DESSA AJUDA?

O que me faz pensar...é que as salas são numerosas e como eu disse anteriormente, alunos com faixa etária diferente dificulta o trabalho do professor, então essa ajuda tinha que vir assim pelo menos um reforço, eu não queria que tirasse todos aqueles alunos da minha sala não, eu não queria isso não, como o aluno já tem dificuldade de aprendizagem, nós precisava dessa ajuda tirando pelo menos uma vez por semana pra dar um reforço aquele aluno e uma conversa individual com ele...

NA SUA CONCEPÇÃO QUAIS OS FATORES QUE PROVOCAM O FRACASSO ESCOLAR?

Dentro dessa escola como eu já te falei, são vários problemas, mas eu sempre elenco esse aqui: que é a migração desses pais de alunos, hoje eles estão aqui nessa cidade, como não encontra um trabalho para dar sustento a sua família eles migram pra outras cidades, ai aquela criança já se evadem e vai havendo o fracasso, com 2 ou 3 meses volta novamente querendo que aquela criança retorne pra sala onde ela ficou aqueles 3 meses sem estudar e vem ai o fracasso é total, ai acontece a repetência por causa disso, como é que uma criança perde 2 ou 3 meses de aula e volta pra mesma sala de aula, é impossível... mesmo que eu repasse os conteúdos ele não tem mais a capacidade de adquirir como no dia a dia, como se ele viesse todos os dias pra sala.

QUANDO VOCÊ FALA QUE O PROFESSOR PRECISA DE AJUDA, COMO SERIA ESSA AJUDA E DE QUEM VIRIA?

Os mesmos professores que se dizem hoje coordenadores, estão as escola inchadas de coordenadores de apoio pedagógico, esse ano nem tanto, mas o ano passado tinha tanto apoio aqui que não cai nem de lado, mas de ajuda praticamente, diretamente dentro da sala de aula nós não tinha

O TRABALHO DA GESTÃO E DA COORDEANAÇÃO DE QUE MANEIRA TEM CAMINHADO NO SENTIDO DE CONTRIBUIR PARA O SUCESSO OU INSUCESSO DOS ALUNOS?

Para o sucesso a gestão dessa escola tem ajudado muito no sentido de receber os alunos muito bem, no sentido de não haver discriminação, ela trata o aluno como gente, como eles merecem... todos... dando tudo dela no que precisa, ela vai em busca, ela vai atrás, o que for ao alcance dela ela conseguiu e pra o insucesso eu acho que elas deveriam impor mais regras...

COMO VOCÊ IDENTIFICA O FRACASSO ESCOLAR EM SUA SALA DE AULA?

Como eles estão na 4ª. série, quando eles chegam o que eu atribuo logo ao insucesso é porque eles vêm passando de uma série pra outra, como eu recebi aluno esse ano chegando na 4ª. série as vezes nem o nome dele mesmo ele não escrevia ainda, escrevia faltando letra, que hoje ele diz... hoje não, toda vida foi assim, eu sei que essa aprendizagem é continua, mas eu acredito ainda na possibilidade da gente ver aquele aluno ir pra uma 4ª. série, as vezes ele não conhece nem se quer o próprio nome dele, eu acho isso ai um insucesso, não sei nem se começa da minha turma, eu sei que é continuo alfabetizar, mas esse aluno faz uma 4ª. série onde ele deveria ler pelo menos palavra, onde eu peguei aluno lendo com maior dificuldades palavras com duas sílabas, o insucesso começou daí, da falta de leitura dele...

COMO VOCÊ TRABALHA NO SENTIDO DE SUPERAR O FRACASSO ESCOLAR?

Eu trabalho dependendo da minha turma, esse ano mesmo como falei anteriormente eu peguei aluno que não sabia ler eu trabalhava com atividades diversificadas, embora que houvesse rejeição da parte do alunado, porque aquele aluno que está na 4ª. série ele se sente rejeitado quando eu passo tarefas diferentes para eles, porque eles não estão acompanhando, no início houve muita rejeição por parte do aluno, foram 3 que eu peguei dessa forma, no início houve rejeição porque eu trabalhei tarefas diversificadas, diferenciadas daqueles que acompanhavam a 4ª. série, eu trabalhava ainda como se estivesse alfabetizando, trabalhava tarefas, essas de alfabetização e consegui não foi muita coisa, mas esse aluno já estava bem melhor, até que você chegou e viu com essas duas criaturas sozinhas trabalhando individualmente, não sei como... acho que um dos três é capaz de passar de ano, mas os outros dois com certeza eu acho que não consegui, vão ficar repetentes.

COMO VOCÊ TEM LIDADO COM O FRACASSO ESCOLAR?

Muitas dificuldades, eu sou uma pessoa que tenho muitas dificuldades de lidar com esse fracasso, com essa repetência, uma que muitas vezes... não sei, eu não conheço bem as outras turmas, eu me sinto mal quando eles chegam na minha turma na 4ª. série, eu não me sinto com coragem de passar pra frente um aluno que não acompanha a 5ª. série ai aquilo eu me sinto mal porque aqui nessa escola só tem uma turma única da 4ª. série, para o aluno eu vou pegar aquele mesmo aluno, ai fico pensando será que vou conseguir, fico me perguntando se não consegui atingir o objetivo, se eu pego esse aluno esse ano e aquele aluno até ficar revoltado comigo. O que depende mim, os fatores meus é esse, quando no próximo ano trabalho com mais vigor, puxo mais pra aqueles que ficaram repetentes né, no sentido de conseguir o meu objetivo...

O QUE VOCÊ SABE DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DO SEU ALUNO?

O que eu sei é que esse bairro aqui dos alunos é uma das dificuldades que eu acredito também, as vezes a gente diz assim, mas eu fico em dúvida, porque o socioeconômico dele a gente fala assim: ah meu Deus tem que trabalhar assim porque a criança é isso...isso... grande problema de casa, falta isso, falta isso, mas as vezes fico pensando se essa criança tivesse um interesse maior, eu sei que esse fator influi na aprendizagem, mas assim mesmo com tantos problemas que tem pra eles, tanto no sócio como no econômico, a escola não tem um lazer como eu já falei e eu como professora não tenho coragem de pegar essas criança pra ter um tipo de lazer, até porque são crianças muito difíceis, que eu costuma falar aqui na escola, precisaria primeiro educar a família pra então ser melhor pra educar os filhos. Apesar dos problemas que eles têm socioeconômico, mas eu acredito assim, como eles são bem tratados aqui tanto por parte dos professores quanto de gestores, eu acredito ainda que eles era pra ter um comportamento bem melhor, mas no entanto eu sinto muito em dizer que nessa escola são muitos alunos indisciplinados, sempre eu falei pra coordenação aqui: vamos fazer um projeto sobre a indisciplina, porque eu acho assim, não sei se é porque eu já estou tantos anos aqui, as vezes eu não sei se sou eu ou os alunos que estão fracassando, chega um momento até que eu falo que estou perdendo as esperanças se essa educação vai pré frente ou não...

QUAL A RELAÇÃO QUE VOCÊ FAZ DO FATOR SOCIOECONÔMICO DO ALUNO E O FRACASSO ESCOLAR?

Influencia muito, influencia no sentido assim, porque as vezes o aluno deixa de vir pra escola porque não tem uma sandália, deixa de vir porque a roupa está surja e não tem o sabão pra lavar, isso é o que? O que as mães diz e os que eles falam aqui. Eu nem atribuo tanto a essa falta, a tanta pobreza, eu atribuo a preguiça mesmo, porque se falta uma sandália vem até a escola e fala, porque em reunião a gente consegue a sandália, se não tem comida, ta certo nem todo dia a escola tem merenda, mas tem dia que está sobrando, ao mesmo tempo eu fico assim, não tinha sandália pra vir, não tinha roupa limpa, mas quando vem pra escola é com dinheiro no bolso pra ta comprando merendo e quando coloca a merenda eles ficam jogando fora, jogando no outro, ai eu fico pensando, quer dizer que problema grave é esse que faltou a escola, falta porque está doente, falta porque não tem sandália, falta porque não tem a roupa e quando vem pra escola vem com dinheiro pra comprar besteira, chiclete, bombons, que eu proibi dentro da minha sala que eu tenho mais raiva e parece até que eles compram pra irritar...

NA SUA FALA VOCÊ FALA DA INDISCIPLINA, QUAL A RALAÇÃO QUE VOCÊ FAZ DESTA COM O FRACASSO ESCOLAR?

Uma parte eu acho que sim, porque aqui é assim, aqueles alunos que tem mais um interessezinho, que é mais comportado que não tem tanta indisciplina eles não suportam ficar aqui dentro, estuda as vezes um ano, dois anos, uns até desistem porque os outros são tão violentos, ai eu acredito que essa indisciplina complementa um dos vários fatores que já existe.

VOCÊ FALOU DAS SUAS DIFICULDADES, QUAL A RELAÇÃO QUE VOCE FAZ ENTRE AS LIMITAÇÕES DO POFESSOR E O FRACASSO ESCOLAR?

A relação que eu faço... meus Deus hoje eu faço um método e não atingi, amanhã eu faço outro plano com aquela aula e não atingi, faço um cartaz e não consigo, ai eu digo: meus Deus onde errei? Quando eu vou pra casa já vou me perguntando: onde errei? Amanhã eu vou começar de novo e quando eu chego que falo pro aluno: meu filho você leu alguma coisa em casa, nunca se passa um trabalho pra casa para esse aluno já para ajudar pra ele trazer pronto, é quase a mesma coisa você repete e eu sou repetente também, eu fico repetindo meramente o assunto dez doze vezes... Para conseguir aquele aluno que atinge nota que consegue assimilar fica revoltado, professora isso ai de novo... E aquele que eu chego e não sei se o fracasso é meu ou dele, por isso que eu digo a ele aquele menino que eu já tanto trabalhei, pelejei e ainda não consegui... Ai eu fico mim perguntando a mim mesma... O fracasso é meu ou é dele? E essa ligação eu estou procurando fazer... Porque como eu disse antes de chegar a Leninha ela mim disse eu não tenho mais método e eu digo eu também não tenho mais, porque nós sempre trabalhamos em conjunto chegamos ate em pensar em fazer, alternar disciplina como eu ir pra sala dela e ela vir para minha pra ver se era a metodologia de uma ou de outra porque não acontece só na minha sala, acontece na minha turma como também eu acho que acontece em todas as turmas aqui. O que eu vou falar é a verdade não quero enfeite, porque o que eu vejo também nesses departamento que eu vou é que dizem : eu consigo isso, eu consigo aquilo, as vezes eu chego a pensar: seus aluno é diferente lá de onde eu trabalho, não sei se é porque eu estou a 15 anos aqui e tou vendo que quando vai para a repetência mais voltando ai eu digo... assim talvez seja porque esse ano eu esteja desestimulada esse ano porque eu peguei uma turma muito difícil, mas outras turmas eu já consegui fazer com que eles saíssem dessa repetência com métodos, os mesmo que já vinha. As vezes eu digo assim: o tradicional muitas vezes funciona mais do que esse construtivismo todo de hoje, não sei se é porque ele não é acostumado... que vem lá da base, de baixo, as vezes não gosta muito de mudança não, eles

chiam muito como eu te falei é uns alunos muito cheio de vontade, precisa adotar muitas regras pra eles e se eu adoto uma regra tem que ser cumprida dentro de toda a escola e as vezes isso não é cumprido e a escola não só sou eu que faço não, a escola é o corpo docente todos juntos...

COMO A FORMAÇÃO CONTINUADA TEM AJUDADO NA SUA PRÁTICA?

Ela tem me ajudado no sentido de... como nesse pro-letramento agora, ele trouxe muitos métodos novos, no qual a gente ia tirando aquelas atividades relacionadas considerando, novo texto a gente ia tirando assim... as habilidades e as competências e a gente dava assim pra trabalhar de acordo com minha turma, como eu tinha alunos que acompanhavam a 4^a. série e outros que não acompanhavam, então ela vinha assim atividades que dava pra tirar atividades diferenciadas pra meus alunos, foi nesse sentido ela me ajudou muito, porque como eu já fazia, faz muito tempo que eu estou na 4^a. série, a questão de alfabetização já fica mais dificultosa pra mim, e esse curso de capacitação ele ajuda muito, porque de qualquer forma ele abrange desde a alfabetização até a 4^a. série, ai eu fui vendo muita coisa nova que isso me ajudou bastante esse ano.

ENTREVISTA 05
ESCOLA B
PROFESSORA DA 2^A. SÉRIE

EU QUERIA QUE VOCÊ FALASSE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

O fracasso escolar você sabe que acontece, está acontecendo no geral em todos os lugares, a educação está acontecendo isso e a gente sabe que esse fracasso ele acontece principalmente nas séries iniciais, onde o aluno precisa de um embasamento maior pra chegar as séries mais a diante e a gente ver que a cada ano ao invés de melhorar ele está piorando né, a evasão acontece, a reprovação está acontecendo e a gente atribui, eu pelo menos atribuo ao sistema que nós vivemos né, não só a família, não só a escola, mas a um conjunto, isso se deve a um conjunto esse fracasso escolar...

EM SUA FALA VOCÊ DIZ QUE O FRACASSO ESCOLAR ACONTECE EM TODOS OS LUGARES, ESPECIFICAMENTE NESSA ESCOLA COMO ELE ACONTECE?

Ele acontece... primeiro, eu tenho aqui a minha turma de 2^a. série, acontece o fracasso? Acontece...diante de que? A gente falta o apoio da família, falta a integração maior dentro da própria escola, eu não posso fazer o meu trabalho isolado, eu preciso de “enes” fatores, se eu estou falhando, estão tem mais gente falhando comigo né, e a gente sente o responsável por esses alunos, ou seja, se esse alunos passam, se chega o final eles passam sabendo, eu vou achar o meu trabalho gratificante, mas se por exemplos os alunos se 6, 7, 8 alunos ficam a gente vai ficar se culpando, a gente não deixa de se culpar, mas eu sei que essa culpa não é só minha, é da família que não contribui, é da escola que precisa de uma união maior, um conjunto maior, então esse fracasso eu atribuiria em primeiro lugar a escola como um todo...

COM RELAÇÃO A ESSA INTEGRAÇÃO NA ESCOLA, COMO ELA PODERIA ACONTECER PARA FAVORECER O SUCESSO ESCOLAR?

Primeiro o Projeto Político Pedagógico da escola poderia haver uma mudança. Para que se voltasse para o aluno, uma realidade do aluno, trabalhar de acordo com a realidade do aluno, porque o que a gente ver é que a escola no todo faz a educação juntamente com a família, então poderia haver um projeto que trouxesse essa família pra dentro da escola, conscientizar, porque nós sabemos que não existe, hoje não temos uma alunado que vai chegar um alunado que vai chegar aqui preparado, educado pra estudar, a escola vai ter que educar esse aluno e mais ainda os pais desses alunos...

O QUE FAZ VOCÊ PENSAR QUE O APOIO DA FAMÍLIA É DETERMINANTE?

É determinante, porque a gente passa um período aqui com esses alunos e ele tem toda uma vida em casa né? Quando esse aluno chega pra escola você faz um trabalho e na casa dele é feito outro trabalho e ninguém sabe como é que está sendo a educação dessa criança em casa, ele as vezes é sem pai, é sem mãe, como eu tenho um aluno aqui que é sem pai, sem mãe, é abandonado, então, como é que uma criança dessa chega a escola e a gente vai trabalhar com ela por igual, como se todos estivessem na mesma realidade, então a gente tem que conhecer a realidade da nossa sala de aula, procurar conhecer essa família e a gente só pode conhecer trazendo ela pra dentro da escola...

NA SUA FALA VOCÊ DIZ SÃO “ENES “ FATORES, VOCÊ JÁ ELENCOU ALGUNS. QUAIS SÃO OS OUTROS FATORES QUE DETERMINAM O FRACASSO ESCOLAR?

É... a família é um deles, a escola é um deles, o currículo também é um deles, ele é falho, a própria formação do professor é falha, porque quando estamos na formação, quando a gente está lá na Universidade, ela é muito distante da realidade da escola quando a gente está dentro dela, a gente se depara, a gente sofre um choque grande, independentemente do que passado pra gente na nossa formação.

QUANDO VOCÊ FALA EM CURRÍCULO, QUAL O SEU ENTENDIMENTO EM RELAÇÃO À CONTRIBUIÇÃO DESTE PARA O FRACASSO ESCOLAR?

É que o currículo, assim tem que se moldar e voltar para o interesse do alunado. Trabalhar de uma maneira flexível, onde possa abranger a realidade de cada sala de aula.

DE ACORDO COM A SUA FALA A FORMAÇÃO DE PROFESSOR AINDA É FALHO. O QUE VOCE SUGERE PARA QUE FALTA DE FORMAÇÃO NÃO SEJA UM IMPASSE PARA OS TRABALHOS NA ESCOLA.

Essa formação deve ser no sentido de trabalhar as práticas em sala de aula, a gente fica muito na teoria, mas quando passa pra prática já fica mais difícil...

QUAL A RELAÇÃO QUE VOCÊ FAZ DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E O FRACASSO ESCOLAR?

A relação é que... em cima desse projeto poderia haver a modificação desse projeto no sentido de fazer um projeto voltado para o alunado de acordo com a realidade, de acordo com o meio onde ele está inserido né? Por exemplo, a nossa escola, essa estrutura aqui, a gente tem que pensar uma maneira de se trabalhar de acordo com o que a gente tem dentro dessa escola, se é uma escola pequena, então vamos tentar de que maneira trabalhar com esse aluno se a gente só tem isso? Trabalhar em cima disso aqui, porque não adianta querer fazer aquilo que a gente não tem, tem que ver o que a gente tem disponível, em cima disso procurar a realidade da nossa sala de aula, como é que está esse aluno, como é que está essa clientela? O que é que eu vou fazer esse ano? Saber qual o projeto eu posso trabalhar esse ano pra poder trabalhar com esses alunos, qual o maior interesse dele.

NA SUA CONCEPÇÃO O QUE PROVOCA O FRACASSO ESCOLAR?

É ... o meio social em que ele vive, quer dizer, o que contribuiria mais para esse fracasso? A falta de interesse da família, a indisciplina escolar é muito grande, quer dizer...

COMO VOCE IDENTIFICA O FRACASSO ESCOLAR EM SUA SALA?

A maioria quando chegaram a 2ª. série, eles, por exemplo, não estavam alfabetizados, então eles já vêm com a defasagem, então esse fracasso é uma corrente, então se eu não mudo alguma coisa aqui, ela vai a frente, quando chegar lá no médio, se ele conseguir chegar lá e eu atribuiria esse fracasso a própria escola como um todo e esse aluno vem assim, como se tivesse um balanço, sendo levado...

ISSO LHE FAZ PENSAR QUE A ESCOLA É INADEQUADA PARA ATENDER AS NECESSIDADES DESSES ALUNOS?

Eu acho...se a escola... ainda falta muito nas escolas, com certeza...

COMO VOCÊ TRABALHA NO SENTIDO DE SUPERAR O FRACASSO ESCOLAR EM SUA SALA DE AULA?

Eu procuro primeiro, logo no primeiro bimestre, conversar muito com meus alunos, tentar conhecer um pouquinho de cada um, a partir daí eu começo a trabalhar com eles de acordo com plano que temos elaborado, por que? Porque cada um tem uma realidade diferente e procuro ver o nível da turma, a partir daí começo a desenvolver o meu trabalho...

VOCÊ SENTE DIFICULDADES EM LIDAR COM O FRACASSO ESCOLAR?

Com certeza, a gente tem muitas dificuldades e procura desenvolver da melhor forma possível uma maneira de ajudar os alunos né? Mas chega o momento que a maioria das vezes você se sente só, precisa de um apoio, precisa, por exemplo, de uma conversa, ajudaria... uma conversa, a troca de experiência com colegas, a gente não dispões deste tempo, muitas vezes... como eu, trabalho dois expedientes, que hora vou poder sentar com meus colegas para discutir assim, na minha turma eu tenho essa dificuldade, como é que você trabalha? Então, a troca de experiência ela não acontece, a gente tira o ano inteiro e agente trabalha de uma forma, acaba trabalhando de uma forma isolada, mesmo que você não queira...

VOCÊ FEZ RELAÇÃO À INDISCIPLINA, COMO A INDISCIPLINA TEM CONTRIBUIDO PARA O FRACASSO ESCOLAR?

A indisciplina precisa trabalhar em todas as escolas a questão da indisciplina na escola, e a gente fica assim, de mãos atadas procurando um meio como disciplinar esses alunos né? Então, eu não sei, essa escola, por exemplo, não tem espaço, talvez isso torne a indisciplina ainda maior, porque eles querem extravasar, eles ficam entre 4 paredes e eles não tem espaços para brincar, então quando eles voltam, voltam ainda piores e a gente vai trabalhando, tentando trabalhar dessa forma...

O QUE VOCÊ SABE DO FATOR SOCIO-ECONÔMICO DOS SEUS ALUNOS?

Todos, todos da minha sala são alunos muito carentes. Primeiro esses alunos não tem contato, por exemplo, eles em casa eles não recebem um apoio no sentido de estudo, antes deles ingressarem na escola eles não tem contato com a leitura, com material de leitura, com material de escrita e passam a ter contato quando eles vêm para a escola.

COMO VOCÊ CARACTERIZA A INTEGRAÇÃO DA ESCOLA E QUAL A RELAÇÃO DESSA COM O FRACASSO ESCOLAR?

A questão da integração, eu vejo muito separado, por exemplo, direção coordenação, pessoal de secretaria, pessoal de apoio, então isso ai poderia haver a contribuição de todos e todos contribuissem para essa educação, porque as vezes o trabalho se torna isolado, o diretor diz a minha função é essa, o coordenador, minha função é essa, então precisa se dar as mãos e procurar dar as mãos e procurar trabalhar um meio de resolver esse fracasso, se não completamente, pelos menos em parte, minimizar esse fracasso. Não deixar a responsabilidade única e exclusivamente do professor.

ENTREVISTA 06
ESCOLA A
PROFESSORA DA 3ª SÉRIE

EU QUERIA QUE VOCE FALASSE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

Fracasso escolar é uma coisa assim muito, assim interessante, porque o aluno hoje deve ter muita oportunidade de ... o fracasso escolar se dar assim pela dificuldade do aluno na família, na sala de aula, através assim da oportunidade, se ele tiver a oportunidade na sala de aula, o professor motivando, incentivando, as vezes tem aquele que precisam muito de ajuda. O aluno se não tiver uma motivação, uma incentivo pelo professor ele não vai ter aquele interesse de ficar na sala de aula e se a família não acompanhar e a direção também, tem que ter um certo controle né, para os alunos e o aluno as vezes ele é repetente e vai para a sala de aula e acha que aqueles conteúdos já foram visto o ano todinho e fica sem interesse, se você não estimular ele, não incentivar, ai ele desiste e a família tem que está sempre em cima sempre acompanhando, participando das reuniões de pais.

QUANDO VOCÊ FALA EM ACOMPANHAMENTO DA ESCOLA, COMO SERIA ESSE ACOMPANHAMENTO?

Seria assim, nas reuniões nos encontros pedagógicos... é nas reuniões de pais, na proposta pedagógica também que deve mudar a avaliação, os conteúdos, a formação, e outra coisa também deve ter a participação de todo corpo docente da escola né, com essa preocupação de evasão, procurar aluno, é... visitar a casa dos próprios alunos sempre... ai vai diminuir a evasão. As vezes o aluno tem aquela preocupação, tia eu não sei ler, porque tem aluno que fica preocupado quando você se aproxima dele, já se preocupa em ler, porque não sabe, ai as vezes acha que não aprende e quer desistir, mas ai você começa a estimular, dizer que ele é capaz de aprender e ensinar com muitas atividades diferentes para que eles cheguem lá, outra coisa, não se prender só ao livro didático, evitar explicações longas no quadro...

E COMO SERIA O ACOMPANHAMENTO DA FAMÍLIA?

Porque as vezes o fracasso também é o desajuste da família, o aluno a passar a ser chamado de criança com problemas, as vezes a família tem interesse pela criança, as vezes não tem pelo próprio filho, as dificuldades de aprendizagem são taxadas como anomalias, porque tem crianças que tem dificuldades mesmo, tem que procurar o médico pra ver se realmente a criança tem esse problema.

NA SUA CONCEPÇÃO O QUE PROVOCA O FRACASSO ESCOLAR?

O que provoca.... as vezes a dificuldade do aluno, a dificuldade da família, a aprendizagem também deles, as condições de vida... as vezes questiono também a responsabilidade da própria escola, porque a escola as vezes tem interesse e não tem de saber como vai o aluno, de ir a casa do aluno...

O QUE TE FAZ PENSAR QUE A ESCOLA TAMBEM É RESPONSÁVEL PELO FRACASSO ESCOLAR?

É a visita na casa das famílias, considerando que a família é muito importante, porque as vezes procura no inicio do ano a procura de aluno só para matricular, mas quando os alunos

não permanecem e vão desistindo não tem esse interesse de ir atrás do aluno e saber porque ele deixou de ir a escola...

E COM RELAÇÃO A REPROVAÇÃO?

É o aluno que não tem aquele estímulo de vir a escola de aprender, de estudar, deixa de fazer as tarefas, porque as vezes diz: ah tia... porque trabalha, tem criança que trabalha, a mãe trabalha não procura ajudar, ai não trás as tarefas, não estuda, não tem quem se preocupe com ele. Porque tem aluno que muitas vezes eu pergunto se trouxe a tarefinha vamos corrigir, por que não fez? Ah tia porque eu não sei, minha mãe não sabe, o problema da família que não tem letramento, é analfabeto.

NA SUA SALA DE AULA COMO VOCÊ IDENTIFICA O FRACASSO ESCOLAR?

O fracasso escolar esse ano na minha sala foi assim, mais por transferência, mudança de residência, as vezes até de uma cidade pra outra, repetência e evasão na minha sala foi muito pouca, houve muitas transferências, os que saíram eram os mais fracos e os que ficaram eram os melhores e uns cinco ficaram, mas fizeram prova e passaram, avançaram e desenvolveram, porque a metodologia da sala de recurso (um trabalho que desenvolve em outra escola) eu trago tudo aqui para a minha sala. Esse foi um conto que eu trabalhei. O Patinho feio, ai teve a escrita, uma produção de texto, fizeram a dramatização, eu trouxe o cenário e houve a dramatização com um patinho e o ovo.

QUANDO VOCÊ FALA EM INOVAR A METODOLOGIA, ISSO CONTRIBUIU PARA ESSE AVANÇO NA SUA SALA DE AULA?

Contribui assim, porque eu trazia novidades para a sala e inovava e com isso os meus alunos se desenvolveram, tanto desenvolveram, como é... não faltavam de jeito nenhum, trabalhava com dados, confeccionava dominó da multiplicação, da divisão, as quatro operações, boliche, ai trazia assim 2 ou 3 vezes na semana eu trazia uma coisa diferente e eles ficavam cobrando, tia vamos fazer uma atividade diferente, ai eu dizia não, deixe passar... na próxima semana, eu percebi que a aprendizagem avançou muito. A metodologia é muito importante tanto para a vida profissional do professor como do aluno, porque a gente se sente assim... quando ta num curso, numa sala de aula diferente ai você já... tem criança que toma o exemplo da gente, tem criança que diz: tia eu fiz o que a senhora fez a noite, brincando de escolinha e ela é... repetia, imitava

COM RELAÇÃO À FORMAÇÃO DO PROFESSOR, COMO ELA TEM CONTRIBUIDO PARA O SUCESSO OU INSUCESSO DO ALUNO?

Tanto a formação inicial, o meu curso que terminei, como a formação continuada, esse curso de pro-letramento ajudou muito, essa metodologia foi do meu curso, foi através do meu curso que eu adquiri muito conhecimento, avançou muito. É muito importante porque a gente inova tanto o conhecimento como a metodologia, porque foi através do meu conhecimento na universidade que os projetos eu trouxe para a sala de aula e os alunos desenvolveram bastante, vai depender só do professor. Se você não for um professor motivador, incentivador, se não mudar... porque o aluno reclama de um professor que teve e que não teve essa metodologia, ele fica... tia fulano não fazia isso, eles sempre citam professores que trabalham e que não trabalham, eu tenho uma aluna que ela sempre citava que tinha uma professora que já tinha apresentado o conto chapeuzinho vermelho.

O QUE FAZER PARA SUPERAR O FRACASSO ESCOLAR EM SALA DE AULA E NA ESCOLA?

Que is professores mudassem, tivessem uma metodologia diferente, que participasse mais a família, tivesse assim, mais afetividade com os alunos, mais amor, carinho, porque o professor... é... ele é a mola mestra, ele é muito importante.

DIANTE DE TUDO ISSO, VOCÊ AINDA TEM ALGUMA DIFICULDADE EM LIDAR COM O FRACASSO ESCOLAR?

Não assim ... na minha sala é muito difícil desistência, é mais transferência por conta da família, mas desistir assim por motivo, por conta da sala, do professor, graças a Deus eu me responsabilizo, nunca o aluno deixou de vir por conta do professor , por conta da aula...

O QUE VOCÊ SABE DO PERFIL SÓCIO ECONÔMICO DE SEU ALUNO?

Assim.... tem criança que tem problemas financeiros, a mãe não tem condições, eles chegam, tem criança que chegam sem se alimentar e perguntam: tia a hora da merenda já ta perto, eles sempre tem aquela preocupação de está perguntado o que é o lanche, eu digo meu filho eu não sei, estou chegando agora e ainda não sei o cardápio da tarde, depois você vai na secretaria ou na cozinha e pergunta, mas a gente sente que tem criança que por mais que der bolsa escola e bolsa família, ainda continuam passando dificuldade, a gente percebe.

EXISTE ALGUMA RELAÇÃO COM A EVASÃO E REPROVAÇÃO DESSE ALUNO?

Assim... se você está sentido que esses alunos que vai ficar, você tem que trabalhar mais em cima dele, procurar meios, horários para trabalhar com eles, ou então a escola deveria ter uma sala de recurso já para ajudar essas crianças, estamos pensando para o próximo ano colocar uma sala de recurso, porque ajuda muito, porque a criança as vezes ela não tem essa oportunidade em casa, da ajuda da família, da mãe, do pai, de um irmão, ai se na escola tivesse outro horário, ai já ajudava. Se pegar uma professora dinâmica, criativa e que desenvolva suas atividades, eu acho que melhora pra ele, porque as vezes o professor quando ele ver que o aluno está com dificuldade ele não procura desenvolver, consertar aquele erro, procura é... enrolar, porque você vai ficar, você não passa, você não quer nada na vida, começa a desestimular o aluno, ele já começa a revolta, ele diz já que não estão me dando o meu valor, ali vai desistindo, porque as vezes a própria palavra do professor faz com que o aluno desista. Há desistência as vezes porque você não sabe conversar com o aluno, se revolta e ele se revolta, desabafa e ele desabafa também, já excluindo, deixando ele... ai ele se sente envergonhado através dos colegas que você está menosprezando e aquilo ali tá desestimulando, porque o professor acha que ele não passa, não dar valor, porque sempre por mais que você não saiba, mas tem que dar uma qualidade, um valor para melhorar a auto estima, começar a ver os pontos positivos antes dos pontos negativos.

COM RELAÇÃO A INDISCIPLINA, EXISTE ALGUMA RELAÇÃO DA INDISCIPLINA COM O FRACASSO ESCOLAR?

Aqui na minha sala tem uns alunos muito imperativos, muito assim “pestinha” mesmo, danado, que gosta de bater, assim, do jeito que é em casa, assim os alunos que moram na mesma rua vinham para a escola e traziam problemas que vinham de casa para a escola e os

pais vinham e queriam que resolvessem, ai eu dizia, mas vem cá se já vem de la, tem qua amenizar, a senhora tem que evitar, eles são crianças e a gente tem que resolver com calma, mas ela queria com agressividade, queria que o aluno não estudasse mais aqui, tem que haver um meio que esse aluno tem que sair da sala, falava com a direção, não pode... vamos fazer essa mudança, botar um pra um lado e o outro para o outro lado, brigam, brigam, ai diz vou tirar meu menino, que não é para ficar aqui e ai para que o aluno desistisse, a própria família é que vinha com aquela picuinhezinha, se já vinha da rua e dizia ele não presta, ele já faz isso e na escola ele queria fazer a mesma coisa, ai é difícil pra você combater isso né, mas por isso não deixou de desistir ninguém, já no final que uma mãe tirou o aluno por conta desse menino, mas ele veio fazer as prova e é um menino muito bom e a mãe disse meu filho não vai mais ficar aqui, eu não agüento mais, então eu faço as provas, ele é um aluno que passa e assim ela fez para o aluno não desistir mesmo, porque é aquele menino assim que não tem hábito pra nada, uma educação e a mãe chegou a dizer que não podia com ele, ele tem nove anos e eu não posso com ele de jeito nenhum, ele ainda obedece o pai, mas é aquela coisa, quando ele chegava na sala e passava um pedacinho, dizia: eu vou aqui. Ai não voltava mais, depois eu comecei a fazer essas brincadeiras na sala de aula e ele começou a participar e foi até o fim, mas ai ele é muito inteligente. No primeiro dia de aula eu pedi para ler um texto, o texto falava das profissões, as profissões que existia e que deixou de existir e ele foi um aluno que falou as respostas pareciam de uma pessoa mais velha e já disse que a profissão que deixou de existir: vendedor de carvão, vendedor de lenha e eu me surpreendi, que eu nem lembrava, foi um aluno que no instante desenvolveu, num instante dava a resposta e realmente deixou de existir né, vendedor de lenha, carvão, que é difícil, mas o menino tinha a resposta e num instante desenvolveu, mas muito danado... danadinho...

ENTREVISTA 07
ESCOLA A
PROFESSORA DA 1ª. SERIE

EU QUERIA QUE VOCE FALASSE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

O fracasso escolar é determinado a partir do não vencimento a etapa de forma que o aluno não tenha sido vitorioso, se dar o fracasso para o aluno, para a família, para a própria escola e isso tem acontecido em várias escolas, em vários níveis né? O fracasso escolar está no ensino fundamental, no ensino médio e vai, então todas as vezes que nós como professores não alcançamos a etapa central com o objetivo de vencer, fazer com que o aluno alcance o equilíbrio e o desenvolvimento, a gente diz que fracassou, não o aluno, mas também a escola, fracassou também a sistemática do trabalho.

QUANDO VOCÊ FALA QUE O ALUNO NÃO É VITORIOSO, O QUE TE FAZ PENSAR QUE ELE NÃO É VITORIOSO?

Existem duas vertentes, se nós olharmos para a questão do não vitorioso, nós vamos entender... o próprio diário já vem preestabelecido os termos aprovado e reprovado né? Quando se diz que o aluno foi vitorioso é porque ele foi aprovado né? Quando ele é reprovado o próprio diário ele cita, ele é elaborado já com os termos aprovado e reprovado, então surge daí a idéia que o aluno fracassou, ele fracassou, mas do outro lado a gente tende a perceber que nem sempre existe esse fracasso de forma totalizada, quando ele apreende determinados conhecimentos, mas não é por inteiro fracassado, mas ele se sente, porque ele foi orientado assim para vencer e não para estudar e no final receber um resultado negativo e o que conta nessa hora não é o que o aluno aprendeu, mas é aquele conceito para ser aprovado...

QUANDO VOCÊ FALA NOS FATORES QUE INFLUENCIA PARA O FRACASSO, VOCÊ DIZ QUE A ESCOLA FRACASSA, EM QUE SENTIDO A ESCOLA FRACASSA?

Evolução do alunado, o desempenho do alunado depende do global e não do particular, no caso apenas da sala de aula, esse campo que é apenas um pedaço da estrutura escolar, então quando nós falamos que a escola fracassa como um todo, é porque de alguma forma é... existe alguma falha né? Para que o grupo desse uma resposta positiva e todos os integrantes da escola pudessem auxiliar e não ficar do lado de fora esperando apenas o quadrado da sala de aula para os alunos evoluírem, existe na verdade nesses termos uma integração, de um trabalho integrado, de maneira que a coordenação, a supervisão, o pessoal de apoio venha contribuir e fazer um trabalho é... consistente para que não exista brecha, falhas, para não dizer que a escola também é responsável, ou que o aluno é por si só o responsável, a gente tem que entender que todos os membros da escola ele contribui ativamente para o desempenho do aluno.

QUAL A RELAÇÃO QUE VOCÊ FAZ ENTRE O FRACASSO ESCOLAR E O DESEMPENHO DO PROFESSOR?

Toda vez que o trabalho é ímpar, que é direcionado para o professor responder todas as atividades, responder todas as questões e quando você não faz a parceria, aí você fica nesse quadrado, professor e aluno na sala de aula, isso não é muito bom, aliás não é bom para o desenvolvimento do aluno, para o desempenho do professor, para a escola em si.

NA SUA CONCEPÇÃO O QUE PROVOCA O FRACASSO ESCOLAR?

É certo que o fracasso escolar é uma falha de “enes” integrantes e o que provoca são... muitas vezes é o ritmo como a gente faz a escola, é a forma de trabalhar, é forma de buscar esse aluno para trabalhar o processo para ele contribuir, para ele se sentir membro desse desempenho. Então toda vez que a escola, que a sala de aula, que o professor não consegue trazer o aluno para se sentir membro desse processo, para se sentir a vontade para aprender para a vida, ele é um fracasso, é também a sala de aula que fracassa, através das atividades, através do desempenho, através da integração como um todo.

QUANDO VOCÊ COLOCA QUE A FALHA É DE “ENES” INTEGRANTES, QUEM SÃO ESSES?

Bom, como trabalhamos com o grupo né? Como nós estamos num elo de profissionais, se um dos membros falha, o processo tende a cair um pouco de certa forma ou até fracassar, então assim nomear não seria assim... bem ... necessário, mas vamos tomar por exemplo é ...que tipo de atividade desenvolve para convidar o aluno para desenvolver, para sentir estimulado para estudar, o que o profissional enquanto professor tem feito para os alunos entenderem que é necessário, que é importante para vida, o estudo, não para sistematizar uma nota, o que a coordenação, a direção, o que todos os membros fazem e muitas vezes deixam de fazer para evoluir esse processo, nomear não seria o caso, mas a gente sabe que todos os membros da escola são participantes dessa aprendizagem, são membros importantíssimos para a evolução do processo ensino aprendizagem, então se um membro não é eficaz, não desenvolve o seu trabalho com o potencial desejado, então é claro que vai existir o fracasso, é claro que vai existir pontos falhos no processo e no final da reta, no final do ano letivo nós vamos colher o fracasso, não por reprovar os alunos, mas o fracasso como um todo. A questão, o que o aluno colheu, o que ele aprendeu, o que ele avançou...

COMO VOCÊ IDENTIFICA O FRACASSO ESCOLAR EM SUA SALA DE AULA?

Nós identificamos o fracasso muitas vezes no dia a dia, não é o fracasso... não é o fracasso do ano letivo, da reprovação e da aprovação, não são esses termos que vão dizer se o aluno está passando, mas na sala de aula, a gente identifica através das atividades. Se o aluno vai bem, se o aluno desenvolveu bem um certo conhecimento matemático, é ... durante a exposição de um assunto, durante a conversa que temos com os alunos, durante as próprias perguntas dos alunos, a gente verifica se ele está buscando ou se ele parou, ou até mesmo se a gente está nesses termos, eu não diria nem mesmo o fracasso, todas as vezes que trabalhamos em sala de aula existe uma evolução, existe um desenvolvimento. Eu compreendo que a sala de aula no espaço da escola é o lugar onde se aprende muito, mas toda vez que a gente identifica que o aluno não conseguiu chegar ao objetivo desejado, não quer dizer que ele fracassou, ele está num processo de aprendizagem, então esse fracasso... é muito forte dizer que o aluno fracassou, é uma questão muito particular.

COMO VOCÊ TRABALHA NO SENTIDO DE SUPERAR ESSAS DIFICULDADES?

Quando se fala em evasão, compreendo assim, que ela foi subtraída pela sistemática a nível federal, da questão da bolsa escola atraiu mais alunos para a escola, pela sistemática dos trabalhos desenvolvidos por ocasião dos temas dos projetos, essa questão de evasão ela existe, mas de certa forma ela já foi assim... diminuída, ela foi é... porque ela foi considerada a nível governamental, ela foi pensada, diminuída a partir da bolsa escola que a gente deve citar, é

uma forma também de trazer a escola e que nem todas as pessoas concordam, mas é entendimento a nível federal, a nível de gestão, a nível de escola, a nível mais particular ela foi reorganizada, ela foi repensada, porque houve várias, está havendo também várias tentativas de um recomeço. Se nós olharmos para as questões de organização, de estudo, de professores que fazem estudo, formação continuada, é... que se ... integram, melhor dizendo, que se reúnem para discutir o fracasso, que se reúnem para discutir a evasão, que se reúnem para discutir a melhoria, se nós olharmos assim, houve um melhoramento, houve um direcionamento para... não para sanar a situação, mas para minimizar. Os professores estão aí trabalhando no sentido de aprender mais... para aprender mais, para aproveitar mais o tempo, para direcionar mais para as particularidades da sua sala de aula, trabalhar as temáticas que envolve a pessoa do aluno, a probabilidade de trabalhar o cidadão. Então assim, eu penso que está mais direcionado o trabalho para minimizar para tentar melhorar.

QUANDO VOCÊ FALA QUE EXISTE TODO UM DIRECIONAMENTO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR, QUAL A RELAÇÃO QUE EXISTE DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA O SUCESSO OU INSUCESSO ESCOLAR?

Não acredito na possibilidade de que quando o professor frequenta, participa, é integrante, está desenvolvendo um bom trabalho na formação continuada, quando ele está a par dos assuntos relacionados à escola, teoria, a questão de prática, eu não acredito que o professor não desenvolva um bom trabalho, a não ser com raras exceções, porque ele é conhecedor de como avançar, a não ser que ele não se disponha, porque atualmente existe uma possibilidade grande do professor avançar os seus alunos, eles dão esse suporte, esse suporte é assim de forma grandiosa, só não absorve, só não passa para o alunado né? Porque nós vamos refazendo as aulas a partir dessa formação continuada, ele absorve esses conhecimentos e só não alcança, só não passa para os alunos, não consegue dos alunos com raras exceções, se realmente ele não quiser entrar no projeto, se ele realmente não quiser contribuir. Já se discute muito isso, quantas pessoas já passaram pela formação continuada, mesmo assim não fazem valer a pena, não fazem o que realmente tem que fazer na sala de aula, mas nenhuma, nenhuma não, pouquíssimas pessoas não tem esse conhecimento teórico, prático, não tem essa aproximação com o real, porque os autores, os monitores, os próprios instrutores, os especialistas estão mais próximo da gente que somos os professores e que de certa forma nós estamos numa situação confortável, quando nós saímos de uma formação continuada, estamos assim preparados pra assumir o papel.

DIANTE DE TUDO ISSO, VOCÊ AINDA SENTE ALGUMA DIFICULDADE EM LIDAR COM O FRACASSO ESCOLAR?

Sentimos, assim, porque a sistemática já vem toda pré-estabelecida, há autores que dizem que essa questão de reprovação não combina com desenvolvimento, porque a reprovação nada mais é do que excluir o aluno, então há autores que dizem isso, então a gente sente a necessidade de a cada momento a cada dia mais está próximo da teoria, do conhecimento, porque a gente as vezes esbarra em experiência e a gente assim, em modelos de alunos, em dificuldades de alunos e nas nossas dificuldades que a gente não tinha antes experimentado, então existe essa dificuldade né? E seria assim sem graça o professor dizer que não tem dificuldades, entendeu? Mas que elas tem sido amenizadas dentro do processo, no modelo de educação que a gente tenta, na formação continuada, tem instrução, tem seminário, tem palestra, então assim, a gente absorve...

O QUE VOCE SABE DO PERFIL SÓCIOECONOMICO DO SEU ALUNO?

A gente sabe o superficial, primeiro pra gente saber o que passa do outro lado da sala de aula é preciso muita proximidade, a conversa, a aproximação, a própria visita nas casas já foi feito outras vezes, isso já acontece quando o aluno evade, a procura do aluno, saber, então a gente começa a absorver é... sobre a vida do aluno e na própria conversa na sala de aula, mas assim o que eu tenho notado que quanto mais se distancia do aluno mais difícil se torna esse elo, essa importância de dividir e somar. Todas as vezes que a gente tenta entender o perfil sócio econômico do aluno as coisas se direcionam melhor, a gente vai aprender a lidar com o aluno, por que o aluno evadiu? Quais são as falhas? Quais são os acompanhamentos em nível de escola? A nível de família? É importante a gente está por perto, insistir, é importante a gente dizer. E toda vez que a gente conhece mais é mais fácil para o aluno, é para o profissional, é para a própria escola.

VOCÊ FAZ ALGUMA RELAÇÃO DO FATOR SOCIAL DO ALUNO COM O FRACASSO ESCOLAR?

Bom, a gente entende que... é possível que haja interferência, mas a gente também compreende que a partir do momento que o aluno vem para a escola, que vem para sala de aula é uma responsabilidade nossa mudar o quadro né? E assim não vamos mais pensar nessa interferência, vamos fazer valer o nosso trabalho, quanto mais eu me preocupar em mudar o quadro de aprendizagem do aluno para melhor, sem colocar uma taja que o aluno não aprende, não quer, não vai, por conta das questões socioeconômicas, melhor vai ser o meu trabalho. Toda vez que eu me preocupar que o aluno tem aquele perfil, que ele começar a dizer que ele não aprende porque é um aluno de periferia, ele não aprende porque as questões socioeconômicas interferem, isso não é bom, o que seria bom para os nossos alunos seria nos envolvermos com a turma, encararmos a nossa responsabilidade, isso já tem feito, é tanto que as conversas e depoimentos nos cursos de formação, a gente escuta, isso já acontece, não acontece na sua totalidade, mas quanto mais a gente encarar o aluno como um ser que quer aprender, que é responsabilidade nossa, é melhor do que pensar que ele não vai alcançar nível nenhum, fazendo uma relação com o perfil socioeconômico.

E COM RELAÇÃO A FAMÍLIA, QUAL SERIA A SUA PARTICIPAÇÃO NESSE PROCESSO, CONSIDERANDO O ALTO ÍNDICE DE EVASÃO E REPROVAÇÃO?

Bom seria se nós tivéssemos esse apoio, essa parceria na sua totalidade, nós temos um percentual bastante no meu ponto de vista, mas de certa forma o papel e há que defenda e que muitas vezes a gente acaba esquecendo o lado de lá, no caso da família, vamos fazer alguma coisa, vamos fazer pelo aluno, vamos tecer aqui dentro porque lá fora é outra realidade, se a gente ficar esperando pela família... a responsabilidade desse menino de aprendizagem, desse acompanhamento, desse tempo que o aluno passa aqui é nosso né?... é nosso, então assim, se todos os profissionais abraçar essa responsabilidade se todos nós conseguirmos. Com muita competência esquecer um pouco esse acompanhamento da família e fazer o trabalho mesmo com o número de horas reduzidos, mesmo assim, eu acredito na possibilidade de que vai valer a pena.

ENTREVISTA 08
ESCOLA A
PROFESSORA DA 4ª. SÉRIE

EU QUERIA QUE VOCÊ FALASSE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

Olhe eu acho que uma das causas do fracasso escolar, como eu ensino uma série que é assim ... já é uma 4ª. série, eu sempre digo que tem umas três causas: a questão da família, o acompanhamento que não tem, isso a gente sente na pele, a criança foi mal alfabetizada e que chega na 4ª. série sem saber ler e nem escrever né? Sem saber interpretar né? Nem a questão que eu estou falando não é aquela leitura de mundo é a leitura mesmo, como esse ano eu tive que alfabetizar um menino, ele já era repetente três anos, então eu fui chamar, trazer todos os dias para aquela leitura, acompanhando pra ver se ele lia alguma coisa e ele em matemática era 10. A questão é: eu sempre digo na escola, olhe é preciso que a gente comece o trabalho, eu vejo sempre o professor. Eu atribuo a família, ao próprio professor e a estrutura em si da escola, infelizmente, o professor da 1ª. série, ele diz, não a criança, aí a gente tem um exemplo de professor que diz a criança.... meus alunos são pequenos não fazem isso, num podem fazer um texto, não podem interpretar um texto, não é bem assim, eu acho que você já começa lá no pré-escolar com interpretação, eu entendo assim, é com interpretação, com leitura, com... o que a criança, ele começou, ele vai chegar na 4ª. série preparado e eu me sinto assim, como se eu estivesse falando outra língua que o aluno não entende, porque ele se habituou aquele sistema, só no quadro, só no livro e questão de leitura de mundo, de interpretação ele não sabe fazer e você termina reprovando o aluno por causa disso. Então é uma série de fatores e eu acho que essa história vem bem além, quando nós tínhamos aquele plano lá, que começou a história: não pode reprovar aluno, você lembra muito bem isso do município, que foi a febre né? O aluno sentou, o aluno é... senta bem, ele sabe ler alguma coisa, sem ter nenhuma interpretação, mas ele tem condições de passar. Muitos diretores foram até lá no diário, se você não passava, ele ia e passava, aí está estourando agora, por isso que hoje nós temos alunos na 5ª., na 6ª. na 7ª. série que não sabem ler e nem escrever, não sabem fazer nem um bilhete e isso eu acho...olhe triste e a gente fica preocupado com essa questão, que aluno nós estamos mandando, pelo menos eu me preocupo com a avaliação, que aluno eu estou mandando para a 5ª. série. E sempre vem aquela culpa: o que foi que a professora da 4ª. série fez, porque acha que na 4ª. ele vai aprender tudo que ele não aprendeu, durante os 5 anos lá né? Começa no pré-escolar. Então eu acho que são três coisas que fazem... o não acompanhamento da família, nós sabemos disso, isso é uma causa seriíssima né? Bota o aluno lá como se a escola fosse um reformatório, ele não acompanha, a família não vem na escola saber como o aluno está, mas muitas vezes vem pedir, não... mas meu filho tem que passar, mas passar como? Que qualidade esse aluno tem para ir para uma 5ª. série, então é uma faca de dois gumes, eu acho, aí vem a questão da não estrutura da escola, muitas vezes o professor que está lá numa série de alfabetização, ele não está preparado pra isso, ele não tem nenhuma condição pra está lá aí vem essas questões e ele não quer, ele começou... ele não tem nenhuma responsabilidade, ele não tem nenhuma responsabilidade de fazer as tarefas, de querer, eu acho que a escola fica ainda muito além do que nós queremos e de toda a família.

O QUE TE FAZ PENSAR QUE A FAMILIA EXERCE UM PAPEL TÃO IMPORTANTE PARA O SUCESSO OU INSUCESSO DO ALUNO?

Olhe, eu acho, eu pelo menos faço um diagnóstico que sem a família eu não sou ninguém e se me jogam lá na escola e não dão nenhuma importância a mim, então eu jamais vou ter a

responsabilidade de cumprir o que eu quero. Então hoje o aluno muitas vezes vai para a escola pela questão da merenda escolar, da bolsa escola. Da bolsa escola, a responsabilidade dele é isso, porque se ele não for a escola vai denunciá-lo e ele vai perder e esse bolsa escola não é para comprar material para a escola, muitas vezes é pra comprar cachaça para o pai né? Nós sabemos, eu pelo menos conheço que tipo de família tem meus alunos, eu já trabalhei na Vila Nova e conheço cada um. Essa família é desestruturada, o pai bebe cachaça, a mãe bebe, o pai as vezes tem 2 ou 3 mulheres na mesma rua, na mesma casa e isso cria um... que responsabilidade esse pai vai ter de ir lá e nós temos... é diferente o aluno que é acompanhado pelo pai pela mãe o rendimento dele é bem melhor é nos temos resultados bem melhor quando a família acompanha, porque eu acredito numa escola quem caminhe com a comunidade eu não acredito numa escola isolada, faz 25 anos que eu digo isso, que escola não pode acompanhar isoladamente, então se a família vem lá e participa, então são responsabilidades divididas. E eu sempre costumo dizer isso nas reuniões, gente se você acompanha os filhos de vocês então minha tarefa vai ser bem menor, porque eu não posso fazer tudo, a escola não pode fazer tudo. Porque a educação é uma continuidade do que vem de casa, mais nós passamos 4 horas é... educando, encaminhando é ensinando e a família termina tirando tudo isso que o aluno levou da escola.

E COM RELAÇÃO AO PROFESSOR QUANDO VOCÊ DIZ QUE UM DOS FATORES QUE CONTRIBUI PARA O FRACASSO ESCOLAR TAMBÉM É O PROFESSOR, QUAL A RELAÇÃO QUE VOCÊ FAZ?

Olhe eu acho o professor do município pela a ... que se tem ai, a estrutura do município da de é... de inovar esse professor de estudar de ele estar lá toda semana fazendo cursos de proletramento, de PROFA, de Parâmetros Curriculares, ele tem nas mãos a bagagem, só que muitas vezes ele ta lá por uma obrigação, ele se acha obrigado a ir para o departamento e se ele não for vai ser descontado e o que ele ver lá, ele não põe em prática e eu fui até convidada nesse último departamento para fazer uma avaliação de língua portuguesa e eu disse o material é ótimo, se nós aplicássemos vamos dizer 30% daquilo ali na sala de aula, nós teríamos ótimos resultados, mas infelizmente o professor acha que é uma besteira, que ta indo ali, que tem abuso daquilo ali... então não é uma coisa que ele quer, que ele sente necessidade de fazer ta certo e eu disse a eles: olhe tem muita gente que gostaria de está aqui no nosso lugar, porque você ta aprendendo, é um curso muito bom, se a tutora que está lá deixa a desejar, então vamos buscar juntos, eu acho que o caminho é esse ta certo, vamos lá dizer que não está dando certo, vamos dizer que não estamos gostando da metodologia e ai a gente melhora, eu acredito... porque o problema do município não é... não é... vamos dizer... o professor tem caminho pra chegar la, ele tem bagagem, ele faz departamento, ele está sendo treinado todos os dias para... mas muitas vezes ele não, porque ele está naquele mundo que acha que é só dar o que está nos livros e acabou. Pelos menos eu já tive essa avaliação também em minha escola, eu acho que ele tem culpa, a culpa é nossa, porque muitas vezes ele apresenta um trabalho belíssimo, mas não foi o aluno que fez e eu acho isso, eu costumo dizer, eu disse na escola e disse no proletramento: vamos falar a verdade, que com mentira não vamos chegar alugar nenhum, e eu digo: tanto o diretor mente como o professor. Ta tudo bem? Nós sabemos que a educação não está bem, que o aluno não está aprendendo o necessário, como é que nós estamos bem, não é?

COM RELAÇÃO A ESCOLA, QUAL A RELAÇÃO QUE VOCÊ FAZ DESSA FALTA DE ESTRUTURA DA ESCOLA COM O FRACASSO ESCOLAR?

Olhe, a escola não está bem estruturada, veja bem, nós não temos uma biblioteca na escola, eu acho que nós temos 2 escolas no município que tem biblioteca montada, quando tem o espaço não tem o acervo, não tem os livros necessários, quando tem e eu acho que falta uma estrutura melhor nas salas de aulas. Nós temos uma escola modelo hoje em Cajazeiras e que todas as escolas poderiam ter, por que não uma estrutura daquela para todas as escolas? E o diretor acha que eu estou jogando uma escola contra a outra, mas não é isso, eu acho que o nosso espaço deveria ser aquele, se eu não tenho uma biblioteca, se tenho livros, mas não tenho um espaço para levar o meu aluno pra lá, ta certo, e nós sabemos que a leitura é o ponto chave da educação, se o menino não lê, muitas vezes nem o professor lê, como é que eu vou ter condições de levar o meu aluno a lê ou incentiva-lo para que ele leia né? Então as nossas escolas não têm essa estrutura ainda, então eu ainda acho que a escola faz de conta, faz de conta que ensina, o aluno faz de conta que aprende, ou prefeito faz de conta que paga, infelizmente isso é muito velho, mas é o que está sendo aplicado.

COMO VOCÊ IDENTIFICA EM SUA SALA DE AULA O FRACASSO ESCOLAR?

Eu identifico com diagnóstico, eu costumo fazer um diagnóstico com meus alunos e eu sempre percebo, sabe, qual é causa, agora mesmo esse ano não foi tão grande assim, eu tive 7 alunos, só 7 não conseguiram chegar, mas ai, os 7, teve uma menina com 13 anos que teve uma relação sexual e foi quase estuprada e teve que desistir certo, eu tenho outra que foi embora, outra que vinha para a escola que vinha para a escola e passava direto e não entrava e isso eu chamava os pais pra conversar, mas não resolveu, então esses pequenos problemas que são enormes e que na prática vão estourar né? Então eu sempre faço essa análise. Na escola eu converso com o professor da série anterior pra saber a dificuldade do meu aluno que eu vou pegar, porque eu tenho que me preparar, como eu também quero fazer isso com os professores da 5ª. série, onde é que meu aluno vai lá, onde é que está a dificuldade dele, porque eu acho que a gente faz essa troca porque a gente vai ver o problema no inicio do ano, então a gente vai resolve-lo, então eu que esse diagnóstico também é importante para que a gente possa resolver o problema, mas nem todo mundo faz isso, nem todo mundo ta disposto a fazer isso.

COMO VOCÊ TRABALHA NO SENTIDO DE SUPERAR O FRACASSO ESCOLAR

Eu... eu trabalho, eu acho que você só supera se você for onde está esse problema e você ir ate esse problema, o problema da falta de leitura... esse menino que eu tinha na 4ª. série e não lia, ou você faz, ou você lê com ele ou ele não consegue ta certo, então o que era que eu fazia com ele, todos os dias eu trazia esse menino pra mim e lia com ele e ele conseguiu, eu acho que foi a maior vitória que eu tive esse ano, certo? Consegui e ate passou, dava livros pra ele levar pra casa, livrinhos de contos, que é mais fácil, então hoje ele está lendo. Então eu acho que por ai, agora de você tem um menino na 4ª. série e ele não lê e você vai fazer aquela leitura compartilhada, ele não vai conseguir nunca, ou então porque ele não lê, eu passo dele, porque tinha vergonha também, porque estava na 4ª. série e não sabia lê, ele tava pela manha e foi pra tarde e a professora chegou a dizer você não vai conseguir, ele não vai lê, eu disse: vai, ele vai lê, ele é inteligente, ele faz as tarefas, faz todas as tarefas de matemática, a questão dele é só a questão de leitura, ele tinha vergonha e o professor passava por ele, então eu acho que quando você descobre o problema e sabe qual é e você vai resolvê-lo, seja qual for, se é alfabetizar, então vamos alfabetizar, eu digo se é alfabetizar, então va alfabetizar seu aluno, porque se você não for, não voltar um pouco não acompanhar esse aluno, você não vai alfabetizar nunca, vai terminar reprovando todo mundo, ta certo? Então eu acho que é você detectar o problema e tentar resolvê-lo, eu acho que não tem outra fórmula, se eu fingir que esse problema não existe, que ele não está existindo, eu não vou conseguir supera-lo nunca e esse

ano eu faço uma avaliação, foi um ano que eu consegui uma vitória, em fazer com que esse aluno é aprendesse a lê.

VOCÊ SENTE DIFICULDADES EM LIDAR COM O FRACASSO ESCOLAR?

Eu sinto, eu sinto dificuldade e angústia, eu fico angustiada, porque eu sempre sonhei com uma educação melhor, com alunos ta ai super preparados, com alunos que pudessem ter leitura de mundo, com alunos que pudessem interpretar, com alunos que tivessem realmente...pra que hoje a gente tivesse essa segurança, eu... eu sinto dificuldades nisso, porque eu posso resolver o problema do meu aluno, mas os outros, eu não vou me preocupar só com a minha sala, então é um mundo dentro da escola, que você ver os problema que estão existindo e tem pessoas que não estão nem ai, que não tem essa visão. Ah, eu estou ganhando pouco e eu sempre digo: vamos separar as coisas, a minha luta sindical, a minha luta por salário é a parte do que eu estou fazendo na escola, eu tenho o compromisso com o meu aluno e com a comunidade e esse compromisso é bem alem, eu que tem “enes” problemas, mas, os problemas a gente vai resolvendo aos pouco, mas eu acho que o problema maior é a questão do fracasso escolar, porque quando você ver que esses 7 que ficaram comigo, que não tiveram condições de chegar la, porque realmente eu já sabia, eu já tinha detectado o problema e sabia que não tinha condições, porque não era só, é a questão da leitura, é a questão de interpretação, é a questão das quatro operações que não sabe, não sabe resolver os problemas, então uma pessoa dessa não pode ir para a 5ª. série, eu também do outro lado seria irresponsável se passasse e os pais acham que fui irresponsável por deixa-los, então você tem que assumir essa postura. Eu tenho consciência, me sinto angustiada com a questão do fracasso escolar, porque é muito ruim pra mim como profissional, para a escola, pra a educação em si, então assim, você que é educadora, você sonha, tem sonho de melhorar, de ver uma educação melhor, tudo nesse país só melhora se passar pela educação né? Tudo, todo ser humano e quando a gente não faz um bom trabalho isso angustia, é um fracasso não só da escola e do aluno, mas meu também como profissional.

O QUE VOCÊ SABE SOBRE O PERFIL SÓCIOECONOMICO DO SEU ALUNO?

Péssimo, de miséria, muitas vezes, olhe, tem coisa na escola, tem dia que você não consegue se não tiver merenda você não consegue nem dar aula, porque tem muita gente que nem almoçou. Então eu também vejo, eu também sei dessa questão econômica dos meus alunos, tem gente que não consegue, não tem mesmo, não são todos, é... tem alguém que é uma classe média baixa e tem o que comer, mas tem aqueles que é periférico mesmo. E isso é preocupante porque nem sempre na escola tem merenda, melhorou um pouco agora que estava servindo fruta, mas o aluno a gente percebe que ele não tem um lápis, porque muitas vezes o dinheiro da bolsa escola é pra comprar alimentação, tem muitas outras coisas ai, é muito difícil, porque ninguém consegue também raciocinar com fome. Infelizmente e muitas vezes nós temos ainda a questão do alcoolismo, da droga, do tabagismo, todas essas questões pesam dentro do... do, desse perfil, porque muitas vezes ele que tem esse costume de fumar ele deixa de comer, de comprar um pão para comprar o cigarro né? Isso tem a questão da prostituição infantil que está se alastrando dentro da escola, que você não consegue como resolver esse problema, eu vi isso com adolescente dentro da minha sala, mesmo que você converse, que você diga é por aqui, mas ai aconteceu com minha aluna, tanto que ela com 13 ano com um cara de 36 teve a primeira relação com ela, casado, ai ta o angu, a família tira da escola, a menina está la e não consegue lidar, eu acho que isso também é a questão sócio econômica que leva e um dos índices que mais alto hoje é a prostituição na periferia, está na Vila Nova, está no Cristo, esse diagnóstico é alarmante e a questão das drogas, os meus

alunos dizem eu conheço maconha, crac, o pessoal está lá, assim... então isso é preocupante para gente, é preocupante, daqui a pouco está dentro da escola.

QUAL A RELAÇÃO DE TUDO ISSO COM O FRACASSO ESCOLAR?

Muita, porque se a menina se prostitui ela não volta pra escola e se ela voltar ela não quer nada porque ela tá explorando a sua sexualidade, ela tá achando que o mundo é dela, ela tá achando que aquele homem é tudo pra ela, que ela tá sendo desejada, então ela não tem estrutura de está numa sala de aula pra estudar, ela quer o mundo... aí pra você resgatar esse aluno é difícil né? Tanto tem a menina, como tem o menino, porque se ele se enveredou pelo caminho das drogas também tá se prostituindo, questão do homossexualismo, também tem o preconceito que vai aflorar dentro da sala que o menino acha que ele está sendo discriminado, que a escola não está preparado pra essas coisas, venhamos e convenhamos. Eu acho isso sabe, todo esses problemas é... um emaranhado de problemas que vai mexer com a questão cultural, educacional e social, vai mexer com toda essa estrutura, com a evasão da escola, com a questão da reprovação, então é um mundo que não tem como resolver tantos problemas, na verdade a escola não tem tanta estrutura pra absorver tanta coisa e resolver o problema. A escola continua sendo inadequada para as classes populares, porque veja bem, o Conselho da escola não funciona como deveria, porque é um órgão que está lá, o Conselho Tutelar não faz uma parceria com os Conselhos da escola pra fazer um acompanhamento, a própria direção não tem uma estrutura, muitas vezes se choca, acha um absurdo aquilo certo, e a escola não está preparada essa classe que está aí, pra essa evolução e aí eu acho que deve ter uma nova estruturação pra que isso aconteça, poderia ter, é... vamos dizer Conselho, formar dentro das escola um grupo de jovens poderia ser uma solução, porque aí poderia acompanhar, mas escola não vai investir um professor pra acompanhar isso né? Poderia ser um professor para dar aula de sexualidade, que não tem, que é necessário, que todo aluno está se descobrindo e o professor não quer falar muito com vergonha, muitas vezes não está preparado pra isso. Então é um emaranhado de problemas acontecendo, eu vejo assim, a sociedade tá, a sociedade que nós temos, a questão cultural dos bairros é horrível, hoje você não acha mais ninguém que venha pelo menos com aquela educação básica que peça “por favor e obrigado”, ninguém quer mais falar isso né? Ninguém quer, porque ele não foi acostumado a usar isso na fala dele, ele come muitas vezes joga o prato lá no chão, dentro do mato, você sai catando os pratos jogado no chão, a questão do lixo dentro da escola, que ele também não foi educado pra jogar o lixo no lixo, certo, então faz esse projeto na escola, mas é só naquela hora, a própria escola ainda não preparada como armazenar esse lixo, então são inúmeras coisas, eu não posso dizer que essa escola é adequada.

ENTREVISTA 09
ESCOLA A
PROFESSORA DA 4ª. SÉRIE

EU QUERIA QUE VOCE FALASSE SOBRE O FRACASSO ESCOLAR

Ah... o fracasso escolar é um tema tão abrangente e... fica até difícil da gente falar, porque são tantos... tantos fatores que geram o fracasso escolar pra gente ter o certo mesmo, cada um que tem a sua contribuição, tanto aluno, a escola, a família, é... o sistema né? Hoje a gente vive competindo com o computador, o computador é mais atraente que o professor, fica difícil da gente falar sobre o fracasso escolar. A gente sabe que o aluno não quer mais estudar, não tem mais aquela expectativa, nem interesse, usa a escola como uma diversão, não tem objetivo...

O QUE TE FAZ PENSAR QUE O FRACASSO ESCOLAR É UM TEMA ABRANGENTE?

Porque todos têm a sua... deixa a sua brecha como se diz, a família que não acompanha os filhos, não orientam, mesmo sendo filhos de pais analfabetos não tem aquele acompanhamento, não tem aquela preocupação, o próprio aluno que se sente desestimulado, talvez pela própria escola que estuda, o estilo de aula que ele tem, prefere está no vídeo game, numa lanhouse do que na sala de aula, a escola que não oferece condições ao aluno né? O professor que as vezes não tem o tempo pra poder estudar, se inovar, mudar as estratégias, está competindo mesmo com o computador. O sistema que tem sua falha na questão financeira, na questão salarial, são tantas coisas, por isso que é abrangente.

QUANDO VOCÊ FALA NA QUESTÃO DOS FATORES, QUAIS DESTES VOCÊ APONTA COMO SENDO OS MAIS DECISIVOS?

A família, o lar desestruturado reflete na sala de aula, reflete no comportamento dele, reflete na personalidade dele, na sua formação como cidadão, eles sentem o descaso dos pais com eles, então eu acho a família, sente falta.

QUANDO VOCÊ FALA QUE CADA UM TEM A SUA CONTRIBUIÇÃO, QUAL SERIA AI A CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR?

Seria, é... que o professor tivesse condições de ter só um vínculo, não ter essa dupla ou tripla jornada de trabalho, pra ele é lecionar numa escola só, pra ele ter o outro horário pra ele se preparar pra ele estudar, pra ele é... se inovar, mas não ele vive correndo de uma escola pra outra, questão de sobrevivência, como é que ele vai dar de conta das duas escolas, duas ou três, já vive o dia a dia pela prática que ele tem, porque eu tenho certeza que um professor novo, assim que ele começasse a ensinar ele não tinha... ele não dava aula dois horário ou dois, dar nós, eu que já tenho 26 anos, tenho experiência, já conheço, mas um professor novo não dar não, porque não tem condições. Como é que você está num horário corrido numa escola de 7 as 11 e ta noutra de 1 as 5, você vai estudar que horas? Você tem atender a um ou outro e isso ai é um problema que na minha concepção que nós tivéssemos condições de fazer opção de ficar em um vínculo só, pra mim eu acho que seria o ideal.

E A ESCOLA, EM QUE TEM CONTRIBUIDO PARA QUE SE EFETIVE O FRACASSO DENTRO DELA?

Eu acho assim, sempre no início do ano no planejamento a escola apresenta o seu plano de ação, e como a gente sabe que o plano é flexível, a gente percebe, pelo menos na escola que a gente trabalha, a gente percebe que deixa algumas atividades é...é... algumas atividades deixam de ser realizadas por conta que nós temos dois calendários, calendário da escola com as atividades da escola, porque são as datas cívicas que a gente comemora na escola e vem o calendário da secretaria, os eventos da secretaria de educação e o professor entre aspas tem que dar conta dos dois calendários e ai deixa muito a desejar no aluno a questão do conteúdo né? Eu sei que hoje tudo que você faz, você aprende, mas o aluno não leva aquele tipo de atividade como aprendizagem. Então se é uma semana de jogos, pronto de jogos, o que é que ele vai aprender, ele pode aprender o lado da formação dele, de se comportar no ambiente, a cidadania né? A ética, mas os conteúdos que o vestibular exige, conteúdo mesmo, passa uma semana sem ver e tem aluno que nem vai ao colégio onde está sendo realizado o jogo, tira a semana de jogo como férias, como folga. Esses eventos na praça que passa uma semana, pra aqueles que estão envolvidos na dança né? Eles ate saem lucrando e os que não se envolvem, que não é a maioria, então com certeza é mais uma semana, então ai, não sei... mais uma semana de folga, então ta contribuindo pra esse insucesso, ai quando você chega no final do ano que você vai fazer uma avaliação você ver que as coisas não foram cumpridas. Eu tenho um exemplo que eu fiz até reclamação no planejamento do trânsito, no ano passado nos trabalhamos um projeto sobre o trânsito, olhe foi super-organizado, trabalhou do prezinho a 4ª. série, teve palestra, teve vídeo, teve a culminância com apresentação de guarda de trânsito, carrinho, esse ano não houve nada, por que? Porque tanto evento da secretaria pra se cumprir, não teve espaço, fica você pulando, falhando porque não tem espaço, quer dizer, a feira de ciências estava no calendário, a gente não realizou por conta dessa antecipação do calendário e por ai vai até o próprio conteúdo do livro que você queria dar, mas num teve tempo, ai quer dizer, fica difícil apontar quem é... você vai abrir um leque ai, um pesa mais do que o outro, mas que todos têm o seu lado tem...

COMO VOCÊ IDENTIFICA O FRACASSO ESCOLAR EM SUA SALA DE AULA?

Pelo menos na minha, como eu digo, volto a bater na mesma tecla a família, porque esse ano eu tive a experiência de aluno que ficaram reprovados que o pai nunca compareceu na escola, as provas dos bimestres foram todas entregues no final do ano... então é como eu disse é a família é a falta de orientação, o diálogo, é o acompanhamento... ah... a família é quem continua o resto da aprendizagem dele, ele aprende primeiro em casa. Então se ele ver que em casa o pai não se preocupa com ele não ta acompanhando, não ta interessado, não vai na escola numa reunião num chamado, a questão do interesse, do acompanhamento...

E COMO VOCE TRABALHA NO SENTIDO DE SUPERAR O FRACASSO ESCOLAR?

Bom, a gente vai tentando conversar com ele, assim, mais na parte da teoria, você vai tentando, mostrando, porque desse jeito, que eles vão se prejudicar, cobra, manda chamar a família, os pais, avisa, explica e tenta mudar também na prática, como eu disse é a questão do tempo, você pode pensar, querer mudar, você vai ver que tudo é o tempo, eu sei que o tempo é questão de preferência, mas você tem que, pelo menos no meu caso, eu... eu não sei se é porque eu trabalho os três horários eu não me sinto assim com condições de, eu não me vejo, eu tenho vontade, sinceramente, mas não me vejo com condições, o tempo é muito corrido pra corrigir prova e tudo, pra estudar, até porque a noite está em sala de aula, a tarde e a noite está em outra escola. É como eu digo é questão da prática, da experiência e não do imprevisto, a experiência que já tem adquirida no magistério.

VOCE TEM DIFICULDADE EM LIDAR COM O FRACASSO ESCOLAR?

É as vezes eu fico me questionando assim: meu Deus será que eu não to mais sabendo, será que eu não estou falando a língua do meu aluno, a gente fala, a gente mostra e na hora de cobrar a gente não ver, pelo menos na maioria aquilo que você esperava de retorno né? Porque eles são muito alheio, você ta falando, você ta explicando e eles não... é o interesse, não existe interesse deles, não chama a atenção, o que chama a atenção é fofquinha, é a novela, é um cantor novo, é uma musica nova, mas o conteúdo em si, o alunado hoje, a maioria não se interesse, a maioria, a não ser aqueles que querem aprender, mas a maioria você ver que não tem... que não questiona, que não perguntas, sei lá, eu acho assim muito pacífico, não é aquele aluno questionador que tem sede de saber. A gente ver assim, a maioria dos alunos dizem: ah... eu só venho para a escola porque pai manda... ah... pela bolsa escola, você não ver assim sentir prazer pela escola e fica falando assim: a escola tal tem isso e aqui não tem né? Do lado assim da recreação eles dizem: a escola tal tem jogos aqui não tem, escola tal tem computador aqui não tem... então...

A QUEM VOCÊ ATRIBUI ESSE DESINTERESSE DOS ALUNOS?

Eu acho ate, assim... porque eu me lembro que dois anos atrás naquele evento lá do CAIC que o prefeito falou que todas as escolas iam receber computador e isso ainda não chegou a nossa escola, quer dizer, o computador está ai, qualquer criança manuseia, mas na escola que era pra ter né? Pra que o aluno se interessasse mais, pra chamar mais a tenção dele, não tem, então a escola está assim atrasada e eu vejo que vai demorar muito pra acompanhar, é muito lento o compromisso que o estado, sei lá, o município com a educação. Outras entidades funcionam mais rápidas, mas na educação e tudo para a educação é mais lento, é mais difícil... para ser reformulado.

O QUE VOCÊ SABE DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DO SEU ALUNO?

De um modo geral, assim, que é uma clientela pobre, que é uma clientela carente, a maioria... a maioria são filhos de pais separados, moram com a avó, mora só com o pai, mora com a mãe, vivem em atrito, a gente ver que não tem essa formação, assim, pela conversa dele que a gente escuta, são crianças assim, sei não são crianças muito carentes tanto afetivamente, como financeiramente.

COMO ISSO TEM CONTRIBUIDO PARA O FRACASSO ESCOLAR, OU SEJA, PARA QUE O ALUNO SE EVADA OU SEJA REPROVADO?

Eu acho assim, que começa da alimentação de casa, pelos pais, pela própria alimentação, tem aluno que vai para escola só pensando na merenda, tem aluno que quando não tem merenda pede pra ir embora que ta com fome, que ta com dor de cabeça e a gente ver assim no semblante de alguns alunos como se estivesse com fome, olha assim pra você como se estivesse só o corpo presente e a mente viajando, não tem ,não tem querer, eu não sei o que é isso, eu queria saber, eu queria até descobrir por que? E a gente questiona em encontros, nos cursos de formação, é em escola particular, eu sei que em escola particular os pais cobram, os pais acompanham, mas mesmo assim ainda existe aquele desinteresse, até porque eles vivem sobre pressão na escola particular, na pública não, deixa o aluno bem a vontade.

DIANTE DE TUDO ISSO, VOCÊ CONSIDERA A ESCOLA INADEQUADA AS CLASSES POPULARES?

Não, não é que ela seja inadequada, mas deixa muito a desejar, a gente ver muita coisa, se a gente for fazer um paralelo na escola ideal e escola real, é bem diferente da escola real que nós temos para a escola ideal, não é que ela seja, a gente sabe também que tem muitos professores bons, escolas boas, espaços físicos, até quadra e tudo, têm outras que funcionam com uma sala pra duas turmas, como é que o professor dar aula com 60 alunos, eu já vi depoimento de professores lá no planejamento, 65 alunos numa sala de aula, 1ª. e 2ª. a outra é 3ª. e 4ª., como é que um aluno desse aprende? Será que quando professor fala os alunos da outra turma estão calados? E aí né? E o sistema é daquele jeito, ele finge que paga, o professor faz de conta que ensina e o aluno faz de conta que aprende, tudo volta pra questão salarial, tem muita cobrança, mas não oferecem a maioria das vezes condições né? Até porque as coisas vêm de cima pra baixo, a escolha do livro didático, você para o CAIC escolhe um livro e quando chega na escola é outro, parece que é escolhido pela secretaria, sei lá, pelo maior número de pedidos, então... a própria condição financeira, o professor é muito mal remunerado, é tanto que ele vive em 2 ou 3 escola, a prova está aí, porque se ele ganhasse bem ele firmava num canto só.

ENTREVISTA 10
ESCOLA A
PROFESSORA DO 3º ANO

ME FALA SOBRE FRACASSO ESCOLAR

No meu entender o grande número de fracasso escolar é o descaaaaso da família em relação aos filhos. Primeiro eles tem a escola como um depósito, eles chegam aqui jogam os filhos e vão trabalhar, os filhos não querem nada, a maioria chega aqui só quer correr, brincar, fazer bagunça e espera só o momento do professor botar pra fora, pra eles irem embora, porque ele não quer nada, é destruindo, quebrando carteiras, quebrando copos, ai pega a bolsinha do jeito que leva pra casa com as atividades no outro dia você pode pegar o caderno, eu passei... por exemplo eu passei uma atividade pra casa ontem, uma pesquisa sobre o descobrimento do Brasil, qualquer pesquisa sobre o descobrimento do Brasil, uma turma de 34 alunos dois trouxeram. Então, um descaso, o problema pra mim é a família nessa parte ai. Porque eles não acompanham os filhos, ai acontece o abandono, aquela criança chega abandonar a escola.

O QUE REPRESENTA PRA VOCE O FRACASSO ESCOLAR?

O que representa é isso que eu estou dizendo pra você, que a escola não tem incentivo pra segurar aquele aluno que não quer, a gente está trabalhando... está trabalhando com um projeto chamado PACER, é ate um incentivo pra aqueles alunos que gostam quer estudar, só participa desse projeto se estiver estudando, se tiver com notas baixas, ou ele melhora ou vão ser cortados, então isso ai já é um incentivo para diminuir o fracasso né... são atividades, a gente precisaria de uma escola com um orientador para as aulas de educação física, pois nós não estamos aptos, a criança precisa de recreação, eu mesmo não lembro mais de brincadeiras de criança pra ir brincar com ele, a gente precisaria... quando tem aula de educação física é o dia que eles mais vêm pra escola. Quando é aula normal, a tendência é diminuir, cair esse número, de 34 alunos matriculados, tem 26 presente,

QUANDO VOCE DIZ QUE A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA É UM ATRATIVO PARA O ALUNO, ME FALA MAIS SOBRE ISSO.

É isso que eu disse, a gente precisa de um orientador especializado e esse projeto PACER que está dando um grande incentivo a escola, só que o projeto só pegou alguns meninos, alguns foram selecionados, o projeto seria bom para a escola toda, seria um atrativo. Você veja o Colégio Polivalente com aquelas olimpíadas que eles criaram, foi o maior sucesso, todas as escolas aderiram, inclusive as escolas particulares, foi um atrativo para diminuir o fracasso.

ENTÃO ISSO VEM PROVAR QUE ESCOLA ESTÁ FALHANDO TAMBEM?

Com certeza, são dois pilares que sustentam a criança: a família e a escola e ai estão falhando os dois, porque a gente está contribuindo com a parte teórica, a família não está fazendo a parte dela, que é o que? Obrigar aquele aluno a estudar em casa, fazer suas tarefas e falta o incentivo da escola, uma pessoa estruturada pra fazer isso, uma gincana na escola, organizar uma coisa que atraia o aluno, a merenda também não é de boa qualidade.

QUANDO VOCE DIZ QUE FALTA INCENTIVO POR PARTE DA ESCOLA, FALA UM POUCO MAIS SOBRE ISSO.

Ele não tem o incentivo, a gente faz o departamento, a gente coloca, vamos fazer a programação, mas precisaria ter uma pessoa, por exemplo, pra educação física, a tarde não tem? Que orienta, que ajuda na educação física, por que não na parte da manhã? De 1ª. a 4ª. série ter um orientador também pra nos auxiliar.

QUAL OUTRO ATRATIVO QUE VOCE COLCARIA E QUE DEPENDERIA DE VOCE ENQUANTO PROFESSORA?

Ai é muito difícil, porque eu tenho alunos que não querem nada, todo mundo conhece aqui, inclusive são taxados de trombadinha e vem para escola pra não perderem a Bolsa Escola, eu faço o máximo dentro da sala de aula, eu invento jogos eu faço discurso com eles, debates com eles, debatendo assim: quais os símbolos da páscoa, quem adivinhar vai ganhar um ponto, faço perguntas assim, divido as meninas e os meninos pra ver a disputa pra ver quem ler frase, quem ler notas, mas é o que eu posso fazer, a gente não tem mais recursos fora giz, aliás temos vídeo e DVD, mas é raro a gente usar, quando a gente precisa tá trancado, a chave não está aqui, tá não sei aonde.

QUANDO VOCE SE REFERE AOS ALUNOS DIFÍCEIS DE LIDAR, DE ALUNOS QUE NÃO QUEREM NADA, VOCE JÁ PENSOU QUE ESSAS CRIANÇAS PODEM ESTAR RECEBENDO UMA ETIQUETA OU UM RÓTULO E ISSO TEM CONTRIBUIDO PARA QUE ELE SE DISTANCIE CADA VEZ MAIS DA ESCOLA?

Esse meu aluno todo mundo deu mau informação, já foram para o Conselho Tutelar duas vezes. Eu recebi essa turma que eu estou hoje porque eu fui parabenizada o ano passado, na minha turma tinha um menino com 16 anos e já tinha sido reprovado 7 vezes na 1ª. série, ele nunca terminou o ano com professor nenhum, então quando chegou o final do ano a diretora dele olhou pra mim e me deu os parabéns e eu perguntei porque, ela disse: porque você conseguiu que José Carlos chegasse ao final do ano, eu disse bom pra mim, ela perguntou: como você conseguiu, eu disse: cheguei perto dele conversei, incentivei, que ele era um rapaz, fui conversar, dar conselho a ele e o que ele queria do futuro dele sem estudar, ai ele concluiu o ano, ele não sabe ler, ele tem muita dificuldade, mas eu conversei com a direção e disse nós vamos passá-lo, porque se a gente deixar ele mais um ano reprovado ele vai se evadir, tem o caso dele e tem o caso de Cláudio com 14 anos, ai a Diretora disse: então você vai pegar a mesma série para continuar o trabalho. Então quer dizer que o meu método de trabalho com ele tá dando certo né... com 16 anos na 2ª. série e o outro 14 e agora estou com Amanda de 14 anos, já tem 4 anos de desistente na 2ª. série, ai estou tentando fazer um trabalho de conversa, tentando conscientizar ele, mostrando a realidade a eles, pra ver se eles não desistem, eu tinha um aluno que se chamava Cláudio e ninguém conseguia trabalhar com Cláudio e eu consegui aprovar Cláudio e ele sempre me obedeceu, ai um dia eu conversando eu perguntei: por que você tem esse comportamento tão rebelde? Ai um dia ele estava de bom humor e disse: sabe o que é tia, eu já venho pra escola com raiva, a gente tá dormindo e pai passa pela rede, sacode e diz levanta, vai pra escola (em tom muito forte) ai fica sacudindo a rede, ai eu já venho pra escola com raiva, a gente pede uma coisa, ele não dá, mas não é assim não Cláudio, seu pai quer o melhor pra você, ai foi melhorando o comportamento. Tem uma mãe que acompanha as 3 filhas aqui e ela tem um problema e ele ficava dizendo as coisas com ela, eu sempre chegava junto dele e conversava só com ele, não faça isso não e no final do ano ele estava com um comportamento excelente e quando foi na prova final ele trouxe um jarro de flor e colocou em cima da mesa, eu consegui trabalhar com Cláudio.

VOCE FALA MUITO EM ALUNOS MULTIREPETENTE, NA SUA CONCEPÇÃO O QUE ISSO TEM PROVOCADO NA VIDA DESSAS CRIANÇAS E ADOLECENTE?

Traz assim um descaso da família que não tem interesse pelos filhos, tem os filhos e joga no mundo pra criar, criam soltos... ai eu acho assim nesse caso a família é muito importante, porque eu tenho a minha filha, quando eu chego em casa a noite tem tarefa e a gente vai fazer e essas outras crianças que os pais trabalham fora não tem essa obrigação, ele chegam em casa não encontram pai não encontram mãe, eles vão ter essa obrigação de fazer atividade?

MAS NA VIDA DELE ENQUANTO SUJEITO, ENQUANTO SER EM FORMAÇÃO O QUE A REPROVAÇÃO PODE PROVOCAR?

No momento ta muito bom, porque eles não têm noção da vida lá fora, como é o adulto hoje sem ter o estudo, ele não tem essa noção ainda, eles vão sentir isso futuramente na adolescência, quando quiser uma festa, quando quiser comprar uma roupa, isso ai vai ser consequência mais tarde pra ele né... isso ai vai levar a que? A tendência é o que é se juntar a algumas pessoas, é usar droga, como estão usando aqui muito fácil, tem acesso muito fácil, a roubar, a praticar outros atos ilícitos, porque ficam as margens da escola e da sociedade. Ficam com a auto-estima abalada com as sucessivas reprovações e se sentem fracassadas.

NA SUA FALA INICIAL VOCE FALOU NO DESCASO DA FAMÍLIA E A ESCOLA O QUE ELA TEM FEITO PARA QUE SE EFETIVE O SUCESSO?

O professor muitas vezes está dando sua aula normal, mas as vezes a gente perde a esportiva e bota aquele aluno pra fora, bota pra secretaria, ai eu estou contribuindo para o insucesso dele né... porque ele perde a oportunidade de estar dentro do processo ensino aprendizagem, se afastando casa vez mais as sala de aula, se ele fica em sala de aula ele está prestando atenção, debatendo. Conversando com os outros, nessa parte ai eu contribuo para o insucesso, eu reconheço, mas a gente tem que tirar aquele dali para poder trabalhar, uma turma numerosa você não consegue dar aula com aluno que se levanta pega o lápis bate na cabeça do outro, puxa a bolsa, não tem como você ficar com um aluno desse dentro da sala, bater você não pode, castigar você não pode, então só resta colocar fora de sala.

ALGUNS AUTORES-PESQUISADORES TÊM AFIRMADO QUE A FAMÍLIA POR SI SÓ NÃO É RESPONSÁVEL PELA NÃO APRENDIZAGEM DA CRIANÇA, ELA CONTRIBUI, MAS NÃO É DECISIVA. O QUE VOCE PENSA SOBRE ISSO?

Eu discordo dessa fala, porque o que eu tenho visto que a família é base, a família junto com a escola é a base, se um aluno, se um aluno tem a família desestruturada, qual é a tendência desse aluno? A tendência é desestruturar também, ele chega em casa não encontra o pai não encontra a mãe, a mãe está trabalhando, o pai é separado, foi embora, esse aluno vai fazer o que? Eu acho que a família e a escola são as duas bases principais na minha opinião.

VOCE ACREDITA QUE A ESCOLA ENQUANTO INSTITUIÇÃO TEM A CONSCIENCIA DE QUE TEM FALHADO E DE QUE TEM CONTRIBUIDO PARA QUE O ALUNO SE EVADA OU SEJA REPROVADO?

Eu acho que sim porque os grandes índices de repetentes têm mostrado, o aluno repetente demais, ele acaba desistindo e isso aí é o insucesso, agora que leva mais ao fracasso escolar é a repetência.

NA SUA FALA TEM FICADO CLARO QUE SEU TRABALHO ACONTECE MAIS DE FORMA ISOLADA, VOCE NÃO FAZ REFERENCIA A UM TRABALHO DE EQUIPE OU A UMA GESTÃO PARTICIPATIVA, FALA UM POUQUINHO DISSO.

Porque assim, quando acontece o planejamento diz assim, cada um vai realizar uma coisa na sua sala, um vai fazer isso, ou aquilo e não chega a sala da gente pra perguntar o que você está precisando? O que você vai fazer? O que foi que você já fez para ajudar, o coordenador que apoiasse, que ajudasse, não, fica tudo a critério do professor e na hora que está tudo bonitinho, pergunta o que tu vai apresentar?

E COM RELAÇÃO AO APOIO AO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM, QUANDO SE TRATA DA LEITURA E DA ESCRITA?

O apoio existe, nós temos uma coordenadora aqui, inclusive no ano passado nós fizemos 2 projetos excelente e até a secretaria parabenizou, foi um trabalho com leitura a partir de jornais, vendo todas as suas partes e os alunos participavam e gostavam de manusear, de recortar papel de reconhecer o que era reportagem, classificados, horóscopo... e os classificados eles gostavam muito, porque tinha carro e moto eles aprenderam mais rápido, então esse projeto foi excelente

NA SUA FALA, VOCE DIZ QUE O ALUNO NÃO QUER NADA, O QUE VOCE QUER DIZER COM ISSO?

E o aluno que não tem interesse em estudar, não tem interesse em ir para a escola, olhe esses três alunos da Vila Nova, eles saem de casa para ver para escola, quando todo mundo entra, eles vão embora, esse aluno quer estudar? Ele tem interesse em estudar? Não, a mãe já vem deixar ele na porta da escola, eles ficaram aqui no pátio até ela ir embora, quando ela foi embora, eles foram também, então são alunos que não tem o mínimo de interesse de estudar eles não querem, não depende da mãe, porque a mãe tem o interesse em estudar, ele diz que prefere ficar com um estilingue matando rolinha do que vir para a escola, na hora do recreio ele foge, vai embora e ninguém ver, tira a bolsinha e vai embora.

A PARTIR DISSO QUE VOCE ESTÁ COLOCANDO, PODEMOS ENTENDER QUE A ESCOLA É DESINTERESSANTE?

Não que ela é desinteressante, é porque eles não têm interesse, porque o que a escola podia fazer, já chamou a mãe, já chamou o pai, o Conselho Tutelar já alertou os pais, já conversou com eles três, já deu conselho, mas sabe o que eles dizem: eu venho para escola porque mãe obriga, por eles não vinham... (risos)

ESSA ESCOLA TEM DEMONSTRADO NOS ÚLTIMOS ANOS UM ALTO ÍNDICE DE EVASÃO E REPROVAÇÃO, A QUE VOCE ATRIBUI ISSO?

A reprovação é porque eles não querem mesmo, a gente entrava na sala de aula eles me diziam não vou assistir aula não e saíam e ficavam no pátio e gente não tem meios para obriga-los ficarem na sala, eles não querem, estão naquela fase da adolescência e não querem assistir aula.

O QUE A ESCOLA TEM FEITO PARA MINIMIZAR ISSO, PARA REDUZIR AS MULTIPLAS REPETENCIAS?

Tem tentado, coloca os alunos em sala de aula, as vezes obriga ficar dentro da sala de aula... é... faz jogos, tenta festinhas para incentivar, mas não sei o que acontece. A estrutura aqui é muito boa, tem muito espaço físico, inclusive nós temos agora uma sala de recurso, está funcionando plenamente, organizadamente, você já viu aqui ao lado, é ... toda semana ela divide as turmas, ai tem o reforço 2 vezes por semana pra aqueles alunos que são mais deficientes. Também aqueles alunos que não acompanham a série, se desestimulam e eles acabam desistindo, isso faz parte do fracasso.

E COM RELAÇÃO A GESTÃO PÚBLICA, O QUE VOCE TEM A DIZER?

Desestimuladora, no sentido salarial, no sentido pedagógico, porque nossa orientação pelo amor de Deus... esse ano não tivemos um departamento, é só cancelando, cancelando, para que serve esse departamento não é para orientar o professor? Por que não começou? E com relação ao salário é desestimulante, a gente tem direito ao deslocamento e lês tiram e tudo isso desestimulam o professor, quem vem do sítio como eu, eles tiram, não repõe, não tem valorização, então porque a gente se matar em sala de aula, pra dar nome a quem , eu sei que eu faço a minha parte, eu não falto um dia, eu dou minhas aulas direitinho, cumpro horário, não deixo de passar minhas atividades, fazer o que tenho que fazer, eu tenho compromisso, independente desses pequenos detalhes. Até na tabela de pagamento o último dia é o nosso.

QUAL A REPRESENTAÇÃO QUE VOCE TEM DESSA CRIANÇAS QUE SÃO MULTI REPETENTES, QUE CONSEQUENCIAS ISSO PODE CAUSAR NA VIDA DELAS?

E exclusão automaticamente, porque eles vão chegando a série e vêem que ali só tem alunos de 7 a 8 anos e eles já estão com 10, 11 e 12 anos, eles mesmos vão se excluindo, vão se sentido inferiorizado, então isso se desestimulam, mas ai já devem ir para a educação de Jovens e Adultos porque aquele não á o ambiente dele, porque se a gente for fazer uma brincadeira mais infantil, ele não vai querer, isso não é pra mim não, então ele mesmo se exclui, devido a idade, ao número de repetência, se a gente vai fazer alguma coisa ele diz: isso ai eu já fiz, não vou fazer não.

DE QUE MANEIRAS ESSAS DIFICULDADE ELAS SE MANIFESTMA NESSAS CRIANÇAS?

E justamente nas atividades, tanto nas atividades recreativas, como nas atividades teóricas, ontem mesmo eu estava passando uma atividade do livro, ele diz: eu não vou fazer isso não, eu já sei escrever, já sei ler, ai você fica, vai obrigar, enquanto os outros olham como se quisesse dizer: mande ele fazer, eu to fazendo. É muito difícil trabalhar com turmas heterogêneas, principalmente na primeira fase, quando é na segunda fase tudo bem, mas quando é na primeira fase, não era pra escola aceitar, era pra ter a sua faixa etária, 2ª, série até 10 anos, mas quanto mais alunos melhor para o município.

A ESCOLA ESTÁ PREPARADA PARA LIDAR COM AS DIFICULDADES, O PROFESSOR SABE LIDAR COM AS DIFERENÇAS?

Ele não está preparado, ele está obrigado a aceitar e trabalhar com essas diferenças, a gente não tem treinamento pra isso. A formação continuada, o que pude observar alguns anos atrás, era professores não qualificados, é... formou uma turma o professor podia ensinar, como eu vi aqui professor que não sabia nem conversar, assassinando a gramática, estavam em sala de

aula, esse ano eu já vi diferente, eu já vi uma excelente professora de português, um professor de história super inteligente e outros mais, eu já vi professores capacitados, quer dizer que a tendência é melhorar.

ENTÃO VOCE ACREDITA QUE A FALTA DE QUALIFICAÇÃO CONTRIBUI PARA ESSE QUADRO DE FRACASSO?

E muito, não adianta você colocar um professor semi analfabeto para ensinar, um professor com o pedagógico que não sabe nem se expressar e a criança vai perceber isso, era assim: forme uma turma que você pode ensinar, então acontecia isso, um professor leigo na sala de aula.

VOCE ACREDITA QUE O PROFESSOR AINDA ESTA APRISIONADO A UM MODELO DE ALUNO, DE TEMPO E DE APRENDIZAGEM?

Ta, concordo, porque se você pegar uma turma homogênea dar todo aquele conteúdo programado, mas como a turma é heterogênea, você trabalha com um de uma forma e vai se dedicar a outro de outra forma, eu tenho 6 alunos na 2ª. série que não sabem ler, tenho alunos que não tem a mínima noção, não conhece nem as letras, passo atividade com os outros e vou trabalhar com eles, quando posso, quando dar tempo, então isso dificulta muito e ate atrapalha, porque eu paro a atividade dos outros, porque eles chegam e diz tia que letra é essa e isso é uma das coisas mais difíceis de se trabalhar é como se cada um tivesse um tempo diferente de aprender.

VOCE ACREDITA QUE AS VARIAS ATRIBUIÇÕES DADAS A ESCOLA TEM CONTRIBUIDO PARA PRODUZIR DESERTORES E ANALFABETOS?

Eu creio que tem, porque de tanto você se alimentar de uma coisa, você acaba enjoando e um aluno repetente todos os anos, ele acaba se desestimulando, a escola precisaria de um psicólogo para fazer um trabalho de conscientização desse aluno, não é porque o aluno seja mentalmente perturbado, mas seria um trabalho de orientação, de valorização da escola. A escola fica com muitas atribuições, foi o que aconteceu o ano passado, a Secretaria de Educação joga vários eventos para serem trabalhados na escola e a gente sem poder trabalhar os conteúdos normais do dia a dia.

AGORA EU QUERIA QUE VOCE FALASSE DE VOCE FRENTE AO FRACASSO ESCOLAR

Bem, eu faço a minha parte, eu tento de todas maneiras fazer com que o aluno não fique reprovado, porque eu acho que não existe coisa pior você passar o ano todinho estudando e no final do ano ser reprovado e o que leva mais a esse fracasso é a reprovação, o descaso da família e eu incentivo, eu brinco, eu trabalho jogos com aluno já para evitar o fracasso, quando aluno falta, eu já procuro saber.

VOCE ACREDITA QUE TENHA DEIXADO DE FAZER ALGUMA COISA QUE TENHA CONTRIBUIDO PARA A EVASÃO E REPROVAÇÃO DESSA ESCOLA?

Não, eu acho que eu tenho feito a minha parte, eu acho que não contribuo para o fracasso, pelo contrário eu contribuo para o sucesso, mesmo sendo desvalorizada e com um salário...(risos).

ANEXO B : Relatório Alceste

* Logiciel ALCESTE (4.7 - 01/12/02) *

Plan de l'analyse :ENTREVIS.pl ; Date : 29/ 7/**; Heure : 23:52:43

C:\Documents and Settings\Antonia\Ambiente de trabalho\Pastas\adelaide\Geneluza
\&&_0\

ENTREVISTAS_MODIFICADAS.txt

ET 1 1 1 1

A 1 1 1

B 1 1 1

C 1 1 1

D 1 1 1 0 0

A1 1 0 0

A2 3 0

A3 1 1 0

B1 0 4 0 1 1 0 1 1 0

B2 2 2 0 0 0 0 0 0

B3 10 4 1 1 0 0 0 0 0 0

C1 0 121

C2 0 2

C3 0 0 1 1 1 2

D1 0 2 2

D2 0

D3 5 a 2

D4 1 -2 1

D5 0 0

 A1: Lecture du corpus

A12 : Traitement des fins de ligne du corpus :
 N° marque de la fin de ligne :

Nombre de lignes étoilées : 9

 A2: Calcul du dictionnaire

Nombre de formes distinctes	:	6336
Nombre d'occurrences	:	8238
Fréquence moyenne par forme	:	1
Nombre de hapax	:	5572
Fréquence maximum d'une forme	:	75

87.94% des formes de fréq. <	1 recouvrent 67.64% des occur.;
95.20% des formes de fréq. <	2 recouvrent 78.81% des occur.;
97.62% des formes de fréq. <	3 recouvrent 84.38% des occur.;
98.36% des formes de fréq. <	4 recouvrent 86.66% des occur.;
98.80% des formes de fréq. <	5 recouvrent 88.36% des occur.;
99.02% des formes de fréq. <	6 recouvrent 89.38% des occur.;
99.27% des formes de fréq. <	7 recouvrent 90.74% des occur.;

99.42% des formes de fréq. < 8 recouvrent 91.61% des occur. ;
 99.53% des formes de fréq. < 9 recouvrent 92.38% des occur. ;
 100.00% des formes de fréq. < 75 recouvrent 100.00% des occur. ;

 A3 : Liste des clés et valeurs d'analyse (ALC_CLE) :

A 1 Adjectifs et adverbes
 B 1 Adverbes en "ment"
 C 1 Couleurs
 D 1 Mois/jour
 E 1 Epoques/ Mesures
 F 1 Famille
 G 1 Lieux, pays
 I 2 Interjections
 J 2 Nombres
 K 0 Nombres en chiffre
 M 2 Mots en majuscules
 N 1 Noms
 U 1 Mots non trouvés dans DICIN (si existe)
 V 1 Verbes
 W 2 Prénoms
 X 2 Formes non reconnues et fréquentes
 Y 1 Formes reconnues mais non codées
 0 2 Mots outils non classés
 1 2 Verbes modaux (ou susceptibles de l'être)
 2 2 Marqueurs d'une modalisation (mots outils)
 3 2 Marqueurs d'une relation spatiale (mots outils)
 4 2 Marqueurs d'une relation temporelle (mots outils)
 5 2 Marqueurs d'une intensité (mots outils)
 6 2 Marqueurs d'une relation discursive (mots outils)
 7 2 Marqueurs de la personne (mots outils)
 8 2 Démonstratifs, indéfinis et relatifs (mots outils)
 9 2 Auxiliaires être et avoir (mots outils)
 1 Formes non reconnues

A34 : Fréquence maximale d'un mot analysé : 3000

Nombre de mots analysés : 6192
 Nombre de mots supplémentaires de type "r" : 86
 Nombre de mots supplémentaires de type "s" : 24
 Nombre d'occurrences retenues : 8238
 Moyenne par mot : 2.287353E-01
 Nombre d'occurrences analysables (fréq.> 3) : 1302 soit 90.668530%
 Nombre d'occurrences supplémentaires : 134
 Nombre d'occurrences hors fenêtre fréquence : 6802

 B1: Sélection des uce et calcul des données

B11: Le nom du dossier des résultats est &&_0
 B12: Fréquence minimum d'un "mot" analysé : 4
 B13: Fréquence maximum d'un "mot" retenu : 9999
 B14: Fréquence minimum d'un "mot étoilé" : 1
 B15: Code de fin d'U.C.E. : 1

B16: Nombre d'occurrences par U.C.E. : 20
 B17: Elimination des U.C.E. de longueur < 0

Fréquence minimum finale d'un "mot" analysé : 4
 Fréquence minimum finale d'un "mot étoilé" : 1

Nombre de mots analysés : 153
 Nombre de mots supplémentaires de type "r" : 5
 Nombre total de mots : 158
 Nombre de mots supplémentaires de type "s" : 24
 Nombre de lignes de B1_DICB : 182

Nombre d'occurrences analysées : 1302

Nombre d'u.c.i. : 9
 Nombre moyen de "mots" analysés / u.c.e. : 4.325582
 Nombre d'u.c.e. : 301
 Nombre d'u.c.e. sélectionnées : 301
 100.00% des u.c.e. sont sélectionnées
 Nombre de couples : 312

 B2: Calcul de DONN.1

Nombre de mots par unité de contexte : 10
 Nombre d'unités de contexte : 108

 B2: Calcul de DONN.2

Nombre de mots par unité de contexte : 12
 Nombre d'unités de contexte : 94

 B3: Classification descendante hiérarchique de DONN.1

Elimination des mots de fréquence > 3000 et < 4
 0 mots éliminés au hasard soit .00 % de la fenêtre
 Nombre d'items analysables : 92
 Nombre d'unités de contexte : 108
 Nombre de "1" : 1133

 B3: Classification descendante hiérarchique de DONN.2

Elimination des mots de fréquence > 3000 et < 4
 0 mots éliminés au hasard soit .00 % de la fenêtre
 Nombre d'items analysables : 91
 Nombre d'unités de contexte : 94
 Nombre de "1" : 1113

 C1: intersection des classes

Nom du dossier traité C:\Documents and Settings\Antonia\Ambiente de
 trabalho\Pastas\adelaide\Geneluzza\&&_0\
 Suffixe de l'analyse :121
 Date de l'analyse :29/ 7/**
 Intersection des classes RCDH1 et RCDH2

Nombre minimum d'uce par classe : 16

DONN.1 Nombre de mots par uc : 10
 Nombre d'uc : 108

DONN.2 Nombre de mots par uc : 12
 Nombre d'uc : 94

222 u.c.e classées sur 301 soit 73.75 %

Nombre d'u.c.e. distribuées: 300

Tableau croisant les deux partitions :

RCDH1 * RCDH2

classe * 1 2

poids * 191 109

1 179 * 146 33

2 121 * 45 76

Tableau des chi2 (signés) :

RCDH1 * RCDH2

classe * 1 2

poids * 191 109

1 179 * 61 -61

2 121 * -61 61

Classification Descendante Hiérarchique...

Dendrogramme des classes stables (à partir de B3_rcdh1) :

-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|

Cl. 1 (146uce) |-----+
 19 +

Cl. 2 (76uce) |-----+

Classification Descendante Hiérarchique...

Dendrogramme des classes stables (à partir de B3_rcdh2) :

---|---|---|---|---|---|---|---|

```

Cl. 1 ( 146uce) |-----+
       19              +
Cl. 2 ( 76uce) |-----+

```

 C2: profil des classes

Chi2 minimum pour la sélection d'un mot : 2.00

Nombre de mots (formes réduites) : 158
 Nombre de mots analysés : 153
 Nombre de mots "hors-corpus" : 24
 Nombre de classes : 2

222 u.c.e. classées soit 73.754150%

Nombre de "1" analysés : 944
 Nombre de "1" suppl. ("r") : 28

Distribution des u.c.e. par classe...

1eme classe : 146. u.c.e. 628. "1" analysés ; 15. "1" suppl..
 2eme classe : 76. u.c.e. 316. "1" analysés ; 13. "1" suppl..

 Classe n° 1 => Contexte A

Nombre d'u.c.e. : 146. soit : 65.77 %
 Nombre de "uns" (a+r) : 643. soit : 66.15 %
 Nombre de mots analysés par uce : 4.30

num	effectifs	pourc.	chi2	identification
21	4	4. 100.00	2.12	a_mae
35	10	10. 100.00	5.45	com_el+
37	12	12. 100.00	6.60	da_escola
41	6	6. 100.00	3.21	de_aprender
46	7	7. 100.00	3.76	do_fracasso_escolar
49	4	4. 100.00	2.12	ele_estava
50	9	10. 90.00	2.73	em_casa
53	16	19. 84.21	3.14	entao
56	14	15. 93.33	5.43	esse_ano
71	4	4. 100.00	2.12	nao_consegue
79	18	19. 94.74	7.75	na_escola
81	7	7. 100.00	3.76	na_primeira_serie
87	6	6. 100.00	3.21	olhe
90	4	4. 100.00	2.12	outras_coisas
91	4	4. 100.00	2.12	outra_coisa
101	5	5. 100.00	2.66	para_fazer
102	5	5. 100.00	2.66	para_isso
109	7	7. 100.00	3.76	para_v+
110	15	17. 88.24	4.13	para_+
113	39	51. 76.47	3.37	porque
114	5	5. 100.00	2.66	porque_acho
116	4	4. 100.00	2.12	por_conta
118	6	6. 100.00	3.21	primeiro
126	5	5. 100.00	2.66	que_esta

128	13.	14.	92.86	4.87	que_nao_tem
133	6.	6.	100.00	3.21	que_+
150	4.	4.	100.00	2.12	vamos_dizer
154 *	4.	4.	100.00	2.12 *	1 dire.
162 *	59.	77.	76.62	6.17 *	*Ida_6
164 *	121.	163.	74.23	19.53 *	*Ne_4
168 *	32.	32.	100.00	19.46 *	*Suj_03
169 *	18.	22.	81.82	2.79 *	*Suj_04
170 *	25.	29.	86.21	6.19 *	*Suj_05
172 *	28.	31.	90.32	9.65 *	*Suj_07
174 *	21.	23.	91.30	7.43 *	*Suj_09
176 *	28.	31.	90.32	9.65 *	*Tc_2
177 *	106.	129.	82.17	36.81 *	*Te_1
179 *	18.	22.	81.82	2.79 *	*Tviv2
181 *	25.	29.	86.21	6.19 *	*Tviv_2
182 *	96.	134.	71.64	5.18 *	*Tviv_3

Nombre de mots sélectionnés : 40

 Classe n° 2 => Contexte B

Nombre d'u.c.e. : 76. soit : 34.23 %
 Nombre de "uns" (a+r) : 329. soit : 33.85 %
 Nombre de mots analysés par uce : 4.16

num	effectifs	pourc.	chi2	identification	
3	4.	4.	100.00	7.83	V par+er
7	11.	15.	73.33	10.92	acho_que
8	5.	5.	100.00	9.83	alguma_coisa
10	4.	5.	80.00	4.76	aquele_aluno
14	3.	3.	100.00	5.84	ate_porque
17	14.	30.	46.67	2.38	a_escola
20	3.	4.	75.00	3.01	a_gente_sabe
30	5.	5.	100.00	9.83	como_e_que
38	7.	8.	87.50	10.46	da_familia
51	6.	6.	100.00	11.85	em_minha_opiniao
66	3.	4.	75.00	3.01	isso_e
69	3.	4.	75.00	3.01	muito_bem
70	3.	4.	75.00	3.01	nao
77	3.	3.	100.00	5.84	nao_tem_como
78	4.	4.	100.00	7.83	nao_v+
85	4.	4.	100.00	7.83	no_sentido
88	4.	5.	80.00	4.76	os_alunos
89	3.	4.	75.00	3.01	os_pais
92	7.	11.	63.64	4.44	o_aluno
93	6.	6.	100.00	11.85	o_fracasso
97	4.	4.	100.00	7.83	o_que
99	3.	4.	75.00	3.01	para_el+
125	8.	10.	80.00	9.74	que_el+
129	5.	6.	83.33	6.60	que_o_aluno
130	8.	8.	100.00	15.94	que_o_professor
135	4.	6.	66.67	2.88	sala_de_aula
138	5.	5.	100.00	9.83	se_voce
153	5.	5.	100.00	9.83	voce_v+
155 *	3.	4.	75.00	3.01 *	7 se
156 *	7.	13.	53.85	2.36 *	8 qu+
160 *	38.	88.	43.18	5.18 *	*Ida_3
163 *	34.	59.	57.63	19.53 *	*Ne_3

166 * 30. 37. 81.08 43.28 * *Suj_01
 167 * 5. 7. 71.43 4.44 * *Suj_02
 171 * 15. 18. 83.33 20.97 * *Suj_06
 173 * 13. 23. 56.52 5.66 * *Suj_08
 175 * 45. 55. 81.82 73.53 * *Tc_1
 178 * 5. 7. 71.43 4.44 * *Te_2
 180 * 30. 37. 81.08 43.28 * *Tviv_1

Nombre de mots sélectionnés : 39
 Nombre de mots marqués : 111 sur 158 soit 70.25%

Liste des valeurs de clé :

0 si $\chi^2 < 2.71$
 1 si $\chi^2 < 3.84$
 2 si $\chi^2 < 5.02$
 3 si $\chi^2 < 6.63$
 4 si $\chi^2 < 10.80$
 5 si $\chi^2 < 20.00$
 6 si $\chi^2 < 30.00$
 7 si $\chi^2 < 40.00$
 8 si $\chi^2 < 50.00$

Tableau croisant classes et clés :

* Classes *	1	2
Clés * Poids *	29	26
A *	3 *	1
M *	7 *	3
N *	16 *	7
V *	4 *	4
Y *	4 *	1
1 *	4 *	0
7 *	4 *	3
8 *	13 *	7

Tableau des χ^2 (signés) :

* Classes *	1	2
Clés * Poids *	29	26
A *	3 *	0
M *	7 *	0
N *	16 *	0
V *	4 *	-4
Y *	4 *	0
1 *	4 *	3
7 *	4 *	-1
8 *	13 *	0

Chi2 du tableau : 10.671230

Nombre de "1" distribués : 55 soit 6 %

 C2: Reclassement des uce et uci

Type de reclassement choisi pour les uce :
 Classement d'origine

Tableaux des clés (TUCE et TUCI) :

Nombre d'uce enregistrées : 301
 Nombre d'uce classées : 222 soit : 73.75%

Nombre d'uci enregistrées : 9
 Nombre d'uci classées : 5 soit : 55.56%

 C3: A.F.C. du tableau C2_DICB.121

 D1: Sélection de quelques mots par classe

Valeur de clé minimum pour la sélection : 0

Vocabulaire spécifique de la classe 1 :

na_escola(18), com_el+(10), da_escola(12), esse_ano(14), para_+(15), que_nao_tem(13),
 de_aprender(6), do_fracasso_escolar(7), em_casa(9), entao(16), na_primeira_serie(7), olhe(6),
 para_v+(7), porque(39), primeiro(6), que_+(6), acho(10), as_vezes(13), a_gente(27), a_mae(4),
 a_realidade(2), com_as_atividades(2), dentro_da_escola(6), do_aluno(2), ele_estava(4),
 esse_fracasso(1), e_assim(3), e_dificil(3), e_porque(3), isso(3), muitas_vezes(13), nao_consegue(4),
 nao_e+(7), nao_tem(10), na_quarta_serie(3), na_segunda_serie(3), outras_coisas(4), outra_coisa(4),
 o_problema(2), para_escola(5), para_fazer(5), para_isso(5), para_o_aluno(3), para_trabalhar(5),
 para_voce(3), pelo_menos(5), perceb+(3), porque_acho(5), por_conta(4), por_exemplo(5), quando(2),
 quer_dizer(6), que_esta(5), que_nao(3), sabe+(3), tambem(8), tem(5), tem_aluno+(3), trabalho(2),
 um_professor(3), vamos_dizer(4);

Vocabulaire spécifique de la classe 2 :

acho_que(11), em_minha_opinio(6), o_fracasso(6), que_o_professor(8), par+er(4),
 alguma_coisa(5), como_e_que(5), da_familia(7), nao_v+(4), no_sentido(4), o_que(4), que_el+(8),
 se_voce(5), voce_v+(5), ate_porque(3), nao_tem_como(3), que_o_aluno(5), aquele_aluno(4),
 assim(2), como_um_todo(2), nao_procura(2), os_alunos(4), o_aluno(7), toda_vez(2),
 a_gente_sabe(3), isso_e(3), muito_bem(3), nao(3), os_pais(3), para_el+(3), sala_de_aula(4), mas(7),
 a_escola(14), a_preocupacao(2), cada_um(2), de_professor+(2), em_sala_de_aula(3),
 esse_aluno(2), fazer(2), fazer_com_que(1), mesmo_assim(2), nao_pode(1), o_professor(8),
 para_outra+(2), que_a_familia(3), que_a_gente(3), vejo_assim(3);

Mots outils spécifiques de la classe 1 :

dire.(4);

Mots outils spécifiques de la classe 2 :

se(3), qu+(7);

Mots étoilés spécifiques de la classe 1 :

*Ida_6(59), *Ne_4(121), *Suj_03(32), *Suj_04(18), *Suj_05(25), *Suj_07(28), *Suj_09(21), *Tc_2(28),
 *Te_1(106), *Tviv2(18), *Tviv_2(25), *Tviv_3(96);

Mots étoilés spécifiques de la classe 2 :

*Ida_3(38), *Ne_3(34), *Suj_01(30), *Suj_02(5), *Suj_06(15), *Suj_08(13), *Tc_1(45), *Te_2(5),
*Tviv_1(30);

D1: Sélection des mots et des uce par classe

D1 : Distribution des formes d'origine par racine

Formes associées au contexte A

A4 na_escola : na_escola(18);
A3 com_el+ : com_ela(2), com_ele(4), com_eles(4);
A3 da_escola : da_escola(13);
A3 esse_ano : esse_ano(15);
A2 para_+ : para_ir(2), para_que(13);
A2 que_ao_tem : que_ao_tem(15);

Formes associées au contexte B

B5 acho_que : acho_que(11);
B5 em_minha_opinio : em_minha_opinio(6);
B5 o_fracasso : o_fracasso(6);
B5 que_o_professor : que_o_professor(8);
B4 par+er : para(5);
B4 alguma_coisa : alguma_coisa(5);
B4 como_e_que : como_e_que(6);
B4 da_familia : da_familia(7);
B4 nao_v+ : nao_vai(2), nao_ver(2);
B4 no_sentido : no_sentido(5);
B4 o_que : o_que(4);
B4 que_el+ : que_ela(4), que_ele(3), que_eles(1);
B4 se_voce : se_voce(6);
B4 voce_v+ : voce_vai(2), voce_ver(3);
B3 ate_porque : ate_porque(3);
B3 nao_tem_como : nao_tem_como(3);
B3 que_o_aluno : que_o_aluno(5);
B2 aquele_aluno : aquele_aluno(4);
B2 assim : assim(2);
B2 como_um_todo : como_um_todo(2);
B2 nao_procura : nao_procura(4);
B2 os_alunos : os_alunos(4);
B2 o_aluno : o_aluno(7);

 D1: Tri des uce par classe

Suffixe de l'analyse : 121

Clé sélectionnée : A

170 11 O currículo da escola esta organizado e atende essas necessidades.

O projeto politico pedagogico #esse_ano foi feito com a participacao dos professores, dire ao, coordenacao, porque no planejamento e lido, e organizado tem a participacao de todo corpo docente #da_escola. A distorcao de idade serie tambem preocupa muito e hoje uma das principais causas dessa situacao e a repetencia, alem de causar serios problemas na aprendizagem, a reprovacao sempre e ameaca dela ainda e a principal causa da evasao, #do_fracasso_escolar.

78 8 e dao de conta dos conteudos que estao aprendendo. ja tem outros que estao indisciplinados #porque tem a dificuldade #de aprender acham que nao aprendem por isso vai usar de outros meios para poder apresentar, para nao fazer as atividades ou nao deixarem os outros se desenvolverem bem.

191 8 sentimos a necessidade de a cada momento a cada dia mais esta proximo da teoria, do conhecimento, #porque as vezes esbarra em experiencias, em modelos de alunos, em dificuldades de alunos nas nossas dificuldades que nao tinha antes experimentado, #entao existe essa dificuldade. E seria sem graca o professor dizer que nao tem dificuldades.

220 8 esses pequenos problemas que sao enormes que na pratica vao estourar. sempre faco essa analise. #na_escola converso com o professor da serie anterior para saber a dificuldade do meu aluno que vou pegar, #porque tenho que me preparar, como tambem quero fazer isso com os professores da quinta serie, onde e que meu aluno vai,

273 8 recebi essa turma que estou hoje porque fui parabenizada o ano passado, na minha turma tinha um menino com desesseis anos ja tinha sido reprovado sete vezes #na_primeira_serie, ele nunca terminou o ano com professor nenhum, quando chegou o final do ano a diretora dele olhou para mim me deu os parabens perguntei porque, ela disse, #porque voce conseguiu que jose carlos chegasse ao final do ano, disse bom para mim, ela perguntou, como voce conseguiu,

293 8 mas ja devem ir para a educacao de jovens e adultos #porque aquele nao e o ambiente dele, se for fazer uma brincadeira mais infantil, nao vai querer, isso nao e para mim, #entao ele mesmo se exclui, devido a idade, ao numero de repetencia, se vai fazer alguma coisa diz, ja fiz, nao vou fazer nao.

298 8 tenho alunos #que nao tem a minima nocao, nao conhece nem as letras, passo atividade com os outros vou trabalhar #com eles, quando posso, quando dar tempo, entao isso dificulta muito ate atrapalha, #porque paro a atividade dos outros, eles chegam diz tia que letra e dessa isso e uma das coisas mais dificeis de trabalhar, e como se cada um tivesse um tempo diferente #de aprender.

152 7 E o aluno #que nao tem aquele estimulo de vir a escola #de aprender, de estudar, deixa de fazer as tarefas, porque diz, tia porque trabalho, tem crianca que trabalha, a mae trabalha nao procura ajudar, nao tras as tarefas, nao estuda, #nao tem quem se preocupe #com ele. porque tem aluno que muitas vezes pergunto se trouxe a tarefinha vamos corrigir, por que nao fez.

70 6 esse pai #para vir responder pelo filho o mais grave e o acompanhamento #que nao tem #em casa, que a gente pede assim que pelo menos pergunte o que foi que o filho fez hoje na escola, o que foi que ele aprendeu hoje, #que nao tem o desenvolvimento escolar suficiente para acompanhar o filho #em casa, #pelo menos se interessar pelo o que ele faz #na escola,

230 6 tambem vejo, sei dessas questoes economicas dos meus alunos, tem gente que nao consegue, nao tem mesmo, nao sao todos, tem alguem #que e uma classe media baixa tem o que comer, mas tem aqueles que sao periferico mesmo. isso e preocupante porque nem sempre #na escola tem merenda, melhorou um pouco agora que estava servindo frutas, mas o aluno, #a gente #percebe #que nao tem um lapis, #porque #muitas vezes o dinheiro da bolsa escola e para comprar alimentacao,

132 5 #primeiro o projeto politico pedagogico #da escola poderia haver uma mudanca. #para que se voltasse #para o aluno, trabalhar de acordo com a realidade do aluno, porque o que a gente ver e que a escola no todo faz a educacao juntamente com a familia,

entao_poderia haver_um_projeto que trouxesse essa_familia para_dentro #da_escola,
 138 5 trabalhar_em_cima disso_aqui, #porque nao_adianta querer_fazer_aquilo #que_nao_tem,
 tem_que_ver o_que_tem_disponivel, em_cima_disso procurar #a_realidade da_nossa_sala_de_aula,
 como_e que_esta_esse_aluno, essa_clientela. O_que_e que_vou_fazer #esse_ano.
 saber_qual_o_projeto posso_trabalhar #esse_ano para_poder_trabalhar com_esses_alunos,
 qual_o_maior_interesse_dele.

227 5 mas_os_problemas_vao_se_resolvendo_aos_pouco, mas_acho que o_problema_maior
 e_a_questao #do_fracasso_escolar, #porque quando_ver que_esses_sete_alunos
 que_ficaram_comigo, que_nao_tiveram condicoes de_chegar_la, realmente ja_sabia, tinha_detectado
 #o_problema e_sabia que_nao_tinha condicoes, #porque nao_era_so, e_a_questao_da_leitura,
 de_interpretacao, das_quatro_operacoes que_nao_sabem, resolver_os_problemas, #entao
 uma_pessoa_dessa_nao_pode_ir para_a_quinta_serie,

33 4 contribui_muito, assim_como_ja_falei, se_a_escola ainda_nao_acompanha,
 a_questao_do_mundo da_realidade_dele imagine_voce_so_pegar a_metodologia_todo_dia
 e_a_mesma_coisa, entao_o_quadro, so_escrevo_no_quadro, so_faco_isso, vai_corrijo_isso,
 se_voce_nao_traz uma_metodologia_que_atrai, vai_ficando_cada_vez_pior, vai_ter_menino
 que_vai_passar_duas_tres_semanas_sem_vir_na_escola, nao_esta_nem_ai, #porque #a_gente
 sabe_muito_bem, como_a_estrutura #da_escola_nao_oferece_muitas_coisas, um_parque,

97 4 #para_fazer que_aquela_crianca_desenvolva_realidade_no_sentido_que_seja_mais_formal,
 saber_oude_e_que_vai_mudar, na_linguagem_que_e_tratada #em_casa a_linguagem_que
 e_absorvida_na_escola, em_que_momento em_que_ambiente_aquela_linguagem. E_um_aspecto,
 cabe_ao_professor_adequar_a_nossa_linguagem_ao_do_aluno #para_que_ele_venha_entender.

235 4 tanto_tem_a_menina, como_tem_o_menino, #porque se_ele_se_enveredou_pelo_caminho
 das_drogas #tambem_esta_se_prostituindo, questao_do_homossexualismo,
 tambem_tem_o_preconceito_que_vai_aflorar_dentro_da_sala, que_o_menino_acha_que
 esta_sendo_descriminado, a_escola_nao_esta_preparada_para_essas_coisas, acho_isso,
 todos_esses_emaranhados_de_problemas_que_vao_mexer_com_a_questao_cultural,
 educacional_social, com_toda_essa_estrutura, com_a_evasao #da_escola, com_a_questao
 da_reprovacao,

271 4 que_orienta, que_ajuda_na_educacao_fisica, #porque_nao_na_parte_da_manha.
 de_primeira_a_quarta_serie_ter_um_orientador_tambem_para_nos_auxiliar. E_muito_dificil,
 porque_tenho_alunos_que_nao_querem_nada, todo_mundo_conhece_aqui, inclusive_sao_taxados
 de_trombadinha_vem_para_escola_para_nao_perderem_a_bolsa_escola, faco_o_maximo
 dentro_da_sala_de_aula, invento_jogos_faco_discurso #com_eles,

82 2 #para_que_se_interesse_conversar_com_os_filhos, pergunte_se_tem_atividade_de_casa
 #porque_geralmente_nos_outros_anos_era_dificil_a_crianca_vir_com_as_atividades_feitas,
 evitava_mandar, porque_vinha_do_mesmo_jeito, o_que_tinha_de_trabalhar, trabalhava_em_sala,
 nao_tinha_essa_colaboracao_da_familia, claro_que_tinha_as_execcoes, um_ou_outro_ainda_pedia,
 ja_esse_ano_coloquei_mesmo_as_atividades_de_casa_uma_boa_parte_vinha_com_a_atividade_feita,

Suffixe de l'analyse : 121

Clé sélectionnée : B

40 24 #como_e_que_trabalha_jogos_na_hora_do_recreio #se_voce #nao_procura
 organizar_a_disciplina, as_pancadarias, se #nao_procura_dar_outras_oportunidades,
 outros_brinquedos_para_brincarem_no_recreio. voce_sabe #que_o_professor_nao_trabalha_sozinho,
 voce_tenta_fazer_um_dia, voce_consegue, mas_no_outro_dia_quem_vai_ser_responsavel
 para_fazer_isso, #acho_que_tem_que_ter_um_rodizio, deve_ter_uma_continuidade,

43 19 #nao_se_atrai_por_ela, #nao_ver #alguma_coisa_que_atrai. E_assim, #a_gente_sabe
 #muito_bem #que_o_professor_como_ele_e_uma_pessoa_que_procura_trabalhar_em_outros_lugares,
 procura_preencher_o_seu_tempo_para_conseguir_sobreviver, #a_gente_sabe_que_fica
 muito_pouco_tempo_para_que_voce_realmente_conheca #cada_um_de_seus_alunos,
 onde_eles_moram, onde_vivem, com_quem_vivem, se_tem_alguma_condicao, financeiramente.

22 18 #como_e_que_esta_lidando_com_esse_conhecimento, porque_acarreta_outros_problemas,
 porque_se_voce_conhece, #aquele_aluno_tambem_nao_desenvolve_ele_nao_aprende. porque_voce
 esta_fazendo_de_conta_voce_nao_quer_ter_trabalho. tem_e_muito, #em_minha_opiniao,
 e_o_que_venho_dizendo, venho_batendo_na_mesma_tecla, enquanto_se_trabalhar #a_escola
 distante_da_comunidade, #da_familia, #acho_que_muita_coisa_nao_vai_andar,

42 14 vai gerar #o_fracasso, quando_se_ver_a_aprendizagem_vai_para_baixo, porque_como_e
 que_voce_consegue_trabalhar_atividades_relacionadas_as_dificuldades_com_toda_uma_sala
 sem_parar, #nao_tem_como, #como_e_que_consegue_que_um_aluno_respeite_um_colega

de_outra_sala, se_nao_trabalha_isso, vai_desestimulando eles_vao_achando que_isso_aqui nao_vai_mudar_mesmo quando_chegam muitos_deles na_metade_do_ano_se_evadem_nao_vem_mais_a_escola,

108 14 diretamente dentro_da_sala_de_aula nos_nao_tinhamos. para_o_sucesso a_gestao_dessa_escola tem_ajudado_muito #no_sentido de_receber #os_alunos #muito_bem, #no_sentido de_nao_haver_discriminacao, ela_trata_o_aluno como_gente, como_eles_merecem, dando_tudo_dela no_que_precisa, vai_a_busca, ela_vai_atras, o_que_for_ao_alcance_dela ela_conseguiu. para_o_insucesso_acho #que_ela_deveria_impormais_regras.

180 14 mas_sabe_se que_todos os_membros_da_escola sao_participantes dessa_aprendizagem, sao_membros_importantissimos para_a_evolucao do_processo ensino_aprendizagem, entao se_um_membro_nao_e_eficaz, nao_desenvolve_o_seu_trabalho com_o_potencial_desejado, e_claro que_vai_existir #o_fracasso, pontos_falhos no_processo e_no_final_da_reta, no_final do_ano_letivo nos_vamos_colher_o_fracasso, nao_por_reprovar #os_alunos, mas_o_fracasso #como_um_todo.

205 14 sempre vem_aquela_culpa, o_que_foi que_a_professora da_quarta_serie_fez, porque_acha_que na_quarta_ele_vai_aprender_tudo #que_ele_nao_aprendeu, durante_os_cinco_anos. comeca_no_pre_escolar. #acho_que_sao_tres_coisas o_nao_acompanhamento #da_familia, nos_sabemos_disso, #isso_e_uma_causa_serissima.

183 10 compreendo que_a_sala_de_aula_no_espaco_da_escola_e_o_lugar_oude se_aprende_muito, mas_toda_vez_que_a_gente_identifica que #o_aluno_nao_conseguiu_chegar ao_objetivo_desejado, nao_quer_dizer que_ele_fracassou, esta_num_processo de_aprendizagem, entao_esse_fracasso_e_muito_forte_dizer #que_o_aluno_fracassou, e_uma_questao_muito_particular.

13 6 porque se_nao_for_assim #nao_vai_a_lugar_nenhum. #acho_que #no_sentido de_incentivar, que_o_incentivo_e_so_no_sentido_de_dizer_vai_para_escola, e_como_se_fosse_uma_norma que_tem_que_seguinter, vai_ter_que_ir_para_escola, mas_nao_mostra_o_porque_vai_ter que_ir_para_escola, o_porque_e_bom_ficar_na_escola,

30 6 voce_tem_trinta_alunos, nao_dar_para_mudar_os_trinta, #nao_vai_procurar_fazer o_que_imagina_fazer_com_os_trinta, mas_com_cinco_ja_vale_a_pena, e_isso #que_a_gente_tem_que_pensar, somos_responsaveis_pela_aprendizagem_do_aluno, temos_que_tentar_tracar_um_caminho, que_nesse_caminho_seja_cheio_de_surpresa #para_ele, #isso_e_o_que_imagino, so_que, e_meio_complicado #fazer.

196 6 #toda_vez_que_me_preocupar #que_o_aluno_tem_aquele_perfil, que_comecar_a_dizer que_nao_aprende_porque_e_um_aluno_de_periferia, nao_aprende_porque_as_questoes_socio_economicas_interferem, isso_nao_e_bom, o_que_seria_bom #para_os_nossos_alunos_seria nos_envolvermos_com_a_turma, encararmos_a_nossa_responsabilidade, isso_ja_temfeito, e_tanto que_as_conversas_depouimentos_nos_cursos_de_formacao, a_gente_escuta, isso_ja_acontece,

10 5 E, acho_que_ainda_no_sentido #assim, de_exercer_um_papel_autonomo, #acho_que a_escola_ainda_caminha_no_sentido_contrario_ela_so_obedece, ela_ainda_esta_naquela_historia de_que_vem_da_secretaria, de_que_vem_de_longe_que_a_gente_sabe, do_mec_vem_as_coisas_e_que_a_gente_sabe_muito_bem_que, claro_que_vai_ter_que,

12 5 a_realidade_dele_sao_essas. E, #em_minha_opinio, essa_autonomia_contribuira_muito, porque_quando voce_estuda_uma_determinada_coisa, #o_professor_tem_que_ser_um_pesquisador como_tambem_a_escola, porque_a_escola_nao_e_so_o_professor, inclui_a_gestao, inclui_tudo, entao_quando #voce_ver_que_aquilo_ali_nao_vai_dar_certo, voce_tem_que_ter a_autonomia_de_descartar_procurar_a_partir_daquilo_modificar_para_poder fazer_com_que_a_escola, os_alunos_caminhem_se_integrem_dentro_dos_projetos_das_acoes,

24 5 mas_que_deveria_ter_uma_lei_sobre_isto, procure_integrar_os_pais_desse_aluno, porque_se_nao_o_filho_e_aquela_estoria_vai_passando_a_educacao_vai_ficando_cada_vez_pior. #em_minha_opinio_contribui_muito, o_que_me_faz_pensar_e_quando_trabalha_na_escola #voce_ver_as_decisoes_sendo_tomada_por_si_propria_pela_gestao_sem_consultar_os_professores sem_parar_para_poder_sentar_ver_isto_aqui, vamos_tentar #fazer,

25 5 sera_que_isto_vai_dar_certo, sera_que_nao, o_que_voces_acham. outra_coisa_tambem que_vejo_muito_a_questao_esta_na_gestao, deve_ter_algum_conhecimento, deve_ter_competencia, #em_minha_opinio, era_pelo_menos_para_ter, um_curso_preparatorio #assim_vejo_muito a_politica_partidaria_entrar_na_educacao, esta_acabando_ficando_de_uma_forma que_as_pessoas_querem_uma_gestao, uma_direcao_de_uma_escola, mas_nao_vai_pelo_compromisso_de_mudar_aquilo_ali,

29 5 o_professor_tem_muita_formacao_que_nao_e_brincadeira, o_conhecimento, a_gente_nao_adquire_do_dia_para_noite #isso_e_ao_longo_do_tempo, vai_depender_muito_do_seu_interesse, nao_e_querer_mudar_tudo, mas_assim_quando voce_tem_interesse_em_mudar #alguma_coisa, melhora.

36 5 as_dificuldades que_encontro sao_muitas, mas_a_maior e_o_desinteresse_deles, a_ajuda_que vejo as_vezes me_sinto_perdida, vejo_a_escola #nao se_faz so_com_professores, #nao se_faz so_com_alunos, #acho_que e_um_corpo, uma_familia, entao_se uma_parte_falha, 159 5 #se_voce nao_for um_professor_motivador, incentivador, se_nao_mudar, porque_o_aluno_reclama de_um_professor que_nao_teve essa_metodologia, fica_dizendo, tia fulano_nao_fazia_isso, eles_sempre citam_professores que_trabalham que_nao_trabalham, tenho_uma_aluna #que_ela sempre_citava que_tinha uma_professora que_ja_tinha_apresentado o_conto_chapeuzinho_vermelho.

D2: Calcul des "segments répétés"

Seuls les 20 SR les plus fréquents sont retenus ici :

2 4 porque a_gente
2 1 O_fracasso_escolar para_mim

D2: Calcul des "segments répétés" par classe

*** classe n° 1 (20 SR maximum) ***

2 1 1 O_fracasso_escolar para_mim
2 1 1 porque a_gente

*** classe n° 2 (20 SR maximum) ***

2 2 1 porque a_gente

D3: C.A.H. des mots par classe

C.A.H. du contexte lexical A

Fréquence minimum d'un mot : 5
Nombre de mots sélectionnés : 6
Valeur de clé minimum après calcul : 2

Nombre d'uce analysées : 146
Seuil du chi2 pour les uce : 0
Nombre de mots retenus : 6
Poids total du tableau : 82

|---|---|---|---|---|---|---|---|---|

A4 na_escola	-----+-----+
A3 da_escola	-----+-----+
A3 esse_ano	-----+
A3 com_el+	-----+-----+
A2 que_nao_tem	-----+

C.A.H. du contexte lexical B

Fréquence minimum d'un mot : 5
Nombre de mots sélectionnés : 12

Valeur de clé minimum après calcul : 2

Nombre d'uce analysées : 76
 Seuil du chi2 pour les uce : 0
 Nombre de mots retenus : 12
 Poids total du tableau : 78

|---|---|---|---|---|---|---|---|---|

```

B5 acho_que      |-----+-----+-----+
B4 como_e_que   |-----+          |  |
B4 que_el+       |-----+-----+-----+ |
B4 se_voce       |-----+          |  |
B5 em_minha_opinioao |-----+-----+-----+ |
B4 da_familia    |-----+          |  |
B2 o_aluno       |-----+-----+-----+
B5 que_o_professor |-----+-----+
B4 alguma_coisa  |-----+
  
```

 * Fin de l'analyse *

Date : 29/ 7/**; Heure : 23:53:41

Temps d'execution : 0 h 0 mn 58 s